UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MEMÓRIA DO SANTO DAIME NA PARAÍBA:
vinte anos de histórias ao Som e na Luz da Floresta

Dávila Maria da Cruz Andrade Nascimento

João Pessoa- Paraíba
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MEMÓRIA DO SANTO DAIME NA PARAÍBA:
vinte anos de histórias ao Som e na Luz da Floresta

Dávila Maria da Cruz Andrade Nascimento

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.ª Drª. Maria Lúcia Abaurre Gnerre

João Pessoa- Paraíba
2014

N244d Nascimento, Dávila Maria da Cruz Andrade.
Memória do Santo Daime na Paraíba: vinte anos de histórias ao Som e na Luz da Floresta / Dávila Maria da Cruz Andrade Nascimento.-- João Pessoa, 2014.
173f.
Orientadora: Maria Lúcia Abaurre Gnerre
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE
1. Ciências das religiões. 2. Santo Daime - Paraíba. 3.Memória. 4. História oral.

UFPB/BC CDU: 279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

"MEMORIA DO SANTO DAIME NA PARAIBA: 20 ANOS DE HISTORIAS NA LUZ E NO SOM DA FLORESTA"

Davila Maria da Cruz Andrade

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Maria Lucia Abaurre Gnerre
(Orientadora/PPGCR/UFPB)

Iracilda Cavalcante de Freitas
(membro-externo/SEPB)

Dilaine Soares Sampaio de Franca
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

À minha família e ao povo do Santo Daime.

E a todos os Nordestinos que partiram de suas terras em busca de novos horizontes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a força criadora e mantenedora do Universo.

Ao Sol a Lua e as estrelas pelo tempo que a tudo transforma.

À Natureza divina por nos banhar com saúde e alegria e por existirem as plantas de poder.

Agradeço a meus guias e protetores pela coragem, luz e amor no meu caminho.

À Virgem da Conceição pela infinita misericórdia que tem pela humanidade.

Agradeço a Mestre Irineu por ser meu amigo e professor.

Ao Padrinho Sebastião pela luz que irradia de seu coração.

Agradeço aos meus antepassados, em especial a Vó Maria, Vô Luís, Vó Margarida e Vô João, e aos meus descendentes, inclusive os que virão.

À Professora Maria Lúcia Gnerre, que com leveza, alegria e paz instigou e orientou esse trabalho. Bendito dia que te conheci.

As professoras Dilaine Sampaio e Iracilda Cavalcante por estarem na banca e verdadeiramente contribuírem com esse trabalho, com compreensão, atenção e carinho, e pelas aulas.

À Capes pela bolsa de estudos.

A todos os professores e funcionários do PPGCR- UFPB, em especial a Márcia e David.

A Fábio Nascimento, meu companheiro, meu amigo, meu amor, meu irmão. Por ser um jardineiro dedicado, a sua colheita é certa! E pela produção na pesquisa de campo, de câmera a motorista.

Ao meu amado Pai, Chico Cazé, pelos cuidados e pela graça de ser sua filha, a cada dia, a cada fio de cabelo branco só aumenta esse amor. Agradeço a Deus por essa sintonia. Vida longa meu velho.

À minha Mãe Aparecida, flor mais perfumosa do meu jardim, agradeço, por ser quem és e pela oportunidade de tê-la como mãe e amiga. Por todo carinho e amor dedicado, por acreditar em mim e botar fé na minha vida e nos meus estudos. Te desejo um centenário.

À minha irmã Diva, por tudo que você representa pra mim, pelo apoio a meus estudos e a minha felicidade e por ser uma mãe amorosa e dedicada, Marina merece! Que a força do Amor que nos fez irmãs seja eterna.

A Davi por além de ser um irmão amável e maravilhoso, é companheiro de longa caminhada que me apoia em todos os projetos de vida. E de modo especial por ter sido a primeira pessoa a quem apresentei a ideia do projeto dessa pesquisa, e os esclarecimentos, força e orientação durante a realização. Por revisar o texto. E por me ajudar na transfiguração em pesquisadora, me ensinando a ver além, com os olhos da esperança.

À minhas sobrinhas Marina, Kayla, e meus afilhados. Pequeninos que irradiarem luz e esperança na minha vida.

Aos tios e tias em especial a Tia Madalena Garrido e Tia Freira (Ir. Geralda da Cruz) pela atenção e carinho na caminhada dos estudos.

Aos primos representados por Sheila Maria.

À Fabiana, Flávio (In memorian), seu Hamilton, Gracinha (In memórian), Mário e Edcarla por me acolherem em sua família.

Aos irmãos e irmãs do Santo Daime, que acreditaram na seriedade dessa pesquisa e deram apoio e força para sua realização. Não só do Céu da Campina onde foi realizada a observação principal, mas das outras igrejas também. E em especial as pessoas que concederam entrevistas, que deram seus depoimentos, abriram os livros de suas vidas junto à experiência religiosa no Santo Daime: Alex Polari de Alverga, Rômulo Azevedo, Pollyana Matias, Roberto Castro, Chico Nóbrega, Marconi Costa, Francisco Bernardino (Tim), Ronaldo Silva, Andréia Carrer e Marcelo Bolshaw. Além de tantos outros informantes, que informalmente participam dessa construção.

Em especial a Rômulo Azevedo por acreditar, participar e dar o aval para pesquisa de campo no Céu da Campina, e pelo apoio não só para essa pesquisa, em tantos momentos da vida.

À Íris Medeiros, pela idealização e empenho no Encontro da Nova Consciência.

A todos da turma-7 do PPGCR-UFPB, pelas amizades que construi e as pessoas especiais que encontrei, em especial Ana Cândida, Roberto Ravi, Harry, Davison, Débora e Arnaldo. Assim como aos outros alunos do programa que conheci. *Namastê*.

À Luna por ter me acolhido e apoiado no mestrado.

Ao professor Giovanni Boaes do Departamento de Ciências Sociais da UFPB, por orientar a primeira versão desse projeto, aqui realizado.

As irmãs de rocha, Larissa pela produção e vídeo, a Lays pela transcrição, e por todo apoio e amizade. Também agradeço por escutarem o desenvolvimento dessa pesquisa e pela amizade a Jack, Leon, Greyce, Cleidinha, Ivone, Patrícia Lourenço e Alethéa.

A seu Listênio e Dona Salete pela alegria e força para a realização dessa pesquisa.

À ela, que mais que ninguém esteve ao meu lado nos estudos, Lessy, milha filhota de pelos.

A Vilton pelo apoio e revisão do texto.

À Maíra Dias, Rayla e Anna Sílvia pela amizade e por terem me recebido em suas casas para as entrevistas dos esposos.

À Sheyla Aciolly pela amizade, pelas informações para essa pesquisa e pela parceria na escrita de trabalhos.

E a todos os irmãos e irmãs do Santo Daime agradeço a força e companhia na jornada. Desejo a nossa irmandade Harmonia, Amor, Verdade e Justiça e "que todos se desenrolem a trabalhar neste terreiro".

E todos os que emitiram ondas de amor, força e luz para a realização desse estudo.

Eu Agradeço e compartilho essa alegria com todos vocês.

Namastê!

RESUMO

O Santo Daime é uma religião que faz uso da bebida enteógena ayahuasca em seus rituais. Surgiu em meados de 1930 na cidade de Brasiléia, no Acre, região Norte do Brasil, fundada pelo maranhense Raimundo Irineu Serra que migrou para a floresta Amazônica nas levas do ciclo da borracha. Do bairro Vila Ivonete, com ares rurais e com forte presença nordestina, o Santo Daime segue um roteiro de características messiânicas de volta a floresta sob a liderança carismática de Sebastião Mota de Melo, e daí para o mundo. A presente pesquisa busca compreender como, no processo de expansão para os grandes centros urbanos e o exterior, o Santo Daime chega à Paraíba reúne o primeiro grupo de seguidores que formaram a primeira igreja do Nordeste e demais grupos paraibanos. Objetivamos saber quais componentes deste solo proporcionaram o estabelecimento desse segmento religioso neste campo, a formação do povo daimista paraibano, suas particularidades e tendências. Contamos como principal fonte de pesquisa os sujeitos deste campo, atores dessa história, que revitalizam a memória nos relatos durante as entrevistas, enviesadas na História Oral, e suas experiências de vida enquanto seguidores desse culto. Ancorada na categoria antropológica conhecida como observação participante ou mesmo participação observante, a pesquisa vai marcando seus contornos na construção da memória do Santo Daime na Paraíba, porta de entrada dessa religião no Nordeste, e seu desenvolvimento na região. Na Paraíba existem quatro grupos ou igrejas do Santo Daime, buscamos nessa pesquisa identificar, nas narrativas dos participantes, elementos históricos e culturais que compõem essa denominação religiosa no campo paraibano. Este é um estudo inédito quanto à presença e memória desse grupo religioso na Paraíba e no Nordeste.

Palavras-chave: Santo Daime, Paraíba, Nordeste, Memória, História Oral.

ABSTRACT

Santo Daime is a religion that makes use of entheogenic drink Ayahuasca in their rituals. Formed in the mid-1930s in the city of Brasiléia, State of Acre, north of Brazil, founded by Raimundo Irineu Serrawho, borned in Maranhão, he migrated to the Amazon rainforest in the waves of the rubber boom. From Vila Ivonete quarter, with rural ares and strong Northeast presence, Santo Daime follows a script messia nic characteristics around the forest under the charismatic leadership of Sebastião Mota de Melo, and thence to the world. This research seeks to understand how, in the process of expanding to large urban centers and abroad, the Santo Daime comes to State of Paraíba and brings together the first group of followers who formed the first church in the Northeast, and other groups from Paraíba. We aimed to know which components of this land provided the establishment of this religious following in this field, the formation of Paraiba's daimista people, their characteristics and trends. As the main source of research subjects of this field actors of that history that revitalize memory in reports during the interviews, biased in Oral History, and their life experiences as followers of this cult. Anchored at the anthropological category known as participant observation or even observant participation, the research will marking its contours in the construction of the Santo Daime in Paraíba, gateway of this religion in the Northeast, and its development in the region memory. In Paraíba there are four groups or churches of Santo Daime, this research sought to identify the participants' narratives historical and cultural elements that make up this religious denomination in Paraiba field. This is an original study for the presence and memory of that religious group in Paraíba and Northeast regions.

Keywords: Santo Daime, State of Paraíba, Northeast, Memory, Oral History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cipó *banisteriopsis caapi*, folha *psychotria viridis*, ayahuasca.

Figura 2 - O cipó e a folha, usados para preparar o Daime.

Figura 3- Raimundo Irineu Serra

Figura 4- Farda Branca Feminina

Figura 5- Farda Branca masculina

Figura 6- Sebastião Mota de Melo e Rita Gregório de Melo

Figura 7- Céu do Mapiá- Amazonas

Figura 8- Foto aérea- Céu do Mapiá

Figura 9 - Cruzeiro

Figura 10- Ponto de Yemanjá

Figura 11- Daniel Pereira de Matos

Figura 12- Interior de Templo da Barquinha

Figura 13- José Gabriel da Costa

Figura 14- Alex Polari de Alverga

Figura 15- " O livro da mirações"

Figura 16- " O Guia da Floresta"

Figura 17- Trabalho no Céu da Campina

Figura 18- Rômulo Azevedo

Figura 19- Hinário na Primeira sede do Céu da Campina

Figura 20- Pollyana Matias e Maria Cordeiro (Liberdade)

Figura 21- Roberto Castro

Figura 22 - Cipó Jagube (General)

Figura 23- Marconi Costa

Figura 24- Mesa de despacho doDaime

Figura 25 – Francisco Nóbrega

Figura 35- F. Nóbrega, Dávila Andrade, Pad. Valdetete.

Figura 26- Ronaldo Silva

Figura 27- Francisco Bernardino (Tim)

Figura 28- Andréia Carrer

Figura 29- Encontro da Nova Consciência (2011)

Figura 30- Interior da primeira igreja daimista no Nordeste.

Figura 31 – Bailado nos primeiros anos do Daime**.**

Figura 32 – Bailado nos primeiros anos do Céu da Campina.

Figura 33 – Sede do sítio Canta galo

Figura 34 – Igreja no Sítio de Mércia Xavier.

Figura 35– Sede atual do Céu da Campina

Figura 36 – Interior do Céu da Campina, mesa central.

Figura 37 – Cerimônia de casamento no Céu do Amanhecer.

Figura 38 – Hinário da Virgem da Conceição – Céu do Amanhecer.

Figura 39 – Toré com os índios Cariri-Xocó, no Céu do Amanhecer

Figura 40- Toré ao redor do Cruzeiro.

Figura 41- Céu de Coqueirinho.

Figura 42 – Céu da Flor da Nova Era

Figura 43 – Trabalho de Concentração- Céu da Flor da Nova Era

Figura 44– "Tempo" (1993) de Alexandre Segregio.

Figura 45 – Templo Sacrosanto, de Pablo Amaringo.

Figura 46- Batizado

Figura 47 - Cerimônia de casamento

Figura 48- Hinário –Trabalho Festivo

Figura 49- Trabalho de Cura

Figura 50- Cerimônia de fardamento

Figura 51- Colheita de Folhas

Figura 52- Cipó Jagube

Figura 53- Bateção do Cipó Jagube

Figura 54- Feitor cozinhando o Daime

Figura55- Feitio de Santo Daime

Figura 56 – Bandeira do Brasil e bandeira do Santo Daime

Figura 57- Interior da igreja - teto

Figura 58 – Imagem de Pablo Amaringo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	**PLANTA SAGRADAS E RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS**	15
1.1	Plantas sagradas	15
1.2	Santo Daime: origens, resignificações e tradições	19
1.3	Expansão e continuidade: Padrinho Sebastião	28
1.4	Outras Religiões Ayahuasqueiras	36
1.4.1	Barquinha	36
1.4.2	União do Vegetal (UDV)	39
1.4.3	Novos movimentos da Ayahuasca	40
2	**VEM CHEGANDO A FORÇA DA FLORESTA**	45
2.1	Metodologia: História Oral e Memória	45
2.2	Fundamentação teórica	48
2.3	Astral paraibano: considerações sobre o campo Daimista na Paraíba	50
3	**ETNOGRAFIA E BIOGRAFIAS**	52
3.1	Etnografia: estados de consciência e de olhar na Pesquisa de Campo e Observação Participante	52
3.2	Biografias: apresentação dos entrevistados	62
4	**MOSAICO DE MEMÓRIAS: histórias e narrativas ao Som e na Luz da Floresta**	81
4.1	Encontro da Nova Consciência: história e participação do Santo Daime	81
4.1.1	Emergência do Santo Daime no campo paraibano: trabalho inaugural e trajetória	86
4.2	Céu da Campina: inauguração da Primeira Igreja Daimista no Nordeste e locais de funcionamento	93
4.3	Igrejas do Santo Daime no litoral paraibano	97
4.3.1	Céu do Amanhecer	98
4.3.2	Céu de Coqueirinho	104
4.3.3	Céu da Flor da Nova Era	107
4.4	Elementos culturais presentes no Santo Daime	109
4.5	Plantas de poder, estados de consciência e miração	112
4.6	Santo Daime: uma doutrina musical	124
4.7	Cura: compreensões e testemunhos	143
4.8	Vida comunitária: experiências de convivências e conflitos	151
4.9	Experiência religiosa, sagrado e revelação: “Santo Daime um Ser Divino”	159
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
	REFERÊNCIAS	
	APÊNDICES	
	ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Buscamos compreender como se forma uma religião e como vão sendo formadas suas fileiras de seguidores. Refletir sobre a tradição sua conservação, adaptações ocorridas com o tempo a cada espaço onde se insere e a soma na sua liturgia de conteúdos regionais, são questões presentes nesta pesquisa. Nossa busca é trilhada no Santo Daime, religião que começa a ser instituída no Acre, região Norte no Brasil, em meados de 1930. Ou já vinha em processo de formação desde os usos primordiais do elemento enteógeno[1] que o grupo tem por sacramento, a ayahuasca[2] e, até hoje, continua em constituição posto ser uma religião viva, claro com seus dogmas ou bases, uns mais engessados outros mais flexíveis. Seu fundador, o negro maranhense Raimundo Irineu Serra (1890-1971), conhecido por Mestre Irineu, resignificou os usos da ayahuasca criando novos padrões orientadores. Irineu testemunhou, segundo ele e o mito fundador do Santo Daime, uma aparição Mariana na floresta amazônica, fronteira com a Bolívia, sob o efeito da ayahuasca e o brilho da lua, essa aparição resultou no cumprimento da revelação tida por Irineu: a Virgem da Conceição lhe entregara a missão e os fundamentos para fundar uma nova doutrina religiosa posicionando a bebida sagrada dos índios como um elemento central associado a um complexo religioso formado progressivamente, cuja finalidade é a prática educação espiritual baseada nos ensinos transmitidos pelas plantas professoras e expressados nos hinos.

As pesquisas sobre as religiões ayahuasqueiras, a exemplo do Santo Daime, realizadas a partir dos mais variados temas e pontos de vista, crescem a cada dia em número e qualidade, formando assim uma vasta bibliografia do assunto disponível para fonte de pesquisa, da qual aqui lançamos mão. Um ponto deste campo de estudos e produção acadêmica que me chamou atenção, e que agora identifico como elemento impulsionador dessa pesquisa, é a pouca relevância da produção acadêmica sobre a expansão do Santo

[1] "Substância capaz de mediar diversas partes da psique, facilitando o acesso do seu consumidor ao Self". Ou simplesmente que liga o homem a Deus, ou ainda o encontro do homem com seu Eu superior. O termo "enteógeno" significaria literalmente "manifestação do interior divino". É um neologismo proposto por investigadores como Gordon Watson, que na década de 70 estudaram estados alterados de consciência e plantas de poder. A este respeito, cf. FERREIRA, GNERRE E POSSEBON, 2011, p. 60. Segundo LABATE e PACHECO, o termo enteógeno foi proposto por Gordon Wasson, Albert Hoffman,e Carl Ruck para referir-se as plantas que tem sido usadas como instrumentos sagrados de êxtase. Do grego *entheos* significa "inspirado ou possuído por um Deus" e o sufixo *geno* designa "geração, produção de algo". Assim, uma tradução possível seria "aquilo que produz uma inspiração ou possessão divina" (2009, p.49).

[2] Yagé, Hoasca ou mesmo Huasca. A palavra ayahuasca pertence a língua quéchua. De acordo com Luna (1986), *Aya* quer dizer 'pessoa morta, "alma", "espírito" ("*dead person, soul, spirit*") e *Waska* significa "corda", "liana", "cipó" ("*cord, liana, vine*"). Assim poder-se-ia traduzir ayahuasca em português como "corda (liana, cipó) dos mortos (da alma, dos espíritos)" (ver LABATE, 2005, p. 398)

Daime para o Nordeste, salvo tese de doutorado de José Erivan Bezerra de Oliveira[3] sobre a transmissão do conhecimento através dos hinos e tendo em vista o local de fala, Fortaleza, Ceará. O trabalho dá segundo ele apontamentos sobre a história do Santo Daime no Nordeste, por esse motivo foi muito valioso para a pesquisa.

Existem pesquisas sobre a expansão para os grandes centros urbanos sulistas, Rio, São Paulo e Brasília, que ocorrida há 30 anos, e sobre o processo de expansão para o exterior, contudo, nada se fala da vinda para o Nordeste. Em espaços virtuais que contam a trajetória dessa religião é como se no Nordeste ela simplesmente não existisse. Identificada a lacuna embarcamos no que hoje reconhecemos como os primeiros passos da pesquisa de campo, delineada pela observação participante, nos ouvidos e olhos atentos as histórias tanto recontadas pelos mais jovens, quanto pelas valiosas memórias dos mais velhos, expressas nas experiências pessoais, nas tentativas de acertos quanto a pertença a um segmento religioso com fortes premissas de tradição oral e na conservação das bases doutrinárias.

Nosso campo de pesquisa está no Estado da Paraíba, porta de entrada do Santo Daime na Região Nordeste. Fomos guiados pela configuração do próprio campo a optar por dar voz aos próprios sujeitos formadores por meio da coleta de dados para esse registro. O método de coleta empregado aqui é a História Oral[4], não deixando de abarcar parte da história de vida e sua experiência enquanto seguidor da religião em tela. Temos como instrumento ou meio entrevistas livres, onde o entrevistado narra livremente e o roteiro figura como uma bússola, mas sem se prender a ele. Esses depoimentos foram gravados em áudio e vídeo, também contamos com registros visuais dos rituais e demais atividades que juntos nos dão as ferramentas para a coleta de dados, além das categorias antropológicas do estar em campo na condição da observação participante, ou mesmo a participação observante.

O texto resultante da pesquisa está distribuído em quatro capítulos. O primeiro capítulo abrimos com um breve diálogo sobre plantas de poder, em seguida fizemos uma abordagem panorâmica das três grandes religiões ayahuasqueira: Santo Daime, suas tradições e processo de expansão; União do Vegetal (UDV), suas origens e formato ritual; Barquinha, sua fundação e algumas de suas categorias principais, além de apontarmos "novos movimento da ayahuascca". No segundo, adentramos ao campo de pesquisa do Santo Daime na Paraíba e no Nordeste, apresentamos a fundamentação teórica, a metodologia e as considerações iniciais sobre o campo daimista paraibano, juntamente com o mapeamento das igrejas do Santo Daime no Estado a suas histórias. A etnografia com a descrição do trabalho de campo e

[3] Ver OLIVEIRA (2008).
[4] Ver ALBERTI (2005).

relatos da observação participante, e, por fim, a apresentação dos entrevistados, através de suas biografias estão no terceiro capítulo.

Enfim, no quarto capítulo, tratamos a nossa principal fonte de pesquisa, a memória das pessoas que participaram e participam da história da emergência e desenvolvimento do Santo Daime na Paraíba. Buscamos montar um mosaico das falas, sobre os temas que nos permitem observar as histórias e trajetórias da formação do grupo da primeira Igreja Daimista do Nordeste, assim como o trabalho inaugural, num sentido formal, deste Culto no ano de 1993 na segunda edição do Encontro da Nova Consciência em Campina Grande. Seguindo, apresentamos a contribuição a construção da memória daimista paraibana com as histórias das igrejas do litoral: Céu do Amanhecer, Céu de Coqueirinho e Céu da Flor da Nova Era, contadas por seguidores. No decorrer do texto aparecem imagens: fotos da pesquisa de campo, fotos antigas e imagens ilustrativas para darem melhor compreensão do que está sendo descrito.

E como momento essencial desse mosaico, na busca de compreender as características locais e tendências dessa religiosidade na Paraíba, apresentamos e analisamos questões levantadas em campo e abordadas nas entrevistas: elementos culturais do Santo Daime; plantas de Poder, estados de consciência e miração; a musicalidade na doutrina, os hinos; cura, compreensões e testemunhos; experiências na vida comunitária, convivência e conflitos; e, por fim, os relatos sobre a experiência religiosa neste culto. Registramos também outros temas de alcance das entrevistas que não são tratados no texto. Contamos com uma pasta de apêndices e anexos com os seguintes itens: Memória visual (coleção de fotos do campo, antigas e colhidas durante a pesquisa), Termos de autorização dos entrevistados e ata de fundação da Primeira Igreja Daimista do Nordeste, Céu da Campina.

Para a presente pesquisa, partimos da antropologia da religião, inseridos nas Ciências das Religiões, no PPGCR-UFPB. Considerando que os estudos contemporâneos nessa área sobre religião vêm se destacando com olhares renovados sobre as transformações no campo da religiosidade, e de modo relevante no caso brasileiro, como afirma Camurça "por meio da observação dos "Novos Movimentos Religiosos" (NMR) que vêm eclodindo no Brasil e no Mundo" (CAMURÇA, 2005, p.13).

Quando eu cheguei numa Campina
Vi um formoso Batalhão
Também vi uma Senhora
Com uma bandeira na mão

Quando essa Senhora me viu
Veio comigo falar
Há tempo eu estou te esperando
Para tudo isso eu te entregar

Você me zele essa Campina
De brilhantes pedras finas
Conservando a Santa Luz
No caminho que eu destino

Mestre Irineu
(Hino 96, Hinário o Cruzeiro)

1 PLANTAS SAGRADAS E RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS

1.1 Plantas sagradas

A vastidão do reino vegetal é um espelho tão diverso e misterioso, quanto os mistérios indecifráveis da existência impressos na diversidade humana. E a floresta interna da alma ou do Ser assim como cada planta que nasce nativa ou semeada na terra, na água ou nas pedras tem sua motivação de ser. Cada qual carrega em si códigos ou substâncias, sejam remédios ou venenos, capazes ou não de curar males e tratar doenças, de acordo com a posologia e processo alquímico a que é submetida. Dentre essas, há um grupo que chama atenção por suas capacidades psicoativas, capazes de induzir a estados não ordinários de consciência (ENOC), ou estados alterados de consciência, ou mesmo a expansão da consciência. Segundo Mikosz:

> autores como Lewis-Williams admitem que os até então chamados *estados alterados de consciência* são, na realidade, estados *alternativos* ou *não ordinários* dela, ou seja, são estados *genuínos* de consciência e nem sempre a mera alteração, distorção, perversão ou patologia da consciência "normal",

> ou de "contato normal" com a realidade. [...] Tanto os estados ordinários como os não ordinários de consciência têm seus prós e contras. A consciência ordinária é pródiga em grandiosas realizações em todas as áreas técnicas, filosóficas, científicas e artísticas, porém, nem por isso livre de erros ou de mau uso. A consciência não ordinária, por sua vez, pode trazer clareza e discernimento, aumento da criatividade ou apenas ilusões e enganos (MIKOSZ, 2009, p. 22).

Em algumas culturas as plantas com poderes, ou mesmo as plantas de poder, são consideradas sagradas e, ao seu uso ritual são atribuídos possibilidades curativas e clarividentes. Neste sentido, são chamadas plantas professoras, assim o próprio componente do reino vegetal é tido como um ser dotado de sabedoria e capaz de transmitir ensinos da consciência vegetal[5] para a consciência humana. A transmissão desses ensinos acontece, além das experiências nos estados êxtase envolvendo sensibilização dos sentidos e visões, pela via musical. Essa parece ser uma característica das culturas de usos das plantas sagradas[6]: nos usos indígenas e xamânicos da ayahuasca, têm-se cânticos e ícaros; nos usos religiosos-doutrinários, têm-se hinos, pontos, chamadas e salmos[7].

Alex Polari de Alverga (1996), em "Seriam os deuses alcalóides?", trata do emprego das plantas de poder, desde a antiguidade como indutor dos estados expandidos ou alterados da consciência, e ainda, do seu papel como fator acelerador no processo evolucionário da consciência humana. Alverga argumenta:

> alguns autores, entre eles Wasson e Mckenna, apresentam uma sólida argumentação, que eu também partilho nessa exposição, de que uma das causas principais da súbita irrupção da auto-consciência humana teria sido a simbiose do homem com o mundo vegetal e especificamente com os psicoativos. [...] Levi Strauss, comentando a obra de Wasson, analisa o mito da árvore do conhecimento e a história bíblica de Adão e Eva, comendo o fruto proibido, como a metáfora do contato do homem com o enteógeno primordial. Em outras palavras, esse seria o momento da mudança do estado indiferenciado de clarividência nebulosa para o de auto-consciência lúcida, o que trouxe como consequência a sua expulsão do Éden (ALVERGA, 1996, s/p).

O autor ainda fala dos primeiros registros de usos de psicoativos, os fungos ou cogumelos, definidos por Eliade como as primeiras hierofonias vegetais (manifestação do sagrado, neste caso num vegetal). Mircea Eliade em "O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas

---

[5] Sabedoria das plantas. As plantas de poder são chamadas plantas professores por transmitir os ensinos a consciência humana quando em estados expandidos da consciência pelo uso dessas substancias.

[6] Os exemplos para essa questão seriam muitos, mas por hora lembramos dos hinos védicos inspirados pela bebida sagrada soma. Ver Ferreira e Gnerre (2011).

[7] Sobre a questão desses cânticos trataremos melhor a seguir em mais de um momento no texto.

do Êxtase" (2002), esclarece que o xamanismo e o uso das plantas de poder foram considerados como a primeira forma de conhecimento empregada pelos povos primitivos do mundo inteiro. Esse conhecimento era, e é obtido, através do transe ou alterações de consciência possibilitadas, conforme Alverga, pelo uso das plantas. Vejamos:

> Como a maior evidência arqueológica das contribuições realizadas, quando na passagem dos "Deuses Alcalóides" pelos labirintos da consciência humana, está a presença da serotonina, neuro-transmissor cerebral encarregado de estimular os receptores dos neurônios e que tem praticamente a mesma estrutura molecular da DMT (dimetil-triptamina) alcalóide presente nas várias plantas enteógenas usadas pelos homens desde a antigüidade. (ALVERGA, 1996, s/p)

O uso de enteógenos por seres humanos existe há pelo menos 50 mil anos (LABATE, 2003). A prática do uso dessas substâncias em contexto cultural, ritual e religioso se faz presente desde os povos que habitavam as matas e florestas onde as plantas são nativas e tem se estendido a usos modernos urbanos. Propomos aqui tratar temas dos usos desenvolvidos pelas religiões ayahuasqueiras, grupos que tem como sacramento a ayahuasca bebida produzida a partir do cipó *banisteriopsis caapi* e da folha *psychotria viridis* (chamados no Santo Daime, respectivamente, Rei Jagube e Rainha da Floresta), que no contexto indígena podem ser substituídas ou a ela acrescentadas outras espécies com potenciais químicos semelhantes ou similares. No contexto a que nos detemos, são utilizadas somente as duas espécies citadas acima, acrescentadas de água e cozidas em fogo. Existe regras entre as religiões ayahuasqueiras, inclusive envolvendo questões jurídicas de regulamentação do uso, pactuada num documento chamado Carta de Princípios das entidades religiosas usuárias do chá Hoasca de 1991[8], que delimitam o preparo, as recomendações dos usos rituais religiosos, os cuidados, restrições e difusão de informações.

A ayahuasca, (figuras 1 e 2) antes do surgimento das chamadas religiões ayahuasqueiras já era bem difundida entre os moradores nativos ou não da Amazônia. Seus usos foram e são aplicados, segundo diferentes tradições sagradas e profanas, para fins de cura, transe, alcance visionário, diversão, caça, e na guerra como recurso aos guerreiros Incas e amazônicos. No início do século XX Raimundo Irineu Serra uniu a um leque de tradições já complexas presentes nas práticas vegetalistas indígenas características fixas, como o uso da bebida sagrada, e moventes, das mais variadas forças de composição religiosas do rico campo sociocultural brasileiro. Entre esses, costumes do Nordeste rústico os quai até hoje estão impressas largamente por daimistas em grandes centros urbanos. Uma dessas marcantes forças de composição é a religiosidade e

[8] Disponível em www.neip.info

cultura afro maranhense expressada no Tambor de Mina e nas festas populares do Nordeste brasileiro.

Figura 1- Cipó *banisteriopsis caapi*, folha *psychotria viridis*, ayahuasca[9].

Figura 2- O cipó e a folha, usados para preparar o Daime[10]

German Zuluanga em "A cultura do Yagé, um caminho de índios" (2002) afirma que o conceito de transe ou as mudanças de consciência no indivíduo, há vários séculos, são interpretadas como perturbações ou patologias e se definem com o termo alucinação. Assim embora o uso dessas plantas não sejam bem compreendidas pela sociedade ocidental e pelos segmentos mais controladores dessa sociedade, o autor aponta:

> a busca do transe parece ser uma constante do chamado *Homo sapiens.* É próprio das diferentes tradições religiosas promover o transe através de

[9] Imagens dispostas na internet.
[10] Plantas cultivadas em Lagoa Seca – PB (Céu da Campina) Foto: Dávila Andrade

> mecanismos endógenos: oração, mantras, meditação, jejuns, vigília, mortificação, exercícios corporais, respiração, entre outros. Estas práticas ascéticas buscam, em todos os casos, uma comunicação com a realidade espiritual, outra realidade, e uma alteração de consciência para perceber de modo diferente a realidade material. Os trabalhos sobre o fenômeno do xamanismo revelam que também o transe se converte no objetivo mais importante. Entretanto isso é feito aqui através de mecanismos exóganos; ou seja, mediante consumo de substâncias e plantas que produzem alterações de consciência. Estas plantas têm sido chamadas alucinógenas, psicotrópicas, extasiantes, psicopompas, enteógenas, ilusionistas e não são bem compreendidas pela ciência ocidental. (ZULUANGA, 2002, p.130)

Podemos afirmar que em todas as culturas, desde muito tempo, o ser humano explora a diversidade de possibilidades de chegar a estados alterados de consciência. Muitos povos fizeram ou fazem uso, num contexto religioso, de plantas enteógenas. A tela das visões projetadas pelas lembranças ancestrais mais remotas, inscritas nas cavernas interiores da humanidade pelo uso das plantas de poder, está longe de ser totalmente decifrada. Hoje já contamos com um número considerável de estudos e pesquisas sobre o tema. O encanto em aliar fé e razão chamam cada vez mais atenção dos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento na aplicação de suas ciências, possíveis modos de pesquisar os sistemas religiosos mais (im)possíveis. As tradições orais, escritas, pensadas, sentidas inspiradas cantadas e praticadas pesam e flutuam em contrastes tanto quanto em continuidades, e estão a transformar as diversas formas de crer que o sagrado se expressar ou se manifesta a humanidade.

1.2 Santo Daime: origens, resignificações e tradições

Figura 3 - Raimundo Irineu Serra

O Santo Daime, religião fundada por volta de 1930 no Acre, pelo maranhense Raimundo Irineu Serra (1890-1971) (figura 3), compõe, ao lado da Barquinha e da União do Vegetal (UDV), além de novos usos urbanos, dissidências ou não desses grupos, o quadro das religiões ayahuasqueiras. No Santo Daime há duas vertentes ou linhas[11] principais: Alto Santo, que permanece quase restrita ao Estado do Acre e Culto Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS) com sede na Vila Céu do Mapiá, Amazonas, tendência mais expansiva, que já se faz presente em várias capitais brasileiras e no exterior, também conhecida como a linha do Padrinho Sebastião, que surgiu com a morte do fundador. Esses grupos têm como sacramento, a ayahuasca, veículo de ligação com o divino, classificada como uma beberagem produzida a partir de plantas de poder, contendo substâncias psicoativas e nesse contexto melhor classificada como enteógena. O seu uso sacramental, considerado capaz de alterar dimensional e ordenadamente[12] a consciência, é registrado na história da humanidade, desde tempos imemoriais, nas mais diferentes culturas. Para Labate e Pacheco (2009),

> embora alguns estudos possam expressar uma certa tendência reducionista ao colocar muita ênfase na ayahuasca como substância, destacando o consumo do Daime ou do Vegetal como a dimensão única ou central desses movimentos religiosos, a reflexão sobre o temas das religiões ayahuasqueiras extrapola em muito a questão da substância em si. (LABATE e PACHECO, 2009, p. 55)

Essa bebida cerimonial, usada em rituais de cura e transe, é feita pela decocção do cipó *banisteriopsis caapi* (que contém os alcaloides harmina e harmalina, d-leptaflorina) e das folhas da *psycotria viridis*, um arbusto que contém dimetil-triptamina (DMT) [13]. Falaremos aqui do caso do Santo Daime. Neste contexto "a bebida tem um 'corpo social' representado pelos fiéis ('aparelhos') que a afirmam e nela acreditam, 'aparelhando' e testemunhando a

[11] Neste texto, quando falarmos de modo reservado sobre uma linha ou vertente será especificado. Sobre "Linhas" ver Goulart (2004).
[12] Ver La Roque (2002).
[13] Estudos farmacológicos sugerem que a harmina e a d-leptaflorina (ambas beta-carbolinas) inibem a produção de enzima monoamina oxidase (MAO). Essa, normalmente presente no sistema digestivo, tem a função de decompor ou oxidar compostos do tipo da triptamina. Na sua ausência esse composto chega ao cérebro e é o responsável pelos efeitos psicoativos da bebida. (BRITO, 2004) Embora haja relatos de índios que simplesmente mascam a *Banisteriopsis caapi*, conseguindo obter efeitos psicoativos mesmo na ausência do inibidor de MAO tradicional, estudos realizados por Dennis Mackenna sugerem que para isso são necessárias grandes quantidades do cipó. (OTT, 1994; MOREIRA e MACRAE, 2011)

presença de seres míticos e das entidades ensinadoras do panteão específico de cada linha ritual" (LA ROQUE, 2002, p. 393).

Quanto às representações simbólicas das influências culturais presentes no Santo Daime, tanto em parâmetros estéticos como também na essência litúrgica (hinos) a pesquisadora Beatriz Labate afirma:

> O culto do Santo Daime foi formado a partir de um conjunto muito diverso de elementos culturais. Muitos desses elementos pertencem a domínios amplos da cultura brasileira, com o catolicismo popular, cujo espírito se encontra presente em praticamente todo o país, ou as danças de origem europeia que, devidamente abrasileiradas, foram incorporadas à cultura popular de diversas regiões, como a valsa, e a mazurca, que hoje são dois dos ritmos básicos do Daime. [...] tais como as práticas ayahuasqueiras indígenas, a cultura dos seringueiros da Amazônia, o catolicismo rústico, o exoterismo europeu, o espiritismo kardecista e as religiões afro-brasileiras (LABATE, 2009, p.300).

Para Goulart (2002, p. 278) se o termo Santo Daime é apenas mais um termo para essa antiga beberagem, por outro lado o culto daimista rompe com a antiga tradição de uso do chá, inaugurando uma nova forma de consumo da ayahuasca na sociedade do homem branco. Desde sua formação a tradição, ou melhor, as tradições daimistas[14] têm valores cristãos inspirados no tronco originário[15] constituído por Raimundo Irineu Serra, negro, nascido no Maranhão, migrando para a Região Norte nas levas do ciclo da borracha. Irineu Serra uniu, entre outras tradições que com o passar dos anos encontram espaço na doutrina, elementos do contexto sociocultural, histórico e da religiosidade do seu tempo. Os estudos sobre a formação do Santo Daime remetem-nos a primeira década do século passado por volta de 1910 quando Mestre, ou Padrinho[16] Irineu, como ficou conhecido, conheceu a ayahuasca. Reza a tradição daimista que Mestre Irineu, antes de fundar sua religião, teria convivido durante longo período com índios e caboclos amazônicos, com quem teria tido os primeiros contatos com a ayahuasca (Labate e Pacheco, 2009, p. 27). Alguns daimistas acreditam na existência de um personagem mítico que teria apresentado o chá a Irineu: o mestiço peruano Crescêncio Pizango, herdeiro o conhecimento dos Incas. Costumes vegetalistas amazônicos imprimiam aí variados usos desde o Xamanismo indígena ao consumo pelos caboclos com finalidade de

[14] Consideramos que a linha instituída por Sebastião Mota de Melo, mesmo conservando costumes e crenças de Mestre Irineu, inaugura uma nova tradição.
[15] Expressão utilizada por Alves Jr. (2009) em sobre a incorporação da Umbanda pelo Santo Daime.
[16] No Santo Daime costuma-se chamar os dirigentes das igrejas de Padrinho ou Madrinha. Goulart (1996) identifica o sistema de compadrio vigente no meio rural brasileiro como uma das raízes culturais do Santo Daime, e origem desta denominação assimilada desde o inicio da organização comunitária *apadrinhada* por Mestre Irineu.

cura, caça, guerra, e transe para descoberta de causas e afastamento dos males; e ainda: adivinhação, feitiçaria, "porre de cipó", etc. Vejamos a seguinte afirmação sobre esses momentos iniciais da formação do Santo Daime:

> Para MacRae, a iniciação de Irineu teria seguido elementos básicos da iniciação xamânica, como a ideia de que as plantas são habitadas por um espírito, uma "mãe", ou um "dono". No caso do daime (bebida), entretanto, os ensinamentos seriam percebidos como oriundos da Virgem da Conceição, explicitando uma influência cristã e ocidental. O autor atenta para o fato de que tal ética cristã acaba por afastar o Santo Daime da ambivalência moral entre bem e mal existente num contexto do vegetalismo peruano. (LABATE e PACHECO, 2005, p. 238)

O momento da iniciação do jovem Irineu habita o imaginário daimista e faz parte do Mito fundador da religião. Vejamos o relato de Luis Mendes, seguidor que conviveu com Irineu Serra a respeito desse momento mítico:

> Nesse período ele conheceu a aoasca num seringal próximo ao Peru, com um companheiro. Seu nome era Antônio Costa. Ficaram morando juntos. Antônio Costa não era seringueiro. Explorava um negócio de regatão. Comprava e vendia borracha. Ele lhe deu a notícia sobre uns caboclos no Perú, que bebiam a ayahuasca. Só que lá o pessoal que tomava essa bebida tinha um pacto satânico para fazer fortuna e facilitar ávida de cada um. O mestre, até então, tinha procurado sempre por Deus, mas Deus tinha dado tão pouco a ele, naquela luta danada pra sobreviver. Resolveu experimentar a bebida e foi até lá. Tomou a bebida e quando os outros começaram a trabalhar, botaram a boca no mundo chamando o demônio. Ele também começou a chamar. Só que na proporção que ele chamava o demônio, eram cruzes que iam aparecendo. Ele se sentiu sufocado de tanta cruz que apareceu. O Mestre começou a analisar: "O diabo tem medo da cruz, e na medida em que eu chamo por ele, aparecem as cruzes. Tem coisa aí [...]". Ele pediu para ver uma série de coisas. Tudo que ele queria, ele pode ver [...] E assim foi a primeira vez [...]. (Luis Mendes) (MOREIRA E MACRAE, 2011, p. 88)

Conforme relato junto aos seus conterrâneos os irmãos André e Antônio Costa, Irineu inaugurou o uso urbano da bebida, já utilizada cerimonialmente pelos incas[17], fundando o Centro de Regeneração e Fé (CRF) [18] na cidade de Brasiléia, no estado do Acre, funcionando entre 1913 e 1929[19]. Na sua fundação, essa religião já apresenta traços mediúnicos,

[17] Ver obra "Os Incas, as plantas de poder e um tribunal espanhol" (2005) de Fernando Ribeiro, sobre o uso incaico.
[18] Essa sigla até hoje estampa os bolsos das camisas das fardas (a azul) femininas. CRF também indica Centro da Rainha da Floresta, esse segundo sentido teria sido inserido por Mestre Irineu posteriormente.
[19] Junto a esses dois irmãos, Irineu fundou o Círculo de Regeneração e Fé (CRF), centro esotérico anterior ao Santo Daime, no qual já utilizavam ritualmente a *ayahuasca*, seguindo preceitos e ensinamentos do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (CECP). As sessões que realizavam eram itinerantes, estratégia utilizada para fugirem das perseguições policiais, muito comuns na época, incidindo sobre cultos populares de uma maneira geral. O CRF sofria estigmatização exacerbada em função da cor negra da maioria de seus participantes.

representados na revelação ou visão tida por Irineu, que para os daimistas, recebeu da Virgem da Conceição, que apareceu sob a lua e entrega o globo mundial a Irineu, a missão de fundar a doutrina [20].

No início do século XX o fundador da "doutrina da floresta" chega a Amazônia. Era o final do primeiro ciclo da borracha, quando chegaram à região Norte levas de nordestinos em busca de melhores condições de vida, instigados pelas promessas do ciclo da borracha, sendo o próprio Mestre Irineu, como ficou conhecido, um soldado da borracha. Sobre esse período histórico Monteiro da Silva considera:

> O surgimento do ciclo da borracha [...] se inicia em 1845 e intensifica-se em 1877. A população da região amazônica passa de 330 mil pessoas em 1872 para 1 milhão e 400 mil em 1929 (BENCHIMOL, 1981). Com a migração nordestina, vinha grande contingente do Maranhão, considerado o mais importante pois, com este, se formaria o que o autor denomina "horizonte dos cultos afro-amazônicos", decorrente de uma tradição dos cultos afro-brasileiros do estado do Maranhão, que acompanhou o fluxo migratório, espalhando-se por toda Amazônia. Ou seja, na mesma época em que por todo o Brasil disseminavam-se correntes espíritas populares, entre elas a Umbanda sulista, na Amazônia surgiam e se fortaleciam manifestações religiosas levadas por migrações procedentes principalmente do Maranhão. (MONTEIRO DA SILVA, 2002, p. 417)

A presença do fundador do culto do Santo Daime nas fileiras militares justifica as referências daimistas nativas de "farda", "batalhão", "soldados da rainha", "exército de juramidan", "comandante" (figuras 4 e 5). Os uniformes usados pelos seguidores são chamados de fardas, daí serem chamados de fardados, e fazem referências claras ou se assemelham aos trajes do Baile de São Gonçalo, festa popular no Maranhão realizada na região de São Vicente Férrer, cidade onde nasceu Irineu. Por volta de 1958, ao voltar de viagem ao Maranhão, quando reencontrou parentes e amigos, tem um forte contato com a cultura maranhense, e promove inovações na doutrina. Nesse período, ele aplicou mudanças nas fardas, mas foram mudadas outras vezes, chegando ao modelo usado hoje:

Os rituais deste grupo já possuíam forte caráter espírita, nos quais, geralmente, Antônio Costa recebia comunicações, num processo de comunicação psicográfica. Estas mensagens eram assinadas por seres que se identificavam como reis, rainhas e princesas, invocados por meio de chamadas. Além das comunicações, também se realizavam consultas, nas quais as entidades receitavam remédios e procedimentos aos consulentes, bem como respondiam às questões que, porventura, as pessoas trouxessem. Monteiro da Silva sugere que, neste grupo, já existiam elementos constitutivos do universo simbólico afromaranhense, que podem ser reconhecidos nas entidades que se apresentam como reis, rainhas, príncipes e princesas, comuns na *encantaria maranhense.* Ver Monteiro da Silva (2002).

[20] O daimistas se referem a religião do Santo Daime como doutrina.

Figura 4- Farda branca feminina[21]

Figura 5– Daimistas usando a farda branca[22], na composição a mesa de despacho (onde é servido o daime).

As origens do Santo Daime remontam, portanto, a urbanização seringueira onde o individualismo desconhecido pelo nordestino reascendeu em seu coração a chama da vida comunitária (BOLSANELLO, 1995, p.78). A influência nordestina junto aos costumes dos caboclos da Amazônia, em meio à crise da borracha, levou o que seria a primeira comunidade daimista a adotar práticas, até hoje em uso, herdadas de costumes antigos como os mutirões e o compadrio[23]. Clodomir Monteiro da Silva (2002) fala sobre "o processo de formação dos

[21] Tecido branco, podendo ser um vestido ou saia e blusa separadas. A saia longa plissada, e a blusa de mangas longas. Por cima faixa verde com estrela e roseta no peito, e na cintura um saiote na cor verde bandeira. Usa com calçado fechado e meia preferencialmente na cor branca. E na cabeça uma coroa em referência a Virgem da Conceição. Na foto estão: Larissa, Anita, Sany, Decinha, Pollyana Matias, Mirna Brás e Mércia Xavier. Foto: Dávila Andrade.

[22] Camisa de manga longa e calça branca (com fitas verdes costuradas na parte externa das pernas), terno, na cor branca e gravata azul marinho. No peito a estrela que receberam no momento do fardamento. Na foto da esquerda para a direita: Rômulo Azevedo, Valdete Gregório de Melo, Marconi Costa e Kallil Gibran.

[23] Ver Monteiro da Silva (2002) e Goulart (2004).

cultos afro-amazônico e algumas características da tradição ayahuasqueira" que predominava na região na época do surgimento do Santo Daime.

> No Daime destacam-se "traços das religiões mediúnicas de aculturação africana" mas a tônica predominante seria dada pelo "indio americano" [...] afirma que o surgimento do Culto do Santo Daime responde a necessidades e pressões do contexto macrossocial amazônico, no momento marcado pela crise da economia da borracha e pelo processo de migração urbana. As comunidades daimistas situar-se-iam a meio caminho entre as populações rústicas e as urbanizadas, representando formas sociais alternativas à desorganização gerada pelo modelo de ocupação da terá. O Santo Daime seria um sistema cultural adaptativo. Ou um ritual de passagem, para os seringueiros expulsos dos seringais e os nordestinos fixados no exílio. O culto resultante entre o encontro da cultura ameríndia e a "cultura urbanizada" é descrito, ainda, como um "transe xamânico individual e coletivo" (MONTEIRO DA SILVA, 2002, p. 416).

O autor citado acima apresenta a hipótese de Furuya (1993, 1994), considerando as características formadoras particulares de certos grupos, correspondentes a cada tempo e espaço histórico, nessa ótica, os cultos afro-brasileiros na Amazônia poderiam ser diferenciados dos padrões conhecidos em todo país. Nessa visão, estariam nas bases das religiões populares amazônicas uma mescla de catolicismo popular, na crença dos santos e as tradições indígenas representadas na pajelança, crença na cura pelos espíritos ancestrais e no poder das plantas.

Esta visão situa o Santo Daime entre os cultos afro-amazônicos, tendo em vista a junção de elementos culturais na formação da religião, em diálogo com seu tempo e espaço e com a participação ativa da memória e vivência religiosa anterior de seus participantes. Segundo Goulart (2002, p. 278) "as transformações no modelo de consumo da ayahuasca, que levaram entre outras coisas a formação do culto daimista, só podem ser entendidas em função de um quadro maior, no qual toda a antiga cultura rústica brasileira passava por profundas mudanças".

Labate e Pacheco (2005) sugerem alguns elementos específicos do universo maranhense que provavelmente tiveram influência central na formação do Santo Daime: o tambor de mina e a pajelança; a festa do Divino Espírito Santo; o baile de São Gonçalo e outras possíveis influências com referências no próprio hinário do líder. Mesmo não sendo comprovada a participação de Irineu, especificamente em terreiros ou casa de mina, esses elementos da cultura popular e religiosa maranhense, em dados momentos, encontram-se com o Tambor de Mina. Segundo Ferreti:

> 'Tambor de Mina' é a manifestação religiosa típica do Maranhão. Surgiu em São Luís, antes da abolição da escravidão (ocorrida em 1888), mas a muito saiu da capital e foi levado para as cidades litorâneas e do interior do estado, onde se integrou a tradições religiosas locais. Apesar de possuir características próprias, o 'Tambor de Mina' foi sincretizado com o 'terecô' (tradição afro-brasileira desenvolvida em Codó, no interior do estado), com a Cura (pajelança maranhense), com a Macumba tradição afro-brasileira proveniente do Centro-Sul, e com a Umbanda, bastante influenciada por esta última, e, mais recentemente, com o Candomblé, tradição afro-brasileira surgida na Bahia, hoje amplamente difundida no Brasil. Fora do estado o Tambor de Mina difundiu-se para o Norte, principalmente em Belém/PA (ver Figueiredo, 1996) E para cidades de outras regiões que receberão grande números de migrantes do Maranhão e do Pará especialmente para São Paulo. (FERRETI, 2008, p. 183)

O termo ou o nome Tambor de Mina, dado as religiões de origem africana no Maranhão e na Amazônia, deriva da importância desse instrumento no culto e Forte de São Jorge de Mina, antigo entreposto de escravos, na atual República de Gana, de onde muitos escravos foram mandados ao Brasil. Entre as demais entidades, cultuadas nos terreiros de Mina (excetuada a Casa das Minas jeje), destacam-se os que são chamados gentis ou gentilheiros ou também fidalgos. São entidades nobres, reis, príncipes e princesas, que se agrupam em famílias. (FERRETI, S., 2008, p. 203, 218). É interessante notar, tendo em vista o imaginário ou mesmo as correntes ou falanges espirituais daimistas, suas expressões nos hinos[24], o principal meio de transmissão das mensagens do Daime ou da divindade com seus seguidores. Podemos observar essas referências no hino de Alfredo Gregório de Melo[25]: "Eu peço conforto aos Reis/do céu da floresta e do mar/Peço conforto as rainhas/ para nos iluminar/Eu peço conforto aos príncipes [...] Peço conforto as princesas [...]" [26].

Há uma extensa discussão científica e nativa sobre os elementos presentes na formação do Santo Daime. A presença de elementos dos cultos afro-brasileiros na formação do culto daimista é palco de um verdadeiro conflito, legitimador ou não, entre as linhas do Santo Daime. Entre tantos pontos de vista sobre as origens ou os elementos que formam o Santo Daime, Labate e Pacheco (2005) identificam alguns comuns a todos os estudos:

> Um é o entendimento de que o Santo Daime é um sistema religioso bastante sincrético e diversificado, formado a partir de uma pluralidade de referências religiosas, culturais, históricas e filosóficas. (...) Outra unanimidade, aparente, é o reconhecimento do xamanismo ayahuasqueiro indígena ou mestiço e do catolicismo rústico como matrizes fundadoras da religião

[24] Trataremos detidamente sobre hinos a seguir.
[25] Atual dirigente mundial da doutrina (CEFLURIS), seguindo a sucessão de seu pai Sebastião Mota de Melo.
[26] Versos cantados no hinário "O Cruzeirinho".

> daimista. A influencia do exoterismo de origem europeia, especialmente por meio do Círculo Exotérico da Comunhão do Pensamento, também parece ser identificada de maneira corrente. (LABATE E PACHECO, 2005, s/p)

A evocação das influências da religiosidade afro-brasileira, e mesmo afromaranhense no Santo Daime, seja no período de formação ou nas práticas rituais já institucionalizadas ou não, ganhou fôlego no processo de expansão, onde encontrou campo fértil para suas resignificações. A chegada aos grandes e pequenos centros urbanos e a aproximação com outras práticas religiosas, assim como a experiência de vida de Sebastião Mota de Melo, assentou essa herança dos cultos afros. Inserindo na cosmologia do Santo Daime (CEFLUIS), "novas" crenças, e assim, novos formatos rituais. Por exemplo, a inserção da incorporação, ou atuação, na linguagem nativa, diferenciando-se aí do transe ou da viagem estática - onde o corpo permanece em repouso e o espírito viaja, configurando trabalhos específicos ao desenvolvimento mediúnico e prática da caridade por essa via, entre outras.

Na "linha do Padrinho Sebastião", o fenômeno da incorporação perece ser uma característica, que não implica ser aceito sem resistências pelos seguidores, demonstrando certos resquícios da negação ou preconceito a aproximações com cultos de Matrizes africanas. Incluímos nessa linha os centros ligados ao CEFLURIS e mesmo igrejas não filiadas a esta instituição, mas pode-se dizer que seguem essa linha, quando além de terem "o velho de longas barbas brancas" como referência, cantam hinários referentes a este segmento, marco ritual de identificação.

O mito de fundação da doutrina do Santo Daime é narrado ritualmente na abertura do hinário do fundador deste segmento religioso no hino chamado "Lua Branca". Mestre Irineu conversa com uma mulher que está sobre a Lua, e lhe entrega o globo terrestre como símbolo em levar a nova doutrina pela cristianização, além de outros elementos presentes em outras tradições, do uso da bebida sagrada, a ayahuasca. A divindade lunar é identificada com a mulher, o Feminino, a Deusa Universal, ou mesmo a Virgem da Conceição: Nossa Senhora a Mãe de Jesus.

Mesmo Irineu assinalando o papel de fundador da religião, há a questão da fundação por intermédio mediúnico, através da revelação, como também observamos nas demais religiões ayahuasqueiras.

1.3 Expansão e continuidade: Padrinho Sebastião

Figura 6 - Sebastião Mota de Melo ao lado de sua esposa Rita Gregório de Melo

A "bandeira" do Santo Daime é conhecida por todo Brasil e exterior porque foi hasteada por Sebastião Mota de Melo (figura 6), nascido em 7 de Outubro de 1920, no seringal Monte Lígia, Amazonas. Casado Com Rita Gregório de Melo, conhecida como Madrinha Rita, nordestina oriunda da cidade de Assú – RN; foi, ainda criança, com a família para o Norte nas levas do ciclo da borracha. Tiveram 9 filhos, e a família descendente de D. Maria e Seu Idalino, os irmãos de Rita e suas famílias, formaram o quadro dos primeiros seguidores estendendo a linhagem de Sebastião Mota de Melo.

Sua iniciação no Daime, assim com a de Raimundo Irineu Serra, tem as características iniciáticas xamânicas. Padrinho Sebastião, como ficou conhecido, chegou ao Daime na década de 60, em busca de recursos para sua saúde, pois soubera da fama de Irineu. Ao chegar passou por um forte processo de cura material e espiritual. Ele viu, num processo de desdobramento[27], seu corpo passar por uma cirurgia espiritual. O que lhe rendeu a cura de uma enfermidade que há tempos já o mal tratava. Afinou-se com Irineu e a doutrina, e foi aos poucos trazendo a família; neste grupo inicial já estavam seus filhos Alfredo Gregório de Melo e Valdete Gregório de Melo. Em pouco tempo, Sebastião já se mostrou uma liderança. Com a morte do fundador da doutrina em 1971, como é comum nos movimentos religiosos, levantaram-se líderes, Sebastião foi um desses. Reuniu em torno de si um grupo de seguidores, entre eles muitos familiares.

[27] Onde o espírito se afasta do corpo.

Sebastião e seu povo saíram do Rio do Ouro, acentou na Colônia Cinco Mil e chegaram a uma vila que hoje é conhecida com o Céu do Mapiá, uma espécie de "Meca daimista", que recebe visitantes de várias partes do Brasil e do Mundo. Em 1975, registra o CEFLURIS, e segue com seu povo "floresta adentro". Em 1982, funda o Céu do Mapiá, que a essa altura já tinha seguidores "de fora", das cidades. O patriarca recebeu pessoas advindas dos centros urbanos, com suas bagagens culturais e as devidas implicações. Iniciando o processo de difusão da doutrina que, até então, estava restrita a Região Norte do País. Sebastião Mota, antes de entrar em contato com o Daime, já desenvolvia um trabalho com base na doutrina espírita e tinha experiência nos trabalhos de mesa branca e em práticas curandeiras. Desde cedo, viu sua mediunidade manifestada, foi instruído na mesa de atuação espírita, onde trabalhava com os espíritos do médico José Bezerra de Meneses e do professor Antonio Jorge.

Em busca de melhores condições de vida para seu povo, Sebastião ouviu o "chamado" para levá-lo a floresta, em busca de recursos para subsistência, e acreditando que lá no meio das matas construiria a Nova Jerusalém, partiu com sua esposa e filhos acompanhado de seguidores. O Mapiá, que recebeu esse nome pela proximidade ao igarapé Mapiá, é uma Eco Vila que abriga uma média de mil e quatrocentas pessoas nativas da região e de diferentes partes do Brasil e do mundo. A seguir, imagens da igreja Céu do Mapiá (figuras 7 e 8):

Figura 7 – Trabalho na igreja sede da doutrina Céu do Mapiá –Amazonas.

Para as Ciências das Religiões, essa temática do papel da religião na migração e na diáspora, é uma questão relevante: "estreitamente, mas não somente, em razão da globalização nos anos 1990, estamos lidando mundialmente, com amplos movimentos de migração graças aos quais se modificou o perfil de regiões inteiras" (HOCK, 2010, p. 231). O fluxo de pessoas que visitam a comunidade daimista na floresta conta com uma infraestrutura direcionada para esse público em suprimento de transporte, mantimentos, pousadas e outros modos de hospedagem e programação intensa de atividades, conforme depoimentos e demais fontes disponíveis a pesquisa.

Figura 8 – Foto aérea da Igreja Céu do Mapiá, onde podemos ver a forma de um símbolo do Santo Daime: a estrela de Davi.

Este movimento religioso não desapareceu nem enfraqueceu com o tempo, pelo contrário, como tem uma cosmologia inclinada ao chamado "ecletismo evolutivo" se mostrou fluido à Nova Era, vem assimilando novos valores e reavivando alianças com outras tradições religiosas, orientais, africanas e mesmo com seus interlocutores que poderiam ser os mais óbvios, as etnias indígenas, que no processo de catequização europeia deixaram esquecidas práticas ancestrais. Em "Brancos por Fora, Vermelhos por Dentro" (ACCIOLY e ANDRADE, 2013) [28], buscou-se realizar uma análise inicial a cerca da reconfiguração daimista do milenar culto xamânico vegetalista e da consequente divulgação global de elementos da identidade cultural indígena amazônica. A esse respeito tecemos, ainda, em uma perspectiva compreensiva, considerações sobre os deslocamentos resultantes de contínuos fluxos de hibridismo e sincretismo, sobre as movências discursivas e sobre o ethos nômade, forjados nos trânsitos entre tradição e modernidade. Situando-se assim nos chamados novos movimentos religiosos. Hoch afirma que o estudo não somente de comunidades e fenômenos do chamado movimento *New Age*, mas dos chamados novos movimentos religiosos em geral tornou-se, pelo menos desde o fim dos anos

[28] Tratamos melhor desse tema da *indianização* no Santo Daime, comentando a aliança entre daimistas e o povo Yawanawa, uma verdadeira troca de saberes entre tradições ayahuasqueiras, que deu fôlego inovador as práticas rituais de ambos os grupos. Para este foram feitas observações participantes no Céu do Mar, Rio de Janeiro- RJ, em novembro de 2012, durante os festejos do 30º aniversário dessa igreja daimista, uma das primeiras, entre Céu da Montanha, Mauá- RJ e Céu do planalto-DF. Ver "Brancos por Fora, Vermelhos por Dentro" (ACCIOLY e ANDRADE, 2013).

1990, um dos campos de trabalho mais importantes da Ciência da Religião (HOCK, 2010, p. 234).

Entre as conexões ou alianças que localizam o Santo Daime como um novo movimento religioso, está o processo histórico e fenomenológico que levou a inserção da Umbanda pelo Santo Daime. Nas pesquisas de Alves Júnior (2009) estão bem descritos e trabalhados com depoimentos dos envolvidos, e análise do contexto cultural trazendo a baila um importante capítulo da história dessa religião que resgata e influencia a reconfiguração e inserção da Umbanda, reunindo crenças e rituais a doutrina da floresta. Conforme o autor o culto daimista não apresenta características estanques e sim um *continuum* cultural e religioso. O autor apresenta o caso do Macumbeiro Ceará, e outras passagens históricas importantes e de forte influência no imaginário daimista da linha do Padrinho Sebastião. Movimentos esses ligados ao processo da expansão do culto da floresta quando entrou em contato na década de 70 com a geração da contracultura e expandiu essa religião cabocla para os grandes centros urbanos do Brasil e do exterior a partir da década de 80.

O contato com a população dos grandes centros possibilitou a efetiva entrada da Umbanda no Santo Daime, marcado no episódio do encontro entre o Padrinho Sebastião e uma Mãe de Santo Carioca chamada Arlete, a Baixinha[29], que viria a se fardar no Daime junto com seu grupo do terreiro. Este autor recupera ocorrências que prepararam a acolhida da Umbanda, que progressivamente adquiriu centralidade no conjunto ritual do Santo Daime, razões pelas quais ela fez sentido no universo cosmológico daimista (ALVES JÚNIOR, 2009, p 2).

Quando Sebastião visitava o Rio de Janeiro, em um ritual chamado trabalhos de *Estrela*, com daimistas e umbandistas num *corpus* só de acordo com a leitura religiosa dos participantes, que segundo Alves Júnior, o caboclo Tupinambá teria se apresentado ao Padrinho Sebastião e firmado um compromisso espiritual. Este encontro, juntos ao compromisso com o Rei dos exus o Tranca Rua, de tempos anteriores, produziu desdobramentos, nas palavras do autor, que marcariam a Umbanda nessa fase de relacionamento com o Santo Daime. Dessa união ou aliança, além da marcante presença que a Umbanda e suas características passaram a imprimir no Santo Daime (CEFLURIS), nasce a Umbandaime. Segundo afirma Greganich:

> A Umbandaime é um neologismo criado pelos daimistas do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) para servir de referência ao estudo mediúnico dentro da doutrina do Santo Daime, a partir de uma aliança com a Umbanda . Essa vertente da Umbandaime dentro da linha do CEFLURIS é relativamente recente e não é incorporada

[29]Biografia da Baixinha disponível em:
http://www.morgenlicht.com.br/baixinha/_private/biografia.baixinha.p.impressao.pdf

> por todas as igrejas daimistas. Considerada em pleno andamento, está se desenvolvendo e se adaptando de acordo com cada igreja, não possuindo ainda uma norma estabelecida. (GREGANICH, 2011, p.79)

Esses acontecimentos trouxeram novos paradigmas para a doutrina. Nesta época, Alex Polari, dirigente da igreja Céu da Montanha, participou ativamente desses momentos junto à igreja Céu do Mar, ambas no Rio. Lá recebeu o hino que expressava a aliança produzida por este encontro: "Viva o Rei Ogum/ ele veio anunciar/ que as linhas estão abertas/ que é pra nós se aliar". Na mesma época Alfredo Gregório, filho e sucessor de Sebastião recebe o hino que diz: "Salve a Linha da Umbanda/ da Rainha Iemanjá". Alves Júnior, registra, que essa foi a primeira vez que o nome Umbanda era invocado em um hinário oficial (2009, p 2).

Para Alberto Groisman (1991), o sistema daimista está baseado num "ecletismo evolutivo" que possibilita a convivência, numa mesma linha, entre diversos sistemas cosmológicos: a Umbanda, o Candomblé e o Espiritismo Kardecista, entre outros, ligados pelos adeptos que vão se integrando. resgatando outras tradições espiritualistas, reconhecer as *"*divindades" ou "o poder superior" na natureza, em vegetais, nos astros ou ter representados em potencias, forças ou elementos naturais, símbolos sincretizados com "objetos" de divinação da herança do catolicismo popular, são similaridades ou mesmo influências cosmológicas natas entre o Santo Daime e as religiões afro-brasileiras. A hipótese levantada por Greganich, aponta no sentido de as relações constitutivas do Santo Daime e da Umbandaime estarem estruturadas como uma rede (LATOUR, 2002), dentro de uma lógica de conexões e não de superfícies definidas por seus agenciamentos internos, pelas fronteiras e limites demarcados pelas instituições religiosas. Segundo Latour (2002 *apud* Greganich, 2011, p. 103):

> tal como no rizoma, na rede não há unidade, apenas agenciamentos; não há pontos fixos, apenas linhas. Assim, uma rede é uma totalidade aberta capaz de crescer em todos os lados e direções, sendo seu único elemento constitutivo o nó. Uma rede de atores não é redutível a um ator sozinho, nem a uma rede, mas composta de séries heterogêneas de elementos, humanos e não-humanos conectados, agenciados. Ela é, simultaneamente, um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos, e uma rede capaz de redefinir e transformar seus componentes.

Como já vimos, o culto do Santo Daime foi formado a partir de um conjunto muito diverso de elementos dos domínios amplos da cultura brasileira. Labate e Pacheco (2009, p.86) em "Musica brasileira de ayahuasca*",* tratando da relação tanto simbólica como

musical, dizem que "a linha do Padrinho Sebastião se auto-define como 'eclética', sendo deliberadamente englobadora: incorpora diferenças locais e estabelece alianças novas e constantes com outras correntes religiosas e práticas terapêuticas". Para esses autores, tais alianças refletem-se no plano musical, uma vez que novos hinos podem incorporar não apenas referências ao imaginário de outras manifestações religiosas, mas também, novos elementos musicais, como podemos observar nos versos a seguir:

Chamei Mamãe jurema
Chamei Mamãe Yemanjá
Chamei Papai Ogum da mata
Chamei Papai Ogum do mar (...)

Papapapaparuê
Papapapaparuá
Vou chamar neste terreiro
Ogum da Mata e Ogum do Mar
Também vou chamar aqui as seguranças do céu
São Miguel São Gabriel junto com São Rafael
Para vir nos ajudar
A segurança do quartel (...)

Estes versos de hinos são cantados no hinário "O livrinho do apocalipse" de Valdete Mota de melo, o primeiro hino tem uma musicalidade típica no ritmo da marcha, usual no Santo Daime, mas apresenta a característica particular, como é notável, de uma chamada. O segundo também é uma chamada, e é cantado sempre de pé e sem instrumentos. No Daime também tem hinos (recebidos do astral) no formato musical de pontos cantados aos orixás e outras entidades do panteão afro-indígena brasileiro. A expressão "ponto" também é empregada para designar locais ou mesmo "espaços sagrados" nos terrenos ou terreiros das igrejas do Santo Daime, conforme observamos no campo paraibano, são distribuídos pontos onde são acesas velas para proteção espiritual do espaço e dos trabalhos. Tem-se no mínimo dois pontos, o da porteira e do Cruzeiro. No Céu da Campina, onde realizamos a pesquisa de campo, também há o ponto de Yemanjá (figuras 9 e 10).

Figura 9: Cruzeiro, no Céu da Lua Cheia (São Paulo)
Fonte: Arquivo da autora

Figura 10 - Ponto de Yemanjá, no Céu da Campina
Fonte: Arquivo da autora

O Santo Daime se insere entre as religiões mediúnicas, desenvolve métodos ou técnicas próprias, considerando as várias construções e atribuições referenciais que formam as religiões ou que lhes dão as ferramentas, podendo essas, serem resignificadas ganhando uma nova roupagem. Digamos que o tipo de postura (ritual), nos trabalhos onde não há incorporação, as viagens inspiradas pelo daime (bebida) e toda cosmologia do Santo Daime são transes ou viagens estáticas, no sentido de viagem interior, sem que o corpo saia do lugar durante a viagem astral ou conservando a postura marcial, contida em concentração ou/e diante da miração[30], "tudo" acontece na miração. Nos trabalhos chamados de "banca aberta", no transe pode haver a incorporação ou atuação (termo nativo usado para designar esse estado), associado ou não a miração, além dos estados de desdobramentos[31]. Labate e Pacheco afirmam:

> Embora os seguidores de Sebastião evoquem geralmente a aliança de seu patrono como Tranca Rua para justificar os transes de incorporação, outros adeptos do Cefluris se reportam a uma referência mais antiga, insinuando que as práticas afro estariam nas bases da própria doutrinado Santo Daime, representando antes uma continuidade ou no máximo um aperfeiçoamento da tradição inaugurada pelo Mestre Irineu. (LABATE e PACHECO, 2005, p. 250)

Essas alianças, e outros elementos aos quais o grupo do Padrinho Sebastião acolheu junto aos novos integrantes no processo de expansão constantemente, são alvo de críticas mútuas entre CEFLURIS e Alto Santo. Palco para questões que permeiam, assim como no campo das religiões de Matrizes Africanas, discussões sobre "pureza", tradição e legitimidade quanto a incorporação de elementos que não foram "definidos" durante a vida do fundador Raimundo Irineu Serra. Os estudos alinhados a Antropologia nas Ciências das Religiões, demonstram que as manifestações religiosas são sistemas vivos, sujeitos a movências e a montagens elásticas de sua(s) própria(s) tradição(ões). O sincretismo é uma característica inerente ao fenômeno religioso e, como afirma Ferreti (2008), a presença dele não descaracteriza a tradicionalidade da Religião.

A interlocução entre os cultos de matrizes Africanas e o Santo Daime (CEFLURIS) e suas práticas está confirmada há tempos, os pontos de encontros e desencontros dessas religiões conquistam a cada dia mais adeptos, mas, segundo as vivências em campo, observamos situações de resistência, reforçada pela visão preconceituosa quanto as

[30]Miração, vem do espanhol "mirar, ver". Visões proporcionadas pelo uso da ayahuasca.

[31] O espírito "fora do corpo" ou a mente "acessando outras dimensões".

características dos cultos afro-brasileiros. A incorporação e o viés de encarar a espiritualidade em suas potências positivas e negativas, ainda passam por certos conflitos de *valores* por parte de alguns seguidores.

1.4. Outras Religiões Ayahuasqueiras

1.4.1 Barquinha

Figura 11: Daniel Pereira de Matos[32], Frei Daniel – Fundador da Barquinha.

A Barquinha foi fundada em 1945 na cidade de Rio Branco, por Daniel Pereira de Matos (Figura 21), nascido em São Luís do Maranhão no ano de 1888. Segundo Araújo (2002), o senhor Daniel sabia desempenhar, com qualidade doze tarefas: construtor naval, cozinheiro, músico, barbeiro, alfaiate, carpinteiro, marceneiro, artesão, poeta, pedreiro, sapateiro e padeiro. Conta-se que desde jovem tinha visões ou sonhos misteriosos, até que certa vez, adormeceu sob chuva a beira de um igarapé, e recebeu uma mensagem na qual dois anjos desciam do céu com um livro para ser entregue a ele. Anos depois, recebeu a mesma mensagem sob efeito do Daime, quando passava por tratamento ministrado pelo seu conterrâneo Raimundo Irineu Serra. Depois dessa revelação Daniel, com apoio do Mestre Irineu, fundou sua própria linha. O espaço onde

[32] Imagem disponível em: http://www.abarquinha.org.br

funcionou os primeiros trabalhos foi chamado "Capelinha" ou "Capelinha de São Francisco" (ARAÚJO, 2002, p. 542).

A Barquinha é uma religião ayahuaqueira, de forte presença no Norte do País; apenas recentemente aderiu ao processo de expansão, já podendo encontrar locais deste culto no Nordeste e Sudeste. O símbolo da Barquinha, como passou a ser chamada posteriormente, está ligada a história de vida de seu fundador, que ainda criança estudou em uma escola de aprendiz de marinheiro, sendo um conhecedor do mar. Daí a presença de seres do Mar nos cânticos da Barquinha: a Rainha do mar, princesas do mar, sereias, cavaleiros de Ogum Beira Mar e o próprio marinheiro, além de caboclos e caboclas das matas, e pretos-velhos, abraçando assim e tendo como característica fundamental a presença do panteão e de algumas práticas ou posturas rituias da religiosidade afrobrasileira. Para os seguidores, a Barquinha representa a própria missão da doutrina, e também faz referência ao bailado ou dança executada nos cultos da Barquinha chamada também, o Barco Santa Cruz, que lembram o balanço das ondas do mar[33], e mesmo a própria vida com águas turbulentas.

A presença do catolicismo popular é marcante na Barquinha pelos eventos das romarias, dedicados aos santos comemorados no calendário católico, somada a latente devoção a símbolos como São Francisco das Chagas. A característica mais particular a Barquinha desde sua fundação, são os trabalhos de caridade, onde há a incorporação ou irradiação, considerado elemento primordial do amor ao próximo, da cura ou da caridade, existindo desde a fundação trabalhos para tratamento de enfermidades, problemas familiares, encostos, e desmanche de trabalhos de magia negra. Nestes aspectos está uma das bricolagens mais ressaltadas nesse contexto, a presença da Umbanda: nas sessões, os seguidores incorporados de pretos-velhos e caboclos fazem curas, baseadas nas práticas do curandeirismo popular e do vegetalismo amazônico. Os adeptos usam uniformes de marinheiros, chamados de farda[34], e recebem o título de "marinheiros do mar sagrado" no momento do fardamento (figura 12). Um ponto comum das religiões ayahuasqueiras: seus rituais são regidos pela via musical, ou seja, são entoadas instruções recebidas por via mediúnica, aqui chamados Salmos.

[33] Essa referência ao balanço das ondas do mar, também é bastante presente no Santo Daime. a viagem num barco também está ligada a viagem astral ou espiritual proporcionada pelo Daime.
[34] Ressaltando assim a aproximação entre essas religiões, e origem e convivência entre Frei Daniel e Mestre Irineu.

Figura 12: Interior de templo da Barquinha[35]

A mesa central é em forma de cruz e ao seu redor são dispostas 12 cadeiras, representando os 12 apóstolos de Cristo e sobre a mesa está o livro azul das visões de Daniel ou Frei Daniel, como é conhecido. A primeira parte do ritual consiste apenas na execução de preces e salmos entoados pelos presentes. A segunda é a abertura das obras de caridade onde sete entidades são chamadas para realizar a caridade (ARAÚJO, 2002. P. 546). O autor citado apresenta a mesa, o Cruzeiro e o parque, junto a figura de São Francisco das chagas, como símbolos centrais,. Na barquinha, realizam-se trabalhos de concentração. Também é forte a presença da dança; os bailados são realizados na parte externa da igreja, ao redor de um coreto.

Para os estudiosos deste culto, a Barquinha é um ecletismo religioso, que tem sua cosmologia em construção, marcando profundamente o reencontro de tradições europeia, indígenas e africanas. Os trabalhos da Barquinha funcionam como manifestação dessas culturas, que estão presentes através da prece, da miração e da incorporação (ARAÚJO, 2002, p. 554). Notamos a presença das mesmas, ou aproximação nas categorias de crenças que há no Santo Daime, especialmente na Linha de Sebastião Mota de Melo, diferenciado-se na composição simbólica do espaço e nas práticas rituais. Os seguidores da Barquinha concebem o Daime como Luz, um instrutor ou professor, concepção de uma bebida enteógena, sagrada, ou sabedoria divina materializada em uma matéria vegetal.

[35] Domínio público.

1.4.2 União do Vegetal (UDV)

Figura 13 – Mestre Gabriel, fundador da UDV [36]

A União do Vegetal- UDV surge na década de 60, fundada pelo Baiano, José Gabriel da Costa, Mestre Gabriel, nascido em 1922, na cidade de Coração de Maria, Bahia. Mestre Gabriel também migrou do Nordeste para a região Norte do País nas levas do ciclo da borracha; em 1943 chegou onde hoje está o território do Estado de Rondônia. No ano de 1956 o senhor Gabriel teve contato e/ou bebeu o vegetal ou hoasca (como é chamada na UDV), no seringal Guaraparí, na fronteira com a Bolívia (LABATE e PACHECO, 2009). Após suas primeiras experiências com o chá, teria se recordado de vidas anteriores (essa capacidade é um elemento importante dos Mestres da UDV) e passou três anos estudando essas "revelações". Segundo o mito fundador da UDV, o líder teria recriado uma tradição milenar iniciada, em tempos míticos, pelo Rei Salomão. A União do Vegetal foi fundada oficialmente no dia 22 de julho de 1961. Em 1955, fundou o primeiro templo em Porto Velho e, no ano de 1968, foi fundado o primeiro núcleo da UDV fora de Porto Velho (LABATE e PACHECO, 2009).

Reconstituída a União, Gabriel, assim como os outros líderes já citados, passa por repressão policial e, no início dos anos 70, ocasião na qual a UDV impetrou um mandado de segurança, Mestre Gabriel chega a ser preso. Após esse episódio é estabelecido o nome Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. O fundador da UDV frequentava e trabalhava no terreiro de Chica Macaxeira, sabe-se da sua vivencia nos cultos afro, porém das religiões ayahuasqueira a UDV é a que "menos", plasticamente, apresenta elementos desta. Segundo Labate e Pacheco (2009, p.56), assim como no santo Daime, A UDV "mescla elementos do catolicismo, dos cultos

[36] Imagem disponível em: http://culturaacriana.wordpress.com/

afro-brasileiros, do espiritismo kardecista, das escolas esotéricas europeias e de outras tradições culturais", bem como costumes vegetalistas dos seringueiros amazônicos.

Os rituais da União do Vegetal, são chamados de sessões, conforme autores citados a seguir:

> são realizados periodicamente nas instalações de cada núcleo em um local próprio para isso, o *salão do vegetal*. Existem três tipos básicos de sessões: 1) as sessões de escala, destinadas a todos os sócios e realizadas no primeiro e terceiro sábado de cada mês; 2) as sessões instrutivas: destinadas aos membros do corpo instrutivo, realizadas com um intervalo mínimo de dois meses, geralmente em um domingo; 3) as sessões extras voltadas para todos os sócios realizadas nas datas do calendário festivo da UDV e em datas especiais para cada núcleo (aniversário de fundação do núcleo). Outros tipos de sessões também podem acontecer esporadicamente, como as *sessões de adventícios*, voltadas para pessoas que bebem o Vegetal pela primeira vez, sessões especiais para jovens, para casais, para Conselheiros e Mestres e etc. além desses diversos tipos de sessão, também são realizados periodicamente os rituais de produção do Vegetal, chamados de *preparo*, que podem durar dois, três ou mais dias de trabalho contínuo e ocorrem em um local próprio, a *casa de preparo*. (PACHECO e LABATE, 2009, p. 58)

O efeito do Vegetal é invocado, aqui, através de chamadas, cânticos que lembram os ícaros, cânticos da ayahuasca, sem acompanhamento instrumental, feitas por somente uma pessoa. Aqui não são usados, nas sessões, cadernos, nem as gravações são difundidas abertamente, sendo mais forte o caráter de uma tradição oral. O acesso e a memorização dessas chamadas fazem parte dos processos iniciáticos e hierárquicos dessa doutrina. Durante as sessões, também se escutam músicas, executadas em aparelhos de som, que tocam desde MPB, a *new age*, contendo mensagens espirituais, tendo sempre um cuidado com as palavras proferidas tanto nas músicas como nas falas. Nos rituais da União do Vegetal não há dança. A UDV conta com quinze mil membros, espalhados em todas as regiões do País e exterior. O Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal são as três grandes religiões que tem a ayahuasca como bebida sacramental, e dessas já surgiram novos movimentos, dissidências ou não.

1.4.3 Novos movimentos da Ayahuasca

O Santo Daime junto à Barquinha e à União do Vegetal (UDV), mais os novos grupos que fazem uso da ayahuasca, formam o quadro das religiões ayahusqueiras. Interessante notar que mesmo o uso da ayahuasca existindo entre vários povos das Américas, o fenômeno do

surgimento de religiões instituídas ocorreu apenas no Brasil. A partir dessas religiões ou da mesma raiz de onde elas surgem, ou ainda uma junção entre elementos dessas religiões, surgem os novos movimentos da ayahuasca. Além de linhas surgidas a partir de alianças, como já citamos a Umbandaime e outros grupos de linhas Orientais, como os seguidores do Prem Baba; guru nascido no Brasil e antigo fardado do Santo Daime que levou a ayahuasca para a Índia, e arrebanhou muitos adeptos nas suas práticas de mantra associadas ao uso da ayahuasca, há outros tantos movimentos que não cabe citar, no espaço e condições de produção desse texto.

Contudo registramos, enquanto observações no campo de estudos a que nos dedicamos, comentários pontuais sobre novos movimentos que usam a ayahuasca, funcionando como uma investida inicial de contribuição a esses estudos. Vejamos:

New Xamanismo ou Xamanismo urbano ayahuasqueiro

Cerimônias Xamânicas com o uso da ayahuasca e outras plantas de poder acontecem todos os anos na Paraíba enquanto atividade prevista na programação do Encontro da Nova Consciência há um bom tempo, não configurando assim uma novidade neste campo. A tradição dos Índios Yawanawa, povo ayahuasqueiro que passou com sua tribo por aqui e deixou simpatizantes é outro exemplo. Daí e mesmo de outras nascentes tem surgido "*new* xamãs" e as práticas do "*new* xamanismo" vem se estabelecendo como uma nova tendência no campo da oferta religiosa; situados enfatizo, na parcela da população que de variadas formas ou por diferentes caminhos se interessam por plantas de poder. Interessante notarmos que essas Cerimônias Xamânicas são anunciadas e as inscrições abertas através das redes sociais da internet. Elas tem despertado interesse, onde antes não era visível, ou existia em menor proporção: entre jovens vindos de diferentes contextos socioculturais.

O que chama atenção é que esse movimento tem transfigurado a paisagem daimista na Paraíba, e mesmo nos Estados vizinhos a que temos registro: Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Isso acontece devido o compartilhamento do público por contar com a participação de pessoas comuns ao culto do Santo Daime, mesmo não sendo seguidores formais desse culto. Nessas cerimônias, são usadas ritualmente a ayahuasca, além de outras "medicinas da floresta", como o tabaco e o rapé[37]. São entoados cânticos, hinos do Santo

[37] Preparação para inalar, a base de tabaco e acrescida de outras plantas, usado por diferentes povos indígenas do Brasil.

Daime e ícaros[38]. Também se trabalha com a medicina dos animais de poder[39]. Englobando assim variadas práticas de tradições indígenas, culturais e religiosas. Essa observação se torna válida aqui, tendo em vista, essa estar sendo uma porta de entrada, principalmente para o público jovem, no contato com tradições ayahuasqueiras, despertando, a partir dessa experiência com as tradições do Xamanismo uma nova demanda de buscadores, ligada por laços estreitos; as medicinas da floresta e suas tradições, adornadas pela performance "new", a se reaproximarem das igrejas daimistas da região.

Canto do Uirapurú

Nas matas da Paraíba soa um canto novo, que consideramos como um novo momento religioso, trata-se de uma chácara próxima a zona urbana de João Pessoa. Na primeira visita, acontecia uma palestra ministrada por um médium incorporado, neste caso, por um mentor espiritual ouvido por uma assistência em que grande parte, advinda de um grupo de antigo Centro Espírita Kardecista. Num dado momento, onde se propunha reflexão e atenção, o grupo musica do local executou um hino do Santo Daime e, depois, outro. Na segunda ou terceira visita o espaço de reuniões havia sido transferido para uma construção bem maior. A pesquisadora que aqui descreve, enquanto participante, não pode deixar de observar o formato circular e a amplidão do interior do espaço e exclamar: imagina um bailado do Santo Daime aqui! Nesse dia a sessão, como é chamada, seguiu com a palestra e, ao final, além de cantar os hinos do Santo Daime, formou-se uma espécie de bailado (ao redor da parte central e sem separação entre homens e mulheres), levado pelo som das "maracas", em analogia aos maracás do Santo Daime. Em conversa posterior com um participante, tivemos a informação de que aquele tinha sido o primeiro bailado. Seguindo na observação e na investigação, chegamos ao ponto do uso da ayahuasca, que neste contexto transfigura-se nas representações de Daime, Vegetal e Chá.

Nossa experiência com a literatura sobre práticas e crenças das religiões ayahuasqueiras permitiu identificamos, no grupo chamado "Canto do Uirapurú" elementos da União do Vegetal (UDV), como a categoria que Labate e Pacheco (2009), vão chamar de "uma verdadeira economia das palavras", um estudo que promove a consciência do sentido das palavras usuais na UDV e mesmo expressões nativas dessa religião como "passar na

[38] Cânticos inspirados pelo uso da ayahuasca.
[39] Típico da tradição xamânica. Cada pessoa tem um animal de poder, ou pode evocar a força ou as características de determinado animal em certo momento.

peneira", num sentido de instigar a análise e a capacidade de discernimento as questões apresentadas. Esses aspectos estão associados a práticas rituais daimistas, como já citamos, a exemplo dos hinos e a aproximação do bailado.

A força de composição desse movimento, no nosso entendimento, está expressa em seus rituais e se faz possível pela presença de atores desses grupos aqui citados: Santo Daime e UDV. Interessante notar que a inserção de elementos do Santo Daime, que começou de forma tímida, numa média temporal de dois anos, tomou proporções as quais posso acrescentar, um espaço de estudos espirituais que não uma igreja daimista, mas que recorrentemente nas falas e práticas "levanta a bandeira do Santo Daime": O que começou com a execução de um ou dois hinos por sessão, como fundo para uma reflexão, já se transformou na execução de hinários inteiros ou longa seleção de hinos. Para tanto, contam com um grupo musical empenhado batizado de "Estrela", no qual, por vezes, participam daimistas, que se divide na apreensão do universo musical dos hinos do Daime e pontos da Umbanda.

O uso do daime (a bebida) ou vegetal que, inicialmente, era usado somente por poucas pessoas advindas dos cultos ayahuasqueiros, após um período de esclarecimentos mesmo nas palestras, já é consumido por um número considerável de pessoas. No "Canto" também estão presentes entidades como índios, caboclos e pretos velhos que trabalham ao lado de mentores espirituais e médicos do espiritual, realizando cirurgias espirituais. Pessoas do Canto vêm formando,, a cada dia, o quadro de visitantes de uma igreja do Santo Daime de João Pessoa: o Céu do Amanhecer, principal grupo daimista com os quais cultivam laços de amizade e trocas, e também já registramos visitas ao Céu da Campina. Esses religiosos, seguidores da "doutrina da floresta", lá tratados de modo especial, já foram homenageados, o que não é comum para os seguidores do Santo Daime. Pelo menos na Paraíba, o fato de serem referência e até alvo de homenagens, na presença de centenas de pessoas, é sem dúvida inovador para os daimista. Por fim registramos que no mês de junho de 2014 foi realizado o primeiro Trabalho do Santo Daime no Canto do Uirapurú. A convite do corpo de dirigentes e a nível de apresentação. Participaram desse trabalho uma média de 15 daimistas, contando com componentes de três das quatro igrejas da Paraíba, duas já citadas acima , e representante do Céu da Flor da Nova Era, todos fardados vestindo suas fardas azuis. Na ocasião foi feito trabalho de concentração, acrescido de seleção alguns dos principais hinários do Santo Daime, e ao final foi apresentado o bailado. Do canto do Uirapurú, esteve presente uma média de 70 pessoas, todas vestindo braço.

A religiosidade inspirada pela ayahuasca, em seus vários nomes, nas circulares do tempo, alça voos cada vez mais altos e mergulhos interiores mais profundos; nas asas de um canal enteógeno, contando com o potencial de sua visão do alto, nasce o novo, resgatando e revestindo heranças antigas, que nunca ficam velhas.

2 VEM CHEGANDO A FORÇA DA FLORESTA

Buscamos aqui juntar as primeiras peças do que vem ser a construção da memória da chegada e desenvolvimento do povo daimista no Nordeste. Para esta tarefa, o enfoque principal é compreender como a religião do Santo Daime emerge na Paraíba, procurando escrutinar os fluxos e motivos que contribuíram para sua emergência, formação e desenvolvimento no contexto religioso local.

2.1 Metodologia: História Oral e Memória

Para Eliade (2008) o homem toma conhecimento do sagrado porque esse se manifesta, a esse ato de manifestação do sagrado propõe o termo "hierofania" – algo de sagrado se nos revela. Neste sentido, tanto as mais primitivas quanto as ditas mais elaboradas expressões religiosas são constituídas por um numero considerável de hierofanias, manifestações das realidades sagradas. Desse modona vivência da experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania. O sagrado equivale ao "poder", a realidade por excelência.

Colocamos em pauta questões a serem pesquisadas aqui: como está se processando a composição dos quadros de adeptos/fardados[40]? Quais as relações que o Santo Daime estabelece com outras denominações religiosas dentro do campo religioso paraibano? Como os indivíduos percebem sua conexão com o sagrado no contexto daimista paraibano? Quais elementos ou símbolos ligam a essa sacralidade no interior desse rito?

Sensível ao espaço onde o Santo Daime veio declarar oficialmente presença no Nordeste: o Encontro da Nova Consciência em Campina Grande no ano de 1993, situamos este culto de origem afro amazônica no campo da religiosidade popular da Paraíba, bem localizado nos chamados novos movimentos religiosos. Leila Amaral (2000) fez esse evento ficar conhecido no título de sua obra "O Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era".

[40] Que usam as fardas (roupas padronizadas) que caracterizam nos rituais os seguidores ligados formalmente a instituição.

Para esse estudo, nossa principal fonte de pesquisa são os sujeitos do campo em questão, suas histórias, lembranças, memórias e narrativas. Seguimos assim pelo viés da história oral[41], valorizando a historia de vida desses atores. Meihy e Ribeiro afirmam:

> História Oral de vida é gênero bastante cultivado e com crescente público. Trata-se de narrativa com aspiração de longo curso – daí o nome "vida" – e versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas. Trata de um tipo de narração com começo, meio e fim, em que os momentos extremos – origem e atualidade –tendem a ganhar lógica explicativa. Nessa linha, desde logo, a possibilidade condutiva do narrador merece cuidados a fim de gerar liberdade na autoconstrução do colaborador. (MEIHY e RIBEIRO, 2011 p. 82)

Como instrumento de coleta, optamos pela entrevista com roteiro semi-estruturado e andamento livre, e os registros gravados em mídias de áudio e audiovisual, tanto dos depoimentos quanto dos rituais e demais atividades observadas e vivenciadas durante a pesquisa. Segundo Meihy e Ribeiro (2011) há três situações em relação ao uso de entrevistas em história Oral, são elas: história oral instrumental, história oral plena e história oral híbrida. Explicam os autores:

> Entende-se por história oral instrumental a modalidade que serve de apoio. O segundo caso, história oral plena, se estabelece na medida em que o processo é previsto pelo projeto norteador da pesquisa e pela análise de entrevistas, considerando apenas as narrativas. Em história oral híbrida, além das análises das entrevistas, supõe-se o cruzamento documental, ou seja, um trabalho de maior abrangência. (MEIHY e RIBEIRO, 2011, p. 15)

Para a presente pesquisa optamos, não ao acaso, mas pelas configurações do próprio campo, pela história oral plena. Como não temos, nas fontes de pesquisa bibliográfica documentos específicos sobre o campo, essa modalidade da História Oral consegue dar conta do nosso objetivo, já que no caso da história oral plena não é preciso se valer de cruzamentos com outros documentos que não sejam as entrevistas. Vejamos o esclarecimento dos autores sobre essa modalidade de história oral:

> A história oral plena, também conhecida como história oral pura, por sua vez, é mais completa, entende a elaboração e análise das entrevistas. A história oral plena se realiza em si, isto é, depois de elaboradas as entrevistas, trançam-se análises de várias pessoas contidas em um mesmo projeto, ou seja, na combinação das narrativas formuladas pelas entrevistas que lhes garante em si autonomia e consistência analíticas. Mais do que história oral instrumental que apenas procede aos registros, a história oral plena exercita a análise fazendo as entrevistas dialogarem. Fala-se, pois de

[41] História oral é um conjunto de procedimentos que iniciam com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. (MEIHY e RIBEIRO, 2011 p. 12)

> autonomia documental das entrevistas que se relacionam favorecendo debates internos. (MEIHY e RIBEIRO, 2011, p. 16)

A análise dessas falas, dos silêncios, das emoções e expressões, em busca de entender como vem se formando o povo daimista na Paraíba visam contribuir com a construção da memória da entrada dessa religião no Nordeste. Considerada como uma religião "genuinamente brasileira", este culto, nascido na Floresta Amazônica, abriga em seu cosmos, desde sua fundação, marcantes influencias nordestinas.

Deste modo, com registro gravado das entrevistas, passagem do oral para o escrito, atenta as normas metodológicas em questão e análise, sugerimos, a localização e conservação da memória dessa tradição religiosa. Nesse intuito, buscaremos compreender o Santo Daime à luz das discussões atuais sobre as transformações e novas configurações do contexto e do campo religioso brasileiro e paraibano inseridos na Nova Era ou *New Age*. Sobre o movimento *New Age* consideramos a visão de Klaus Hock:

> o *New Age* não representa exclusivamente um conglomerado de fenômenos díspares que seriam reunidos ao bel prazer sob a grife moderna *New Age*. É mais correto perceber que se escondem por trás desse termo oscilante tradições exotéricas baseadas no princípio da holística como denominador comum. Esse "holismo", que está profundamente enraizado em antigas tradições filosóficas e cujas raízes remontam à hermética da Antiguidade, possivelmente explique porque o moderno movimento Nem Age sentiu uma afinidade tão forte com a física teórica e porque o Tao da física (F. Capra) se torna a máxima da conduta de vida individual: a vida humana e todo o "cosmo"(grego: ordem), espírito e matéria formam uma grande união que precisa ser mantida em harmonia. (HOCK, 2010, p. 234)

A Nova Era é um movimento que se originou com a revolução cultural nos EUA e Europa na década de 60. Nessa nova concepção, a práxis religiosa só ganha força um pouco mais tarde no Brasil, após o processo de abertura política na década de 80. Silas Guerriero afirma que essa nova concepção de vivenciar a espiritualidade abriga uma ampla variedade de práticas, produtos e serviços advindos das mais diferentes tradições. E afirma:

> Entender a Nova Era como expressão religiosa de uma pós-modernidade, é deixar de lado possibilidades de análises das raízes mais profundas da formação do campo religioso, além de negar, apressadamente, que a modernidade ainda avança, resgatando elementos passados compondo-os com novas roupagens e símbolos dos tempos atuais. A sociedade brasileira modernizou-se sem desencantar-se, mas isso não evitou a secularização. (...) Continua vivendo num mundo encantado. A Nova Era é apenas mais uma possibilidade de vivência desse mundo encantado, carregado de forças invisíveis (chamadas de energias) e de manipulações mágicas. (GUERRIERO, 2003, p. 136)

Os novos modos de vivenciar a espiritualidade na pós-modernidade nessa concepção, a Nova Era, não é um dos diferentes caminhos para se chegar a um mesmo Deus, nem, tampouco, uma religião singular, diferente de todas as demais, própria do atual momento social. Trata-se de inúmeras manifestações de religiosidades diversas, aglutinadas sobre o teto de algumas características comuns, tornando cada vez mais rico e complexo o diverso campo religioso brasileiro.

Os Novos Movimentos Religiosos passam por assimilações características da religiosidade popular afro-indígena brasileira, como o transe, a incorporação e a presença de caboclos e pretos velhos; assim elementos pertencentes a tradições locais são reavivados no contexto da Nova Era. Também estão presentes elementos cristãos do catolicismo popular e do espiritismo, além das marcantes linhas exotéricas como a Rosa Cruz, da qual o Santo Daime herdou o código impresso em lugares de visões estratégicas nos templos daimistas: harmonia, amor, verdade e justiça. Linhas Orientais deixam de ser só influências ou referências e tomam formas, associadas ao Daime, e já contam com adeptos seguidores de figuras carismáticas especificando assim outros segmentos ou vertentes numa mesma tradição que abarca múltiplos sentidos como braços de um mesmo Ser.

2.4 Fundamentação Teórica

No processo de construção dos dados para a análise, teremos como pressupostos às discussões metodológicas, bem como as técnicas que se referem à memória (coletiva e oral). Temos como foco a memória da doutrina do Santo Daime e a formação do povo daimista na Paraíba, e como já observamos no caminhar da pesquisa, também se faz um registro da entrada do Santo Daime no Nordeste, sua trajetória, valores, e os elementos simbólicos que nutrem a memória coletiva desse grupo. Partimos do ponto da impossibilidade de uma memória exclusivamente ou estritamente individual, uma vez que as lembranças dos indivíduos são sempre construídas a partir de sua relação de pertença a um grupo. Desse modo a captação dessa memória individual foi feita através de entrevistas para a coleta da história de vida. Compreendemos que a memória individual pode ser entendida, então, como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas.

Concordamos que a memória pessoal do indivíduo, ao associar-se a uma coletividade, confunde se com a memória do seu grupo, como na concepção durkheimiana em "As regras do método sociológico" (2003) sobre a existência de relações dinâmicas entre as classificações sociais e mentais. Assim, buscaremos evocar a memória do povo daimista na Paraíba através da memória dos próprios indivíduos que compõem a história destes grupos.

Em consonância com a visão de Halbwachs (SHIMIDT e MAHFOLD, 1993) onde o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência, a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito. Neste sentido, uma sementeira de rememoração pode permanecer um dado abstrato, ou brotar e tornar-se uma imagem e como tal permanecer ou, finalmente pode tornar-se lembrança viva na árvore frondosa da memória. Estes destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupos de referência. Sendo a lembrança fruto de um processo coletivo e que está sempre inserida num contexto social, o resgate do vivenciado das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, funcionando como uma chama viva que constitui a lembrança. Consideramos a importância de rever e reler a história do Daime na Paraíba não só observando as concepções teóricas, mas especialmente, dando voz aos próprios adeptos.

Compreendendo os pontos de convergências localizados nos depoimentos não como dissonâncias do individuo com a coletividade e sim como expressões que atualizam os conflitos, as tensões, a pluralidade de perspectivas dentro do mesmo grupo social, apropriadas pelo indivíduo na ótica de sua própria experiência. Segundo a concepção de *habitus*, em Bourdieu (2004) as disposições não são nem mecânicas nem determinadas. São plásticas, flexíveis, podem ser fortes ou fracas. Refletem o exercício da faculdade de ser condicionável, como capacidade natural de adquirir capacidades não-naturais, adquiridas pela interiorização das estruturas sociais. Portador da história pessoal e coletiva, o *habitus* é o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da integração entre essas experiências.

Através da compilação e do confrontamento dessas experiências individuais, evocamos a memória coletiva do grupo, localizando as lembranças num lugar comum ao grupo ou em quadros sociais comuns. A concepção de Halbwachs sobre o lugar da memória coletiva nos processos históricos foi sintetizada por Cardini (1998) como a grande protagonista da história, que tece e retece continuamente aquilo que o tempo cancela. E que redefine, refunda e requalifica com sua incansável obra de mistificação, continuamente um passado que, de outra forma, correria o risco de morrer ou de permanecer irremediavelmente desconhecido (SCHIMIDT e MAHFOLD, 1993).

Além das narrativas compostas pela memória dos atores, cuja materialidade discursiva, são as entrevistas, anotamos em diário de campo as observações feitas, enriquecendo-as com informações que chegaram da nossa própria memória como membro integrante da religião.

Contamos na pesquisa bibliográfica com os estudos presentes nas obras (apontadas na bibliografia) sobre as religiões ayahuasqueiras, ao tratar seus aspectos institucionais, simbólicos e culturais. Para coleta e registro de dados temos também como ferramenta o registro visual e observação direta dos rituais e das atividades realizadas em comunidade pelos adeptos – mutirões[42], encontros regionais e estudos musicais.

2.3 Astral Paraibano: considerações sobre o campo Daimista na Paraíba

Algumas das informações trazidas fazem parte da pesquisa prévia, e mesmo de informações conhecidas devido participação no campo, as quais algumas foram confirmadas nas entrevistas e outras passaram por adequações, tendo em vista por vezes as próprias mudanças ocorridas no campo. As questões da formação das Igrejas e suas histórias são abordadas no quarto capítulo, onde apresentamos os registros das memórias dos entrevistados, dedicamos breves comentários sobre o cenário onde atua o Santo Daime na Paraíba, as particularidades de suas práticas rituais ligadas a outros segmentos religiosos e sociais e, ainda, as representações de pertença ao grupo estudado, segundo a concepções dos adeptos, narradas em seus depoimentos.

Na Paraíba, em contatos iniciais com o campo, encontramos quatro igrejas do Santo Daime na linha do Padrinho Sebastião[43]. A primeira igreja do Santo Daime no Nordeste, o Céu da Campina, em funcionamento há 20 anos, localizada em Lagoa Seca, município vizinho a Campina Grande, no interior do Estado. E na parte litorânea, próximo da Capital João Pessoa, estão Céu de Coqueirinho com 9 anos de existência, Céu da Flor da Nova Era, que teve sua sede 13 anos no município de Lucena, e, por fim, Céu do Amanhecer, localizado em Alhandra, realizando seus trabalhos há 10 anos.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, compreendemos que no discurso nativo pode se apresentar uma "coerência própria" ou mesmo "desconhecimento" de questões históricas que envolveram o processo de expansão da doutrina em que estão inseridos.

[42] Atividades coletivas de limpeza e organização do terreno ou sítio da igreja que podem durar um dia inteiro.
[43] Mesmo não estando ligadas institucionalmente ao CEFLURIS, tem aí suas referências e laços históricos de proximidade.

Levamos em consideração também a autonomia por parte de cada igreja ou centro quanto às tendências, crenças e práticas; entendemos que, como outras religiões, ela é viva e movente, de acordo com as necessidades e são chamadas estratégias, por exemplo: desenvolvimento mediúnico, mudanças de locais de funcionamento das igrejas, conflitos no grupo etc. Buscamos entender as máximas das crenças como: o povo do Daime acredita que os "comandos espirituais" ou "instruções" chegam tanto pelo canal dos hinos, como dos dirigentes mundiais; direcionamentos que acarreta algumas implicações materiais e espirituais para os sujeitos formadores deste campo, intrinsecamente ligado a transmissão dos ensinos tradicionais que são as crenças e práticas de um sistema religioso.

Nossa vertente de pesquisa, já discutimos aqui, compreende que assim como em outros sistemas religiosos, no Santo Daime existe uma linha mais tradicional, no entanto, uma não é mais legítima que a outra. Essa discussão envolve a questão que, também, está presente nas religiões afro-brasileiras, conhecida como "pureza", onde uma tradição, linha ou mesmo uma casa reclama a legitimidade sobre seus pares, desconsiderando que a religião é um agente vivo, em constante movimento[44].

No pensamento de Bourdieu, o poder simbólico surge como todo poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas. Os símbolos afirmam-se, assim, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida. O campo religioso aqui tratado, assim como no pensamento de Bourdieu, surge como uma configuração de relações socialmente distribuídas. Isto porque no capital simbólico os agentes participantes em cada campo são munidos com as capacidades adequadas ao desempenho das funções e à prática das lutas que o atravessam. Na estrutura objetiva do campo (hierarquia de posições, tradições, instituição e história) os indivíduos adquirem um corpo de disposições que lhes permite agir de acordo com as possibilidades existentes no *habitus*. Esse *habitus* funciona como uma força conservadora no interior da ordem social. É um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar que nos levam a agir de uma determinada forma em uma circunstância dada. (BOURDIEU, 2004)

Consideramos as histórias contadas nos depoimentos, colhidos para essa pesquisa, como expressão da fala contextualizada, em acordo com o tempo e compreensão dos interlocutores. Essas histórias, são canais, que possibilitam a contribuição para montagem dessa memória, observando que a memória é, e está, em constante construção.

---

[44] Ver texto de Beatriz Góes Dantas (1982) *"Repensando a pureza Nagô"*.

3 ETNOGRAFIA E BIOGRAFIAS

> O 'antropólogo' é alguém que discorre sobre o discurso de um 'nativo'. O nativo não precisa ser especialmente selvagem, ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra; o antropólogo não carece ser excessivamente civilizado, ou modernista, sequer estrangeiro ao povo sobre o qual discorre. Os discursos, o do antropólogo e sobretudo o do nativo, não são forçosamente textos: são quaisquer práticas de sentido. O essencial é que o discurso do antropólogo (o 'observador') estabeleça uma certa relação com o discurso do nativo (o 'observado'). Essa relação é uma relação de sentido, ou, como se diz quando o primeiro discurso pretende à Ciência, uma relação de conhecimento. Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 113)

3.1 Etnografia: estados de consciência e olhar na pesquisa de campo e da observação participante

A faculdade de "gravar na memória e no coração" com o objetivo de buscar e assimilar os ensinos transmitidos, mostra-se uma característica neste campo. Aproximamos-nos do ponto da pesquisa antropológica ou pesquisa de campo, que se coloca para o pesquisador, no sentido da escolha metodológica, de acordo com as demandas do campo, do objeto, ou mesmo dos sujeitos. Referimos-nos a uma cultura onde os ensinamentos e os conhecimentos que possibilitam passagens espirituais e mesmo iniciações são transmitidos tanto oralmente, quanto diretamente a consciência do adepto pelo acesso transcendental a outras realidades ou outros estados de consciência, que não este comum do dia-a-dia, possibilitado pelo uso da bebida enteógena ayahuasca. Para tanto, alia-se a emoção, empregada pelos religiosos, na vivência desse culto e na memória dessas experiências.

Falando do experienciado, agora entendemos um pouco do que é existir em mais de uma dimensão simultaneamente. A administração dos estados de consciência da experiência enteógena, no culto do Santo Daime, enquanto pesquisadora[45], é uma particularidade dessa

[45] Sergio F. Ferreti em texto de abertura, intitulado "Uma Visão Maranhense", para o livro "Eu Venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros" (MOREIRA e MACRAE, 2011), descreve ocasião em que indagou sobre o problema de como conciliar pesquisa de campo com observação participante no estudo de uma religião em que os adeptos têm que assumir o estado alterado de Consciência. E completa que depois disso já orientou trabalho de um estudante que enfrentou essa situação sem grandes problemas.

existência simultânea, pela participação observante, de estar em campo sem sair da situação de participante e criar reflexões paralelas, além das já instigadas nesse contexto. Na busca de se afastar e ver um panorama ou uma visão mais aberta, inclusive da própria condição enquanto seguidora desse grupo religioso pesquisado, o próprio campo e a "força", característica da experiência enteógena e uma particularidade deste campo religioso, foram mostrando o desenrolar da pesquisa.

Contamos com a experiência da orientadora deste trabalho, que também conhece o campo, o que foi e é para uma pesquisadora iniciante uma verdadeira dádiva, que por si já quebrou muitas pedras no caminhar da pesquisa, lidamos com o exercício contínuo: dar rumo as asas da imaginação, orientando-as e liberdade as asas da pesquisa. Pesquisadora e adepta de um culto onde a experiência visionária é simbolicamente representada pela águia, que olha a lua na estrela que orna, como distintivo, o peito dos daimistas, apresentamos ao longo do texto as impressões captadas pelo olhar de jovem pesquisadora realizando uma pesquisa inédita, uma vez que este é o primeiro estudo sobre a chegada e desenvolvimento do Santo Daime em terras nordestinas.

Esta proposta de investigação se enquadra nas chamadas abordagens qualitativas, cujos interesses principais incidem sobre a compreensão e interpretação dos processos sociais, por meio do escrutínio de significados, motivações, atitudes, gestos, rememorações etc. Do ponto de vista do seu delineamento, a pesquisa terá como ponto principal a observação participante. Otávio Velho no texto "O que a religião pode fazer pelas ciências sociais", alerta sobre o "perigo" de tornar-se "nativo", ele diz que essa ideia deve perder o tom pejorativo que foi incorporado pelo senso comum antropológico, e ainda ressalva que esse posicionamento pode significar um esforço do pesquisador de angariar simpatia e proximidade com a temática religiosa. Para o autor, deixar-se afetar pelo nativo pressupõe que ele/ela tem algo a nos ensinar, inclusive sobre nós mesmos. Deste modo, analisa positivo e frutífero sair da zona de segurança "de quem observa sem se envolver" (VELHO, 2001, p. 233-250).

Esse "perigo de tornar-se nativo", não o corro, pois foi declarado desde o projeto a participação da pesquisadora na comunidade Daimista que ora é pesquisada. Situamo-nos, portanto, num lugar oscilante, hora o olhar de pesquisador/observador, hora de participante, condição que possibilita o acesso a atalhos, sujeitos e informações, e também permite desenvolver o ponto mais peculiar na experiência com os enteógenos nos rituais onde o sentir vai além da simples especulação racional. Não esquecemos, portanto, "riscos" de estar em campo nesta categoria, de participar e observar. Outro aprendizado que temos nos inteirado é o de processar a reflexão e o estranhamento na condição dos estados alterados de consciência.

Percebo, nas descrições de antropólogos, que essa característica de participar do grupo pesquisado é um fator que facilita acessos, mas constato que ser do grupo e passar a ser uma pesquisadora deste, requer saber transitar bem nas duas posições. Acontece que desta vez alguns participantes podem associar a relação do pesquisador no grupo à questões de "poder e saber". Um exercício feito aqui, mas que pode ter se apresentado como um percalço em campo, é não pretender que o grupo faça a reflexão e entenda essa categoria de pesquisa, pois compreendi na atividade, que essa é uma reflexão para ser feita enquanto pesquisadora. Como suporte para a base deste tabuleiro me valho do aporte teórico antropológico. Conforme Silva (2000):

> o mito do pesquisador em campo como um 'fantasma' (destituído de sua classe, sexo, cor, opiniões etc.), que não afeta e não é afetado pelo cotidiano que compartilha com seus interlocutores, ou ainda como um herói da simpatia e da paciência, cuja missão é 'humanizar' o outro, esquecendo-se de que ele deve ser 'humanizado' em suas fraquezas e omissões, parece agora exigir novas versões em que o pesquisador encontre um papel mais equilibrado e mais condizente com a situação real da investigação. Afinal de contas, 'nativos de carne e osso' exigem 'antropólogos de carne e osso' […] (SILVA, 2000, p. 117)

Essa pesquisa requereu o esforço comum às pesquisas que se caracterizam pela observação participante. Desde meu projeto já estava posto que o olhar que observa está também treinado das categorias nativas, somado ou aliado ao de pesquisadora. Nesta paisagem, consideramos essa condição um ponto positivo para a pesquisa, tendo em vista, as características do povo pesquisado. Falamos, a partir de uma religião onde o sentir, e o autoconhecimento estão estreitamente ligados aos elementos formadores deste culto, em suas concepções espirituais e suas implicações sociopolíticas e culturais. Compreendemos, a profundidade do cenário religiosos ao qual aqui propomos mergulhar, para tanto, contamos com os devidos equipamentos dados pela metodologia antropológica que possibilitam voltar à superfície, e claro um tanto molhada das águas da emoção do adepto. Segundo Bettina E. Schmidt, "o principal método da pesquisa antropológica é, portanto, até os dias de hoje, a observação participativa" (SCHMIDT, 2007, p. 7).

Compreender ou pelo menos buscar apreender conhecimentos do universo de uma religião ayahusqueira[46], requer uma "boa dose" de vivência tanto comunitária, como nos rituais, e um desprendimento dos estereótipos enfrentados por estes grupos. Uma religião de origem popular, com raízes nordestinas e afro amazônicas, que desde sua fundação despertou a atenção de certos setores da sociedade. Pela particularidade de ter como sacramento uma

[46] Que fazem uso da ayahuasca.

bebida, hoje compreendida pela ciência, como enteógena (que liga o humano a Deus, Deus dentro ou interior) e, cuja composição, contém substancias psicoativas: indutora de estados alterados de consciência. Assim chamados em relação aos estados comuns diários, atuando no contexto religioso como veículo de contato com o divino. O transe alcançado com o uso da ayahuasca, neste caso o daime, possibilitam experiências místico religiosas, que envolvem estágios purgativos físicos e energéticos.

A ideia de transmissão de conhecimento através desse vegetal se desenvolveu historicamente e segue por meio de desenvolvimento de técnicas corporais, formatações rituais, música, dança, estética e êxtase visionário. No entanto, não foi criado todo esse universo simbólico para se "poder usar" a ayahuasca e chamá-la de santo daime, é do uso da bebida que nascem os signos e resignificados místicos e culturais. A bebida ritual é entendida, aqui, como um elemento central desta doutrina ou religião, mas que não representa seu fim último, e sim um meio, um veículo. Como afirma La Rocque Couto (2002, p. 389), as propriedades desta bebida transladam suas características farmacológicas e, seu uso imprime uma rede de significados simbólicos, de acordo com a tradição onde ela está sendo ingerida.

Essas particularidades do uso das plantas de poder agradáveis aos ayahuasqueiros, é, por vezes não entendida ou mal interpretada por quem vê de fora. Isto porque a diversidade religiosa brasileira é em boa parte ainda encoberta nos véus do desconhecimento, e nas duras camadas do sensacionalismo. Aspectos como esses já rotularam esses grupos com estigmas preconceituosos, enfatizados pela mídia como usuários de drogas, e camadas marginalizadas na sociedade. A discriminação religiosa e cultural reflete um estado sério da sociedade e revela uma faceta totalitária da humanidade. Todavia não é motivo para "viver debaixo dos panos", ou, negar a fé que professa, pois a história já registrou situações mais sintomáticas, ou mesmo fraturas expostas, muito mais sérias, nas quais a humanidade já se perdeu, perde-se e se encontra a cada dia e em cada um que incorre no ilusório ideário de hastear opiniões nesse sentido da negação da existência do outro. A humanidade, coleciona fadadas tentativas de homogeneização, estando assim longe de captar as ondas e as antenas desse rádio responsável pela identificação cultural, religiosa e espiritual, expressa na diversidade do crer e do sentir humanos.

Nesse contexto, além de decifrar os códigos próprios da religião, que coloca o seguidor na posição de um estudante com sua "carta de ABC", os adeptos tem que descobrir como transitar nas vias sociais. Para que possa exercer livremente sua espiritualidade, que adota as plantas sagradas como a expressão da natureza divina que há no ambiente onde vivem e no interior de cada um. As religiões ayahuasqueiras, como outros cultos

afroindígenas, já foram alvo de perseguições (um exemplo é a perseguição a Jurema no estado da Paraíba, na década de 30 do sec. XX). Foram submetidas a investigações e estudos para provação de sua legitimidade, como um movimento religioso, e dos efeitos do "chá misterioso" para a saúde dos usuários. Para esses grupos, esses processos de investigações vêm se mostrando positivos, pois a cada investigação, também contando com o avanço científico, o uso dessa bebida no contexto religioso, vem se mostrando seguro e bem contextualizado simbolicamente. Hoje, já existe uma vasta literatura sobre a farmacologia das plantas e o processo de regulamentação do uso da Ayahuasca no Brasil e no mundo.

Para a presente pesquisa de campo, além das entrevistas realizadas em Campina Grande e João Pessoa contamos com a participação nos rituais ou trabalhos, feitios, assim como também atividades outras como mutirões e conversas registradas "só" na memória, portanto, sem a presença de equipamentos e sem o título de entrevista, fato que permite aos sujeitos uma liberdade que não pode ser captada e nem publicada como entrevista, mas que passa a figurar como peças chave na compreensão da experiência religiosa daimista e das particularidades no desenvolvimento e formação no local determinado da pesquisa.

Dos trabalhos, feitios e mutirões, foram feitas anotações posteriores, pois no cenário não cabia estar anotando, mas posso afirmar que anotei em imagens através de fotos e vídeos. A continuidade da vivência como participante do grupo e o afastamento conceitual e delicado possibilitado pela observação, transfiguraram tanto nas concepções como adepta como também salvou de passar por certas "gafes". E colocou em outras, como não poderia deixar de ser, só possíveis pela mistura de emoção e desafio postos ao observador participante em campo. Registramos poucas resistências a situação da pesquisa, que, de forma geral, despertou interesse e apoio da comunidade.

Na pesquisa de Campo foi coletado um vasto material em audiovisual, não só as entrevistas como também nos trabalhos o que permite acessar dimensões outras impossíveis pela escrita. Especialmente do formato ritual, como também registros dos sujeitos históricos desse campo, como as visitas de comitivas da floresta. Esse material é fonte de pesquisa e fonte para uma produção documental posterior, além de serem documentos da memória daimista em Campina Grande, no Nordeste e em outros centros visitados durante a pesquisa.

Também consideramos como parte da pesquisa a visita a outras igrejas que ocorreram nesses dois anos de duração do Mestrado. Contando, além das viagens pelo Nordeste, a visita a igrejas no Sudeste, quando na ocasião também foram apresentados, em eventos da área, em forma de pôsteres, comunicação e artigos, trabalhos constando resultados parciais sobre temas ligados a essa pesquisa. Essas experiências de olhar e sentir a expressão religiosa no Santo

Daime em outros cantos do país, fez-nos sair de uma zona, às vezes de conforto, e outras de tensão, tendo em vista o cumprimento de funções nos rituais que poderiam desfocar um pouco a observação, figuram junto à pesquisa bibliográfica, na vasta literatura do Brasil e do exterior, sobre as religiões ayahuasqueiras a que tive contato. Outra preciosa fonte de pesquisa, posso declarar aqui para minha própria surpresa, forão as relações desse cenário religioso nas redes sociais da internet. Esta não era uma possibilidade prevista neste estudo, todavia, pela sua representatividade no campo, observamos que merece um trabalho específico, pois apresenta uma diversidade de estudos produzidos com base nas teorias das mídias digitais, inclusive relacionados a grupos religiosos, suas representações e relações virtuais. Esses espaços se colocam como uma ferramenta de comunicação valiosa e, em muitos casos, a única viável entre sujeitos deste campo. Podemos considerar este como um modelo de abordagem etnográfica multi-situada. No dizer de Wacquant:

> Para muitos de seus praticantes e defensores contemporâneos, o trabalho de campo multi-situado é um meio de colocar o etnógrafo em sintonia com espírito do tempo, e em melhor posição para registrar (e, frequentemente, celebrar) a fluidez o hibridismo e a multiplicidade - de lugar, escala, cultura e pontos de vista. Para Bourdieu, é um dispositivo experimental para incrementar em termos práticos os princípios do racionalismo aplicado: um instrumento de "vigilância epistemológica", ou aquilo a que Bachelard (1949, p. 77-79) chama de "vigilância de terceiro grau" que examina "não apenas aplicação do método mas o próprio método". Na perspectiva anterior, a submissão ao fenômeno, ou a imagem que o fenômeno fez de si mesmo incluindo junto o antropólogo como translocal, dita a conexão e a seleção dos locais; na última perspectiva é o etnógrafo que seleciona um segundo local como uma exigência metodológica e um recurso de autocontrole e salvaguarda epistemológica. (WACQUANT**,** 2006, p.22)

Esses e outros espaços visitados e frequentados são suporte para relacionar as práticas, e identificar particularidades e tendências locais. Tanto as mantidas e reinventadas pela força da cultura como as de cunho particulares de "sujeitos chave" que refletem na convivência e evolução em grupo e mesmo nas práticas rituais que tomam ou deixam de tomar vida. Os pontos mais densos dessa análise são os casos de resistências por parte de alguns seguidores locais sobre entraves já superados panoramicamente a nível nacional, quanto a questões de concepções doutrinárias na tradição de Sebastião Mota de Melo. Como exemplo, encontramos ainda certa negação ou incompreensão sobre a recomendação doutrinária da prática da caridade espiritual através da incorporação, o que envolve a adesão do grupo a formatos rituais por hora não praticados formalmente.

Para analisar questões como essa acima citada, tem-se em vista orientações transmitidas nos hinos (a liturgia da doutrina) e em outras comunicações dos dirigentes gerais da doutrina. Em alguns casos, também tratando de outros temas, registramos posturas refletidas por formações pessoais, mas que é preciso dizer aqui, por essas influenciarem na convivência em grupo e mesmo atravancarem o desenvolvimento e a execução do ritual, e das práticas espirituais tanto na esfera coletiva como pessoal. Nestes casos, estão intrincadas questões do desenvolvimento local, registrado tanto nas entrevistas como na observação em campo. Esses pontos mais densos são também as rupturas vulcânicas do conflito, envolvendo a questão de carisma e apego a situações ou instruções recebidas nos primeiros anos de emergência do Santo Daime na Paraíba. Nota-se aí fissuras no processo de recepção à informações históricas formadoras dessa religião, consideráveis até pelo difícil acesso a comunicação da época, no caso vinte anos atrás. Desse modo certas posturas caíram em desuso na tradição da doutrina, e novas movimentações foram assimiladas, também localmente, pela expansão e pelas novas demandas do tempo. O olhar de fora permite ver com mais clareza cismas históricos da formação e das divisões que o grupo da primeira igreja daimista do Nordeste passou ao longo dos vinte anos; alguns que também implicaram na mudança de locais de funcionamento. A conquista da sede própria ocorrida em 2005 deu um novo sentido ao grupo, quanto a pertença do espaço físico da igreja enquanto propriedade coletiva do Céu da Campina.

Mesmo alcançando novos sentidos e conquistas, os conflitos não deixaram de existir como em todo grupo humano, nem são de todo negativo, tendo em vista também a necessidade dessas polaridades, negativo e positivo, até nos processos de harmonização cósmica, estando assim presentes no cosmos organizador do grupo. Tudo isso implica na renovação e força de superação de obstáculos, trazidos pelo tempo que permeia o grupo, e reflete a disciplina aclamada na mensagem dos hinos. Observa-se que mesmo diante de conflitos e do rompimento de antigos membros com o Céu da Campina, é interessante notar o caso de até essa data não terem surgido outras igrejas do Santo Daime em Campina Grande, como é comum nos grandes centros urbanos ou nas igrejas mais antigas quando há divisões nos grupos.

Outro ponto de particularidade do Céu da Campina em relação a outros centros daimistas surgidos na mesma época, para termos uma categoria, os tem aproximadamente 20 anos de funcionamento ou mais, é quanto a direção nos trabalhos. Em muitos casos, as igrejas têm a frente um casal, um padrinho e uma madrinha, como já inscrito na tradição, no Céu da Campina, dado observado e registrado nas entrevistas, o Senhor Rômulo Azevedo é dirigente

e assim padrinho do grupo desde a fundação em 1993. Nas entrevistas podemos compreender os agentes dessa questão, que envolvem categorias como missão e carisma, tanto para o sujeito, na convivência com o grupo, como na sociedade. Sua esposa, a Senhora Íris Medeiros, estava presente nos primeiros trabalhos em 1993 e, também, é peça importante nessa montagem histórica, não só pela participação nos trabalhos junto a Rômulo, mas pelo seu trabalho como ativista cultural em Campina Grande, Paraíba. Atuou, também, como peça chave na criação e manutenção do encontro da Nova Consciência, e outras denominações religiosas e culturais na Paraíba, como relatado nas entrevistas. Íris Medeiros não aderiu ao Santo Daime, influenciando assim, segundo a observação e experiência em campo, no formato do Céu da Campina, no sentido da ausência da figura local da madrinha, havendo assim uma descentralização das várias funções e representações que permeiam esse símbolo.

Das Flores

Não dispomos no presente texto de aporte teórico para abordar filosoficamente questões de gênero e nem estava em nossos objetivos, mas não cometeremos a omissão de não registrar nessa análise, por considerarmos essa uma particularidade que eclode em tendências locais, sobre os possíveis significados da ausência local da madrinha, ou dirigente feminina. A referência a este símbolo envolve imprimir características dessa polaridade, tanto espirituais, como de papéis políticos e sociais da mulher no grupo, e também lidar mais diretamente com as fileiras femininas. Identificamos, em referência ao caso local pesquisado, questões um tanto nubladas quanto ao espaço da "voz feminina". Interessante notar que mesmo num lugar onde a representação feminina tem claras potências, habitar ainda determinadas compreensões sobre a representação social do feminino, cativadas em personalidades pessoais tanto de homens como de mulheres, mas que interferem na relevância do papel da mulher no grupo[47].

A doutrina do Santo Daime, num tempo constante e circular, para não dizer o tempo todo, faz referência a Lua, a Virgem da Conceição, a folha rainha, a Mãe Natureza e aos seus "poderes". O papel das mulheres está pois na magia da ligação com a terra, a lua, as águas, o vento, o fogo e as atividades práticas relacionadas a esses elementos. Assim a intuição, o cantar, o dançar, o cozinhar, a criação, a transformação, o acolhimento, a comunicação, a manutenção, a purificação e a cura são faces dessa presença.

[47] Sobre gênero e religião ver MENEZES (2009).

No grupo pesquisado, as mulheres apresentam uma organização significativa, no sentido político de trabalharem em grupo e de cultivo da autonomia. Essas conquistas e outras, podemos relacionar a sementes lançadas em processos organizadores desse cosmos, em atividades exclusivamente femininas, como os trabalhos de mulheres e da realização anual de encontro de mulheres regional do Nordeste, o EMFLORES – Encontro de Mulheres da Floresta[48].

Quanto a questão fenomênica que aparece como gancho para desabrochar essa questão, constatamos que a ausência material de um símbolo externo pode instigar o cultivo da autonomia e do trabalho coletivo e intensificar internamente a ligação com símbolos espirituais e a busca maior da aproximação com as matriarcas da doutrina: Maria, Rita, Júlia, Cristina, Tereza, Nonata, Sônia, Regina, Beatriz, e mais tantos nomes que poderiam ser citados de mães e madrinhas. Além da presença de tantas mulheres que mostram na "voz" e na ação a força feminina na doutrina do Santo Daime.

"Novo mundo, novo povo, nova era": o uso das redes sociais.

O uso das redes sociais para os seguidores do Santo Daime funciona além das fronteiras nacionais, já que a presença desse culto em outros países é uma realidade: "a irmandade da Floresta Amazônica à Amsterdam, está conectada". A funcionalidade das redes sociais atua tanto para comunicação interna dos membros de igrejas, articulação de encontros regionais e nacionais, quanto para divulgação de registros audiovisuais amadores e profissionais, além de contatos múltiplos de pessoas com esse interesse comum ligados pela religião. Uma característica dessa religião, que digo passa por transformações positivas em tempos de redes sociais, é a questão de, assim como outros cultos, ser uma doutrina viva.

A tecla de atualização e renovação dos preceitos e padrões de interpretação religiosos existentes desde o fundador Raimundo Irineu Serra foi multiplicada devido à expansão transnacional levantada por Sebastião Mota de Melo. A tecnologia, em tempos de redes

[48] Esse encontro que está na sua VI edição, é realizado, desde então, anualmente no Nordeste. Foi inspirado num "EMFLORES" realizado no Céu do Mapiá e vem sendo um espaço de constante troca e aprendizado para as comunidades daimistas da Região, observamos ser este um canal de aproximação e comunicação entre as igrejas nordestinas. Vem se caracterizando, até pelo perfil das mulheres convidadas a passar seus conhecimentos e experiências de vida na doutrina, vindas de diversas partes do País, mas especialmente da sede da religião, Céu do Mapiá, no estado do Amazonas. Há nesses encontros uma constante busca pelo desenvolvimento sustentável nessas comunidades religiosas, e incentivo a convivência harmoniosa no grupo e no espaço, desenvolvimento mediúnico, estudo e aperfeiçoamento das tradições através de estudo dos hinários e atualização das normas ritualísticas da doutrina. Há nesses encontros, um fluente espaço de práticas de terapias holísticas em grupo, e a valorização do trabalho econômico desenvolvido pelas mulheres, contado com exposição para venda e troca de produtos, artesanais ou não.

sociais é forte aliado, posto que através destas os adeptos tem acesso, por exemplo, e não poderia ter melhor exemplo nesse caso, a divulgação dos hinos, contando com várias páginas e blogs dedicados a esta função. Aí, se pode encontrar, tanto os que figuram as colunas de hinários oficiais da doutrina, quanto os hinários chamados locais, e os casos a que considero mais especiais que são a divulgação dos hinos novos, que vão sendo recebidos e publicados nas páginas de modo "quase instantâneos do astral para a rede", incluindo hinos das personalidades da direção da doutrina como também, digamos, do segmento geral, que provavelmente só tem relevância local ou mesmo pessoal.

Esse maior acesso ao conhecimento transmitido neste culto, de certa forma, descentraliza a antiga apropriação exclusivista do saber, ainda defendida em alguns casos, é claro não entrando aqui nas revelações de cunho pessoal transcendentais referentes a passagens e estágios iniciáticos. São sinais da superação de velhos tabus dentro do culto e na sociedade através das conquistas representadas na liberdade religiosa vigente no Brasil, especialmente nesse caso, da liberdade de expressão quanto ao pertencimento a determinado grupo religioso. A informação tem, portanto, papel precioso, tanto na possibilidade de expressão como na compreensão do elemento enteógeno pela sociedade e pelos próprios usuários da bebida tida como sagrada desde tradições milenares e cristalizadas nas religiões surgidas no Brasil no século passado. Toda essa mudança ratifica a anunciação no hino de Alfredo Gregório, dirigente mundial do Santo Daime na linha do Padrinho Sebastião: "O velho tempo passa/ Novo tempo chegou/Novo mundo, novo povo, nova era/E um novo professor" nesses novos tempos.

Há também nesses usos de redes sociais como ferramenta de comunicação e expressão das comunidades do Santo Daime, os abusos da liberdade de expressão possibilitada pela internet. Um é a quebra de preceitos doutrinários e quem sabe até legais, quando observamos posicionamentos das propostas proselitistas das religiões interessadas em arrebanhar seguidores, o que esclarecidamente não vem a ser o caso do Santo Daime, cuja recomendação ética é a de "não convidar", deixando que as pessoas cheguem livremente. Outra particularidade do uso da bebida enteógena, é o fato de que mesmo considerando essa experiência uma possibilidade de expansão do horizonte religioso, cultural e ecológico para as pessoas, não se configura como uma experiência dirigida às massas. Enfim, as redes sociais tem se mostrado mais um espaço de expressão das experiências do sagrado, nos mais variados segmentos culturais e religiosos e, particularmente, como analisamos aqui, no Santo Daime.

3.2 Biografias: apresentação dos entrevistados

> Mas acreditamos que a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, tampouco do preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade – e a da história oral como um todo – decorre de toda uma postura em relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É nesse sentido que não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória. (ALBERTI, 2005, p, 23)

Este é o momento de apresentar os sujeitos da pesquisa, ou seja, os entrevistados. A que história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (ALBERTI, 2005). Figura como fonte principal desse estudo com o objetivo de compreender e, assim, contribuir com a construção da memória do Santo Daime na Paraíba: a chegada ao Nordeste, a formação de seu povo, suas lembranças e trajetórias, e como essa religião vem se estabelecendo territorialmente. Para isso, a memória das pessoas que viveram e vivem essa história é a nossa peça chave. Suas narrativas, memórias e esquecimentos[49] são fontes primordiais na compreensão dessa história. Como não podemos compreender as narrativas orais sem a compreensão da biografia dos sujeitos em questão, optamos no presente capítulo justamente por iniciar nossa abordagem dos relatos de campo com uma apresentação biográfica de nossos entrevistados, para que o leitor compreenda sua importância dentro do contexto daimista paraibano, nordestino e nacional.

Desse modo, resolvemos montar um quebra-cabeças onde a observação em campo se une aos relatos na formação da memória deste povo, seguidores do Santo Daime, sua chegada à Paraíba e desenvolvimento no Nordeste. Consideramos que o registro da memória de um povo, de um grupo ou fenômeno pela diversidade de seus sujeitos é sempre uma construção, seja histórica, política, cultural ou econômica. Compreendemos que as implicações culturais, tendências e particularidades a que nos propomos investigar estão impressas nos relatos de cada indivíduo que aqui deixa registrada sua trajetória de vida, junto a vivencia religiosa no

[49] Ver Pollak (1989).

Santo Daime, e mesmo as contribuições não citadas explicitamente, tendo em vista a vivência enquanto pesquisadora e participante no grupo. Atentamos a transmissão do conhecimento das informações inerentes a um culto iniciático, cabendo a mim, enquanto pesquisadora, racionalmente, respeitar, portanto, o reino encantado dos segredos religiosos.

Campo de pesquisa: entrevistas

A seguir apresentaremos brevemente cada um dos sujeitos entrevistados, podendo aparecer no transcorrer das páginas imagens/fotos coletadas em campo durante a pesquisa e, em alguns momentos, por colaboradores, além de imagens antigas cedidas pelas pessoas referidas. Os contextos das entrevistas também serão apresentados para melhor descrição do campo de pesquisa. Todas as entrevistas[50] foram gravadas em áudio (usando gravador digital *Sony* e gravador de aparelho celular *Samsung*), e audiovisual (Câmera *Canon T3i*), para isso contamos com o reforço na equipe, em cinco das dez entrevistas. Na conversa com Alex Polari de Alverga o vídeo foi feito por Fábio F. do Nascimento, e nas entrevistas de Rômulo Azevedo, Pollyana Matias, Roberto Castro e Marconi Costa, o vídeo ficou por conta de Larissa Lira. Além de outros apoios logísticos e vibracionais que tornaram possíveis a realização da pesquisa de campo.

Um elemento fundamental nas entrevistas que influi na qualidade técnica do material é o ambiente, por isso, os locais escolhidos para a coleta de depoimentos, constatamos, é bom que sejam silenciosos, pelo quesito captação de som, por não contarmos com microfone externo, utilizando assim o microfone da câmera, além, é claro de gravadores. Após coletadas, as entrevistas foram transcritas[51] com o mínimo de interferência, a não ser os ajustes necessários na passagem da linguagem oral para a escrita. Como recomendado no tratamento com material de história oral[52].

Devemos enfatizar, contudo, que a condição de participante nos deu certo acesso aos sujeitos dessa história, tanto no contato de acertos de datas como especialmente, no desenvolvimento do roteiro geral e específico ou individual, desenvolvido com informações biográficas pesquisadas previamente. De acordo com Alberti (2005) em "*Manual de História Oral*" as entrevistas podem ser temáticas: aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido; ou de história de vida: que tem como centro

[50] Exceto uma realizada via e-mail.
[51] A transcrição das entrevistas foi apresentada como apêndice para a banca avaliadora que sugeriu não disponibilizá-la nesta versão final do trabalho.
[52] ALBERTI (2005) e MEIHY e RIBEIRO (2011).

de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou (ALBERTI, 2005, p. 38). Neste caso, foram realizadas entrevistas temáticas onde procuramos dar conta da parte inicial da vida do entrevistado (origens familiares, socialização, formação etc.), a fim de situarmos melhor quem fala e porque optou (ou não) pela trajetória que o levou a participar do tema em questão. (ALBERTI, 2005, p. 39) Contudo, e como observado em campo, mesmo na entrevista temática entramos em contato com a história da vida e os dados biográficos da pessoa. Pressupondo assim a relação com o método biográfico: seja concentrando-se sobre um tema, seja debruçando-se sobre um indivíduo e os cortes temáticos efetuados em sua trajetória, a entrevista teve como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência. (ALBERTI, 2005, p.38)

A pesquisa prévia também teve a funcionalidade na "escolha" dos entrevistados, que ocorreu naturalmente, de acordo com a demanda a ser cumprida. Dessa forma tivemos casos em que numa entrevista ou mais de uma, a participação de pessoas, que não estavam no projeto, tornaram-se essenciais para a pesquisa. Também não poderia deixar de registrar a contribuição de outros atores desse cenário que não pude entrevistar por questões de normas de delimitação no número de histórias a que essa pesquisa precisou dar conta. Fato que não implica em classificação de importância ou preferência pessoal. Observamos que um sentimento comum a todas os entrevistados foi o de satisfação, no sentido de alegria, em estarem contando essa história, ou melhor não só contando, pois inúmeros episódios já haviam sido contados ou escutados, mas saberem que estava sendo registrado, que não seria uma lembrança perdida no tempo. Funcionou como se isso fosse um reconhecimento do valor dessa história em suas vidas. Os dados biográficos estão baseados segundo os depoimentos aqui coletados, e os dos termos de consentimento estão nos apêndices.

Trajetórias: apresentação biográfica

a) Alex Polari de Alverga

Alex Polari de Alverga (figura 14) é paraibano, nasceu em João Pessoa, em 11 de outubro de 1950. Foi para o Rio de Janeiro com três anos de idade, onde passou infância e juventude. Participou do movimento estudantil e teve uma atuação bastante ativa no

movimento social, na luta contra a ditadura militar na década de 60, e por isso chegou a permanecer nove anos preso. Conheceu o Santo Daime na década de 80, tomou o Daime pela primeira vez em Visconde de Mauá em 1981, e no ano seguinte 1982 foi ao Acre pela primeira vez, teve contato com a doutrina do Santo Daime e conheceu Sebastião Mota de Melo, o Padrinho Sebastião, seu mentor e Guia espiritual. Nessa época o Padrinho Sebastião, sua família e seus seguidores estavam no Rio do Ouro, Amazonas, antes de irem para o Céu do Mapiá, Amazonas.

Figura 14 – Alex Polari de Alverga

A primeira pessoa entrevistada a inaugurar o trabalho de campo, é mais que um personagem dessa história da vinda do Santo Daime para o Nordeste. Alex Polari de Alverga além de ter sido o portador dessa mensagem da floresta no Nordeste, de levantar e fincar a bandeira de Sebastião Mota de Melo, foi ele mesmo peça central dessa história, abriu compreensões e preparou terreno para essa chegada. A semente do Santo Daime da qual brotou o interesse de muitos casos relatados aqui nas entrevistas, da anunciação de Mestre

Irineu e Padrinho Sebastião, como são conhecidos, e o percurso de autoconhecimento possibilitado pela "vinho das almas" foram lançados nas páginas dos livros escritos por Alex Polari. De acordo com COSTA (2012), o escritor possui cerca de dez obras de referência, além de diversos textos informativos e institucionais. Neste caso, referimos como sementes de inspiração lançadas em solo nordestino nas seguintes obras: "O Livro das mirações" (1984) e "O guia da floresta" (1992).

Figura 15 e **16**: capas dos livros de Alex Polari

Em campo na "colheita" de nossa principal fonte, os depoimentos orais, escutados e gravados, recorrentemente revelam que o "encontro", o "despertar" e mesmo o "chamado" para seguirem no Santo Daime aconteceu antes mesmo da participação em um trabalho e do uso da bebida sagrada. Esse encontro foi possibilitado pela "leitura" desses livros, assim como por "encanto", sujeitos pioneiros dessa história inauguraram seu contato com a tradição a que esta pesquisa se dedica. Alex Polari de Alverga é casado com Sônia Palhares de Alverga, tem quatro filhos. É fundador de uma das primeiras igrejas urbanas do Santo Daime, o Céu da Montanha em Visconde de Mauá, estado do Rio de Janeiro.

Na entrevista concedida para essa pesquisa, o entrevistado discorre sobre o movimento de expansão do Santo Daime no Brasil e no Exterior, como também do processo de regulamentação do uso da ayahuasca, do qual participou ativamente, e continua a dar segmento, tendo em vista que o uso mesmo religioso, em alguns países, ainda não é

reconhecido legalmente. Relata experiência doutrinária e comunitária vivenciadas em Visconde de Mauá, trás sua memória sobre a vinda do Santo Daime para a Paraíba e a fundação da primeira igreja do Nordeste: Céu da Campina da qual é patrono e, ainda, trás relatos sobre o desenvolvimento dessa religião da floresta com claras influências nordestinas na região.

A entrevista aconteceu dia 26 de julho de 2013, final da tarde, na pousada Magia do Verde no município de Lagoa Seca, onde o senhor Alex estava hospedado com sua esposa Sônia, enquanto aguardavam para realizarem trabalho no Céu da Campina, registrado na foto, a seguir:

Figura 17: Trabalho no Céu da Campina, 26 de julho de 2013[53]
Fonte: Arquivos da autora

Nessa ocasião (Figura 27) foram cantados seleção de seus hinos; o casal e comitiva já vinham de Recife - PE e no dia seguinte viajaram para Natal - RN. Tradicionalmente seu hinário "Nova Anunciação" é cantado no dia 11 de Outubro, dia de seu aniversário, onde também se comemora o aniversário do Céu da Campina e da cidade que lhe dá o nome: Campina Grande, Paraíba.

[53] Da esquerda para a direita: Máira Días, Sônia Palhares, Alex Polari, Francisco Bernardino (Tim), Rômulo Azevedo, Vitor Lima, Javan Paiva Filho, Rodrigo Jófili, Guarací, Listênio Nóbrega.

b) Rômulo Azevedo

Figura 18: Rômulo Azevedo
Fonte: Arquivos da autora

Rômulo Ferreira de Azevedo Filho (Figura 18) nasceu em Campina Grande, Paraíba no dia 25 de Dezembro de 1952. Filho de D. Elizabete, baiana, nascida em Salvador e José Francisco Filho, natural de Santana do Ipanema, Alagoas. Sempre viveu em Campina Grande, com exceção do período de que fez parte dos estudos de cinema no Rio de Janeiro, na década de 1970. É casado com Íris Medeiros e tem três filhos Fábio, Lucas e José. Ao longo de sua caminhada profissional, desempenhou diversas funções na área da Comunicação: professor do curso de Comunicação Social na UEPB, onde veio assumir cargos de Coordenação e Diretoria de Centro, Cineasta[54], apresentador de telejornal e repórter. Nessa, mais que nas outras entrevistas, pairou num tom de humor, a observação "da inexperiência da equipe", acentuada, em decorrência do "histórico profissional" do entrevistado. Encontramos com o senhor

[54] Durante o Festival de cinema que acontece em Campina grande, o "*Comunicurtas"*, há uma premiação que leva o nome de Rômulo e Romero Azevedo. O segundo é seu irmão gêmeo, que também é professor e cineasta.

Rômulo, que reservou um tempo em meio a tantos compromissos, dia 17 de janeiro de 2014 no final da tarde, na ONG do Encontro da Nova Consciência, e seguimos para a sede da FURNE (Fundação de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão), onde também funciona o MAAC (Museu de Arte Assis Chateaubriand), no Centro de Campina Grande. Relatou sobre sua história de vida, trajetória profissional, surgimento do Encontro da Nova Consciência, seu encontro com o Santo Daime e estabelecimento da primeira igreja dessa religião no Nordeste. Desde 1993, com a chegada deste culto através do encontro da Nova Consciência, momento em que conheceu a doutrina, Rômulo além de seguidor do Santo Daime, foi designado e assumiu a direção do Céu da Campina. Neste ano de 2014, completaram 21 anos da chegada formal do Santo Daime na Paraíba e assim no Nordeste, e 20 anos de funcionamento do Céu da Campina, inaugurada em 11 de Outubro de 1994, e tem como data inaugural do ponto 15 de agosto de 1993. A seguir, imagem da época da primeira sede:

Figuras 19: Hinário na primeira sede do Céu da campina[55]

[55] Moacir Costa, Valdeci, Rômulo Azevedo, (?) Roberto Castro. Foto: cedida do arquivo pessoal de Poollyana Matias.

c) Pollyanna Matias de Figueiredo Castro

Figura 20 - Pollyana (à esquerda) ao lado de Maria Coordeiro (Liberdade).
Fonte: Arquivos da autora

Pollyanna Matias de Figueiredo Castro (Figura 20) nasceu no dia 15 de agosto de 1970 na cidade de Juazeirinho, Paraíba e ainda jovem se mudou para Campina Grande. Filha de Fernando Matias de Oliveira e Maria da Paz Matias, é casada com o Senhor Roberto Castro e tem duas filhas, dedica-se a casa e a família e é costureira. Conheceu o Santo Daime em 15 de Novembro de 1993 e, em seguida, viajou para o Céu do Mapiá, onde se fardou com a benção da Madrinha Rita, recebeu a estrela da Senhora Regina pereira no hinário de São José de 1994. Seu depoimento foi marcado pela tônica da emoção de rememorar os primeiros tempos da chegada do Santo Daime em terras Paraíbanas. No dia 18 de janeiro de 2014 Pollyana nos recebeu em sua casa no município de Lagoa Seca. Nessa oportunidade, além da entrevista registramos um local de importância histórica para essa pesquisa, onde aconteceram os primeiros trabalhos do Céu da Campina e onde podemos ver a estrutura física na qual funcionou a primeira igreja do Santo Daime no Nordeste.

d) Roberto Castro

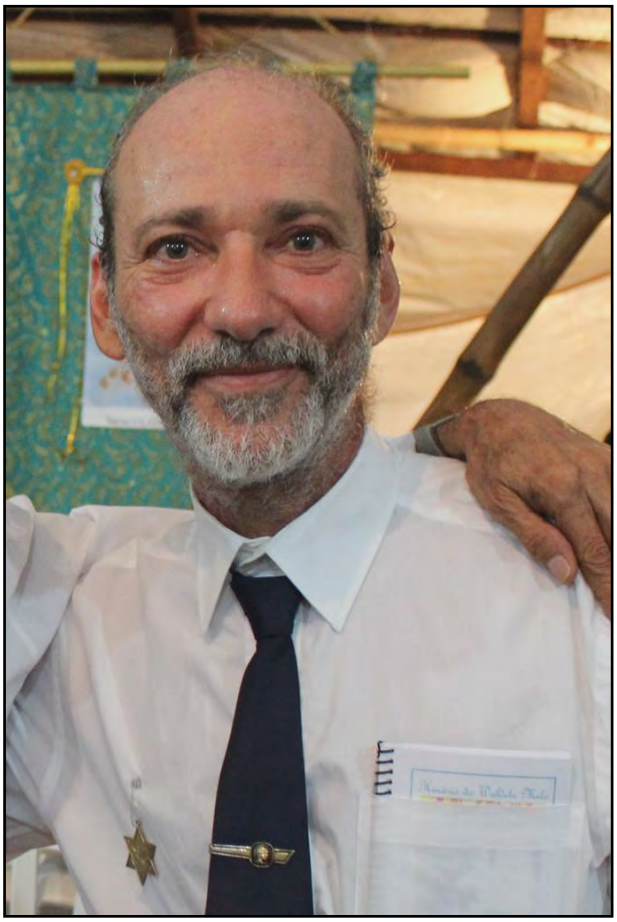


Figura 21- Roberto Castro
Fonte: Arquivos da autora

Roberto Luís de Figueiredo Castro (Figura 21), 53 anos, nasceu em Campina Grande em 30 de agosto de 1960. Filho de Antônio Cabral de Castro e Marluce Cavalcante de Figueiredo Castro, é casado com Pollyana Matias de Figueiredo Castro. Conheceu o Santo Daime na ocasião da chegada dessa religião na Paraíba, é um dos participantes do primeiro trabalho, realizado em 1993 no Encontro da Nova Consciência dirigido por Alex Polari, que aderiram a doutrina. O senhor Roberto reside em sua chácara no município de Lagoa Seca, Paraíba onde funcionou a primeira sede do Céu da Campina, inicialmente, em 1993, na sala

de sua casa. No ano seguinte, foi construída a igreja, e, aí, realizou suas atividades durante vários anos. A visita a este local, presente na lembrança viva dos relatos dos daimistas mais antigos da Paraíba, permitiu registrar além das entrevistas imagens da igreja e das plantas sagradas do Santo Daime, inclusive um cipó jagube plantado no começo dessa história, chamado "general". Roberto é músico da doutrina, se fardou em 1994 no Céu do Mapiá e junto a sua esposa são presenças conhecidas nas igrejas nordestinas do Santo Daime.

Figura 22- Cipó Jagube - General [56](nome dado a cipó antigo), plantado no início da história do Santo Daime no Nordeste.

[56] Foto: Roberto Castro

e) Marconi Costa

Figura 23- Marconi Costa
Fonte: Arquivos da autora

Marconi Soares Costa (Figura 23) é natural de Campina Grande, Paraíba, nasceu em 29 de Março de 1970. É o mais jovem dos quatro filhos de José Soares Costa e Edineide Soares Costa. Casado com Anna Sylvia Cavalcanti e pai da pequena Mariana, trabalha como funcionário público. Ingressou no Santo Daime dia 15 de novembro de 1993, se fardou em agosto de 1994 no Céu da Campina. Passou pela experiência de morar no Mapiá, Amazonas, e vivenciar por um ano e meio na comunidade sede do Santo Daime. A entrevista aconteceu no dia 18 de janeiro de 2014 em sua residência. Este depoimento reflete questões estruturais da organização interna do grupo, cultivo das plantas sagradas usadas na composição do sacramento deste culto e feitio, além de concepções sobre temas centrais desta religião. Entre

outras funções desempenhadas no grupo, Marconi Costa é "despachante": serve o daime aos demais participantes (Figura 24).

Figura 24 - Mesa de despacho do Daime[57].
Fonte: Arquivos da autora

[57] Ou mesa para servir o Daime. Na foto da esquerda para a direita: Anita Sales, Valdete Mota de Melo, Marconi Costa, Javan Paiva Filho, Marco Luna, Caio Fernandes Santos.

e) Francisco Nóbrega

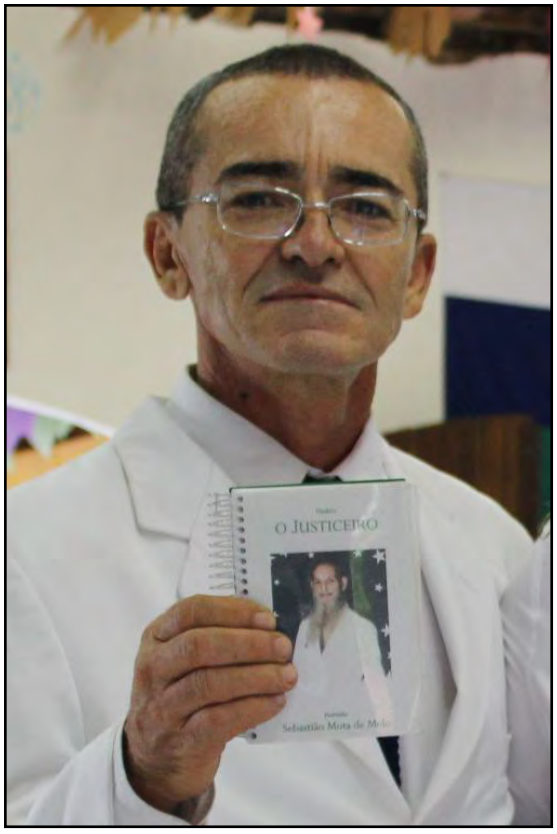


Figura 25- Francisco Nóbrega[58]
Fonte: Arquivos da autora

Francisco Antônio de Vieira da Nóbrega (Figura 25) nasceu em 18 de Maio de 1959. O relato de suas primeiras memórias imprime a imagem do nordeste rural da década de 60. Chico é natural do povoado Alagamar e passou sua infância junto aos nove irmãos no sítio Canto Fino no município de Assú no Rio Grande Norte, cidade natal de Rita Gregório de Melo, Madrinha Rita, Matriarca da doutrina. Em ocasião oportuna, presenciei um diálogo de sua irmã Júlia Gregório, conhecida por Madrinha Júlia, quando esteve em Campina Grande em 2013, relembrando entre tantas memórias os pés de carnaúba da região de Assú. No qual quando crianças, faziam artesanato da fibra de carnaúba. As palavras de Chico remontam a minhas próprias memórias vividas e escutadas dos mais velhos que como ele "*viveram as alegrias do inverno e as tristezas da seca*". Sertanejo autêntico, e para que não fique dúvida, a marca da luta do sertanejo: um espinho de xique-xique cravado na palma da mão, em cima de

[58] Segurando caderno do hinário de Padrinho Sebastião.

uma linha, que lá está desde a década de 1970, quando ocorreu a famosa seca de 70. Migrou pra Campina Grande ainda jovem e chegou ao Santo Daime no dia da "inauguração do Ponto" em 15 de Agosto de 1993, se fardou no trabalho da noite de Natal deste mesmo ano na Colônia Cinco Mil, Amazonas, sendo assim o fardado mais antigo do Céu da Campina, onde desempenha a função de oficiante de Rituais (casamentos, batizados). Chico Nóbrega é jornalista e autor de vasto material pesquisado e publicado sobre Luís Gonzaga, o Rei do Baião. A entrevista aconteceu em dois blocos, em 23 de abril e 13 de maio de 2014, e foi a única da pesquisa realizada na sede do Céu da Campina.

f) Ronaldo Silva

Figura 26 – Ronaldo Silva
Fonte: Arquivos da autora

Ronaldo da Silva Porfírio (Figura 26) é natural de João Pessoa, nasceu em 18 de setembro de 1977. Filho de Maria Gilka da Silva Porfírio e José Porfírio Filho. Trabalha como agente penitenciário e é universitário do Curso de Direito. Conheceu o Santo Daime com o grupo que deu origem ao Céu de Coqueirinho, litoral sul de João Pessoa, em 2005. Fardou-se no mesmo ano no Céu da Campina, no dia 8 de Dezembro, em comemoração a Virgem da Conceição, e dia da inauguração da sede própria. A entrevista foi concedida no dia 11 de abril de 2014 em sua residência, além de sua vivência pessoal e impressões de sua experiência religiosa como seguidor do Santo Daime descreve a trajetória da Igreja Céu de Coqueirinho, que neste ano completa 10 anos de atividades. Ronaldo é casado com Raylla da Silva Belmont e pai da pequena Laura, que acompanhou alegremente a entrevista.

g) Francisco Bernardino (Tim)

Figura 27: Francisco Bernardino (Tim)
Fonte: Arquivos da autora

José Francisco Ribeiro da Silva Bernardino (Figura 27), nasceu no interior de São Paulo em Presidente Prudente em 20 de setembro 1968. Filho de José Luíz Bernardino de Souza e Maria Sônia Ribeiro Silva. Conheceu o Santo Daime em 1989 na igreja chamada Flor de Luz, com o senhor Jonas Frederico, em São Paulo, que ao mudar para Sorocaba passou a se chamar Céu de Midam. Chegou à Paraíba em 2000. Em sua entrevista, relata sobre o desenvolvimento do Santo Daime em João Pessoa e conta a história do Céu do Amanhecer, atualmente localizado num lugar chamado Mata D'água, no município de Alhandra, PB. Ainda descreve suas experiências religiosas desde o sudeste, e o estabelecimento de igrejas como o Céu de Maria dirigida por Glauco Vilas- Boas, onde ele se fardou em 1994. Devido o Universo de terapeuta Francisco ou Tim, como é mais conhecido, traz concepções de cura e outros temas caros a doutrina do Santo Daime, a luz de conhecimentos de comunidades

tradicionais e indígenas. É pai de Clara e Izabel, e espera a chegada do terceiro, fruto da união com Maíra Dias. A entrevista aconteceu em 13 de fevereiro de 2014 em João Pessoa.

h) Marcelo Bolshaw Gomes

Marcelo Bolshaw Gomes, 53 anos, natural da cidade do Rio de Janeiro, nasceu em 12 de janeiro de 1961, filho de Itamar Bolshaw Gomes e Maria de Lourdes Bolshaw Gomes. Casado com Gelli Cristina Ahimed, pai de Krishna Ahimed, doutor em ciências sociais e atualmente professor do Programa de Pós Graduação em Estudos da Mídia (UFRN). Começou a tomar Daime no dia 05/01/1986 e se fardou no São João do mesmo ano na Igreja Céu do Mar, no Rio de Janeiro, com Paulo Roberto de Souza. Em 1988, participou do começo do Umbandaime, em Nova Friburgo, com a Baixinha. Em 1991, foi professor primário no Céu do Mapiá. Em 1992, foi trabalhar como jornalista em Rio Branco (AC) e ajudou a organizar o Centenário do Mestre Irineu. Reside no Nordeste desde 1994. Essa foi a única entrevista realizada por e-mail, em 15 de Maio de 2014. O depoimento de Marcelo é essencial para essa investigação sobre a chegada do Santo Daime no Nordeste. Tendo em vista a declaração dos depoentes, quando colocada a questão se o trabalho realizado em 1993 em Campina Grande seria a primeira experiência do Ritual do Santo Daime no Nordeste, a que vários responderam que antes de 1993, Marcelo Bolshaw já realizava trabalhos com um grupo em Natal no Rio Grande do Norte. Informação investigada e confirmada.

i) Andréia Carrer Carvalho

Figura 28: Andréia Carrer Carvalho
Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

Andréia Carrer Carvalho (figura 28) nasceu em Santos, São Paulo no ano 1970, filha de Maria Luíza Câmara Carrer e Newton Carrer. Casada com Abraão Sousa de Carvalho e mãe de Beatriz. É pedagoga, com mestrado em na área de educação no campo da didática. Tem formação na área da saúde voltada para as práticas integrativas, em terapia floral da Amazônia, e massoterapia Ayurveda. Entrou em contato com o grupo religioso do Santo Daime, em São Paulo, na igreja Flor das Águas e veio a frequentar a igreja Céu de Maria, também em São Paulo, onde se fardou. Mora em João Pessoa há 14 anos, chegou à Paraíba em 2000. Participou da fundação da ONG Apôitchá na cidade de Lucena e faz parte do grupo que fundou o centro daimista Flor da Nova Era em Lucena, Paraíba no ano 2001.

4 MOSAICO DE MEMÓRIAS: histórias e narrativas ao Som e na Luz da Floresta

Por meio da montagem desse mosaico de concepções da experiência religiosa no Santo Daime, damos espaço "as falas" com as quais dialogamos nos seguintes tópicos que aparecerão "em *itálico"*: elementos culturais da religião, trajetória ou biografia pessoal e no grupo, vida comunitária ou convivência no grupo e seus conflitos. Ainda traremos relatos sobre experiências sagradas, plantas de poder, estados de consciência, hinos, ritos, miração, compreensão de cura, seja pessoal ou no culto e testemunhos. Tendo em vista as narrativas aqui presentes buscaremos compreender temas particulares a religião estudada como também questões inerentes à espiritualidade, práticas religiosas e culturais, bem como sócio político e econômica do campo. Demais temas abordados nas entrevistas, como diálogos inter-religiosos antes e durante a adesão ao culto aqui estudados, discriminação e liberdade religiosa podem ser conferidos diretamente nas entrevistas. Questões ligadas diretamente a biografia ou história pessoal de vida dos entrevistados são apresentadas nas "biografias", ou mesmo nas entrevistas.

As falas aqui apresentadas são levantamento etnográfico da memória do povo daimista na Paraíba. São a expressão das visões de quem participou e participa de determinado tempo histórico da chegada e desenvolvimento desta religião nesse Estado, ao qual nos interessamos aqui; "respostas" as questões colocadas nas entrevistas, que representam a memória viva de um povo. Para elas desenvolvemos um roteiro geral, com questões de alcance ao perfil de todos os entrevistados e roteiros temáticos ou específicos quanto aos dados biográficos conhecidos e pesquisados previamente.

4.1. Encontro da Nova Consciência: história e participação do Santo Daime

A paisagem religiosa e sociocultural do Campo Paraibano, onde está inserido o Santo Daime, é bem rica e diversificada. Podendo ser observado nos Encontros da Nova Consciência (figura 29) onde vários segmentos religiosos, convivem, debatem, expõem, cantam, rezam, e dançam, dentre outras atividades. Neste ano de 2014, o evento chegou a sua 23ª Edição e além de unir as vários grupos e religiões que anualmente marcam presença, vem sendo, porta de entrada para outras denominações no campo religioso Paraibano e mesmo Nordestino.

Figura 29: Encontro da Nova Consciência (2011)[59]

Ao longo de mais de duas décadas de existência, o evento indica um diálogo inter-religioso, com tradições não religiosas, sejam étnicas, ou dos mais variados segmentos sociais, além de práticas terapêuticas durante todo o encontro, feiras e exposições. Transfigurando-se assim em uma alternativa para o público no feriado do carnaval, sendo este, como diz Amaral (2000), um evento ou encontro da Nova Era. Segundo Perez:

> O caso da Nova Era aponta para "o deslocamento de diferenças híbridas" como "uma das novas condições da experiência espiritual" na contemporaneidade. Experiência religiosa que visa a transformação individual pela via do encontro, da vivência, em uma palavra, pela experimentação. Não é à toa, portanto, que os participantes sejam chamados de buscadores e que as atividades de busca se realizem em encontros, festivais, e congressos holísticos. (PEREZ, 2001, pag. 275)

Um desses espaços comuns de busca durante o Encontro da Nova Consciência é o Santo Daime. Desde sua chegada através do Encontro em 1993, no qual seu trabalho inaugural ocorreu como uma atividade que contou com um público de buscadores, que esta denominação religiosa vem participando com palestras e apresentação de hinos, e especialmente abrindo as portas de seu espaço ritual para receber neófitos. Temos como fonte principal de nossos estudos a história oral narrada em depoimentos, coletados para essa pesquisa, por quem participou e participa do tempo e fenômenos históricos a cerca do tema que por ora estudamos.

[59] Disponível em: http://www.paraiba.com.br/2011/02/03/66026-encontro-da-nova-consciencia-de-campina-grande-completa-20-anos-em-marco, acesso em 13 de junho de 2014.

Em entrevista, registramos o depoimento do Jornalista Rômulo Azevedo, que há anos atua na comunicação do evento, junto a sua esposa Íris Medeiros, ativista e produtora cultural, idealizadora, realizadora do Encontro da Nova Consciência. Sobre a história do Surgimento do Encontro da Nova Consciência e seu momento atual, Rômulo Azevedo narra[60]:

> Eu acho esse encontro tão importante, porque ele tem aberto e apontado caminhos para muita gente. Eu sou uma dessas pessoas que posso dar esse testemunho. Campina Grande não tem carnaval, o último grande carnaval de Campina Grande, eu lembro perfeitamente, foi em 1989, inclusive com a presença da televisão, mostrando o desfile das escolas de Samba etc. A partir de 90 começou a morrer, aí foi morrendo, 91 já não tinha mais nada. Aí minha mulher trabalhava no departamento de Turismo da Prefeitura Municipal, prefeito Cássio Cunha Lima, chamou ela pra uma reunião e disse: Íris, o seguinte, eu queria que você criasse uma coisa pra gente apresentar aqui em Campina, porque no carnaval a cidade fica abandonada, não tem nada, só tem desfiles precários e etc., e eu não queria que fosse carnaval Íris, eu queria que fosse uma alternativa ao carnaval. Aí eu conversando com ela, disse Íris tu já percebesses, todo ano quando vai chegando o carnaval Diário da Borborema, jornal da Paraíba começa a dizer: igreja adventista prepara retiro em Alagoa Grande, Assembleia de Deus vai fazer um retiro em Catolé do Rocha, Católicos irão se reunir em Manaíra. Então, eram grupos deixando a cidade em multidões para fazer retiros, porque a cidade não tinha opção. Aí porque não deixar a cidade em condições pra que essas pessoas permaneçam aqui e tragam outras pra cá, já que não tem carnaval, a cidade tem uma boa estrutura, então aí, a faca e o queijo. Ela disse, então, era bom não ficar ligado só a religião, era bom abrir pra outras áreas do conhecimento: esoterismo, filosofia, ciências, arte, cultura. Beleza! O carnaval é um feriado prolongadíssimo, nem todo mundo gosta de carnaval, ás vezes você tá doido pra discutir cinema com alguém, quatro dias maravilhosos, mas num tem. Então, a partir disso aí, ela criou o primeiro Encontro. Eu me lembro, a abertura, a gente estava muito preocupado, no sábado de manhã no Teatro municipal, nove horas chegou o prefeito, teatro vazio. E ele disse assim: e aí Íris? Íris disse: esse negócio vai dar certo, tá aqui, organizamos tudo. Mas graças a Deus de noite foi surpreendente, multidões vindas não sei de onde invadiram aquele teatro, cadeiras totalmente lotadas, os corredores. Não cabia mais gente, multidão na porta do Teatro, quando Cássio viu ele ficou orgulhoso, que ele viu que a coisa dava certo. Aí segundo ano já foi crescendo, até que os evangélicos numa visão totalmente tortuosa que não compreenderam a coisa, eles pensaram que aquilo era uma provocação. Aí eles inventaram o encontro deles, pra acabar, a ideia original era isso, era fazer um encontro pra acabar com a festa do diabo, do paganismo, dos ateus, das prostitutas, dos gays, e assim por diante. Graças a Deus, o encontro permanece até hoje, como eu lhe disse, abrindo e apontando caminhos para muitas pessoas, e repito sou ima dessas pessoas, e eu gosto muito do formato. É um encontro que você discuti tudo, inclusive religião, não é um encontro religioso, é um erro pensar que é um encontro religioso, não, é um encontro que se discuti tudo inclusive religião. De forma totalmente civilizada, de forma totalmente [...] não é nem tolerante, tolerar é quando você não aguenta mas tem que tolerar, de forma respeitosa. Se respeita e se aceita o diferente, em todas as suas nuances.

[60] Entrevista realizada em 17 de janeiro de 2014.

> Então esse encontro eu acho que é precioso, não só pra Campina, Planeta Terra como um todo.

Como este é um encontro ímpar, tratando de sua categoria enquanto acontecimento integrador de vários segmentos religiosos, sociais e culturais, investigamos, tendo em vista o conhecimento do interlocutor, Rômulo Azevedo, para saber como é realizado o evento, qual a situação política, num sentido de apoio do poder público para sua realização.Vejamos o relato:

> A cada ano que passa vai decaindo. Como o poder público é eleitoreiro, eles preferem apoiar quem tem densidade eleitoral, então os evangélicos são uma maioria bastante expressiva, eles preferem apostar nisso aí, que é uma forma de pedagogia eleitoreira. E o encontro como eles não veem, o encontro é um local de pensadores, pessoas que discutem, pessoas que não aceitam facilmente as coisas, então são pessoas que questionam, pessoas que criticam, não são bem vindas, não investem nisso, não vão investir numa pessoa que vai pensar e vai me criticar. Então eles preferem investir nesse encontro dos evangélicos ou então no carnaval da mangueira no Rio de Janeiro, que o que vai acontecer esse ano, a prefeitura de Campina Grande tá patrocinando uma das alas do carnaval da mangueira e isso não deve ser barato. Então o encontro tá dependendo [...] aliás essa semana houve uma situação bastante comovente: quando o pessoal da ONG chegou no trabalho ali na Maciel Pinheiro, embaixo da porta tinham dois envelopes, um tinha uma carta, a pessoa elogiando muito o encontro, dizendo que tinha sido muito importante positivo na vida dela, que não perdia nada, e sabia que o poder público não tinha o menor interesse, que tava se acabando, e ele torcendo para que aquilo não acontecesse, dando força pra que o pessoal não desistisse e no outro envelope mil reais, doados anonimamente. E ele dizendo que sirva pelo menos pra ajudar a comprar uma passagem. Então eu achei comovente primeiramente porque o povo querendo a continuidade do evento e a confiança do povo, ele sabia que aquele dinheiro vai ser realmente investido numa passagem, e não que iria pra um lugar diferente. Então, isso foi publicado no facebook, eles contaram essa história, claro é uma história bastante exemplar, já recebeu e-mail de outra pessoa perguntando como podia fazer, querendo doar quinhentos reais. Então o encontro é feito, digamos assim, pelas forças do bem, em todos os seus formatos. Mas oficialmente não tem apoio, cada vez menos, infelizmente.

Sobre a participação do Santo Daime no Encontro da Nova Consciência e as atividades internas do grupo durante o Encontro, Rômulo Azevedo dirigente da Igreja Céu da Campina desde sua fundação, declara:

> Veja bem, desde o segundo encontro, desde 93 que o Santo Daime tem lugar cativo, garantido na programação geral do Encontro da Nova Consciência. Todas as segundas-feiras de carnaval, religiosamente, desde 1993, nós fazemos uma apresentação no teatro, ou no local onde o encontro esteja sendo realizado, sobre o Daime. Uma palestra normalmente, se traz um convidado de fora ou então alguém da casa mesmo faz a apresentação do que

> é o Daime, depois se abre um debate com a plateia. E o ponto mais importante dessa apresentação é que na segunda-feira de noite, nós realizamos um trabalho de apresentação do Santo Daime, da doutrina e da bebida, na nossa igreja Céu da Campina lá em Lagoa Seca, e é uma oportunidade de muita gente ... dá muita gente todos os anos, conhecer o Santo Daime. Então, desde 93 o Santo Daime tem presença marcante na programação. [...] De uns anos pra cá, a gente aproveitando esse período de carnaval, a gente lançou uma moda entre aspas no Brasil, que tinha um mito que se dizia que o carnaval era a festa dos demônios, então os daimistas, os católicos, devem se recolher, se trancar dentro de casa e deixar os diabos soltos. Eu acho totalmente errado, pelo contrário, é hora de combater as trevas imediatamente quando elas estão se aproximando. Então além de fazer esse encontro, além de fazer esse trabalho a gente tá fazendo já há um longo tempo um feitio, uma produção do Santo Daime. Então a gente aproveita o carnaval, começa na sexta-feira geralmente de carnaval e vai até a terça-feira, fazemos um trabalho de feitio, que a gente chama feitio de instrução pra reunir não só a irmandade do Céu da Campina, mas toda a irmandade do Nordeste, uma oportunidade da gente ficar próximo um do outro e produzindo nosso sacramento. Então a gente tá fazendo isso já há um certo tempo. A nossa igreja tem feito ao longo dos anos, dois feitios por ano, um no carnaval esse tradicional, e um no aniversário na semana que antecede o aniversário do Céu da Campina. Então esses dois feitios são feitos para manutenção dos nossos estoques aqui do Santo Daime.

Sabendo da grande demanda de pessoas que procuram o Santo Daime, perguntamos a Rômulo, sobre a recepção de visitantes, tanto durante o Encontro, como no decorrer do ano, e se há restrições para o consumo da bebida sagrada. O qual prontamente respondeu:

> Quem conhece os centros daimistas sabe que nós temos uma anamnese, que é uma entrevista que se faz sobre as condições psicológicas, físicas da pessoa, se a pessoa toma medicamento, se já sofreu alguma internação por um problema de ordem mental, como é a vida social dele, como é a vida familiar. Então a partir das respostas do candidato, você pode fazer uma avaliação se ele está apto ou não a tomar a bebida. Eu particularmente repito, acho que qualquer pessoa pode tomar daime, não existe nem um registro de alguém que tomou daime e morreu, ou então alguém que tinha sã consciência tomou daime e enlouqueceu, isso não existe, então. Mas é preciso fazer essa entrevista, "os corações tem razões que a própria razão desconhece", então é por uma questão de segurança, e também tem algumas substancias, uma ou duas substancias de remédios psicotrópicos que não é bom associarem com os princípios ativos do daime, uma questão química, apenas de ordem química, essas duas substancias[61]. Se a pessoa tiver tomando remédio que contenham essas substancias, recomenda-se que não deve se servir concomitantemente o santo daime, depois que ela cortar o uso desse remédio pode tomar. Então a acolhida a pessoas é feito dessa forma.

Em pesquisa de campo para o presente estudo, pudemos observar e participar de atividades do Encontro da Nova Consciência e do trabalho do Santo Daime na segunda-feira

[61] Substâncias existentes em alguns medicamentos antidepressivos. Ex.: fluoxetina.

de carnaval, nos anos de 2013 e 2014. Esse trabalho é específico para apresentação da doutrina e bebida sacramental, conta com roteiro diferenciado, intercalado com esclarecimentos e preleções, mais que o comum, de acordo com a demanda. Evento mitológico, visto o alcance ao número de pessoas que tomam a bebida sagrada e participam de um ritual do Santo Daime pela primeira vez, cabendo aí todas as emoções típicas dessa experiência. Essa data, da segunda-feira de carnaval, ao longo dos anos, marca também o início dos trabalhos de pessoas que passaram a ser seguidores formais da doutrina. Assim, o encontro da Nova Consciência, além de ser o canal oficial por onde chegou o Santo Daime na Paraíba, ao longo dos anos vem influenciando a expansão desta religião e a formação de seu quadro de seguidores, não só na Paraíba e Nordeste, mas como ponto de passagem inicial na vida de daimistas, e mesmo de pessoas que tiveram uma única experiência com a doutrina da floresta, além dos casos mais curiosos de buscadores que lá estão, nas segundas-feiras de carnaval, por seguidos anos.

4.1.1 Emergência do Santo Daime no campo paraibano: trabalho inaugural e trajetórias

Apresentaremos as trajetórias de vida das pessoas entrevistadas e, principalmente, o contexto e condições históricas em que conheceram ou tiveram as primeiras experiências no Santo Daime. Das 10 pessoas entrevistadas apenas três (Alex Polari de Alverga, Rômulo Azevedo e Roberto Luís de Figueiredo Castro) estavam presentes na ocasião do Encontro da Nova Consciência em Campina Grande no ano 1993, data da chegada do Santo Daime na Paraíba. Destes, os dois últimos vivenciavam ali as primeiras experiências nessa religião que tem no centro de sua cosmologia o elemento enteógeno, ayahuasca, e neste contexto chamado Santo Daime.

Alex Polari de Alverga, em entrevista[62] concedida para esta pesquisa, narra:

> vim a conhecer já no início dos anos 80 o Santo Daime, através do Padrinho Sebastião que foi o meu mentor e guia espiritual. E pela primeira vez em 1981 eu tomei o Daime no Visconde de Mauá onde eu residia, e em 1982 foi a primeira vez que eu fui ao Acre e tive contato com a doutrina do Santo Daime e conheci o padrinho Sebastião.

[62] Em 26 de junho de 2013, município de Lagoa Seca, Paraíba.

A chegada de Alex Polari na doutrina marca a época onde o interesse social em torno do Santo Daime e seus mistérios, cresce, proporcionalmente, por parte da sociedade e meios de comunicação. O movimento religioso passa por um processo de investigação através da comissão multidisciplinar designada pelo governo, no final da ditadura militar. Dessa comissão, faziam parte pesquisadores e também seguidores que, nessa ocasião, embarcarão na conhecida categoria do "tornar-se nativo" do grupo pesquisado, ou pesquisar o grupo o qual eram nativos, e que viriam a ser fundadores das primeiras igrejas do Santo Daime fora da Região Norte: Alex Polari de Alverga, Paulo Roberto Sousa e Silva, Fernando La Roque, Vera Fróes, Clodomir Monteiro, além de outros pesquisadores, hoje antigos seguidores da doutrina. Dessa comissão, surgiram os primeiros trabalhos acadêmicos sobre essa religião. Segundo Alex:

> foi feita uma comissão que fez uma visita in loco na comunidade Rio do Ouro, e foi feita uma grande pesquisa que concluiu pela idoneidade da doutrina, da comunidade, do interesse social que havia. Uma coisa muito incipiente que só veio a se transformar num processo mais aprofundado quando em 1985 o então conselho federal de entorpecentes proibiu o uso do daime baseado que a substancia DMT já era incluída no código de substancias proscritas e tal. E isso motivou num novo momento onde as comunidades se uniram, no caso nós representando a linha do padrinho Sebastião e a UDV e o Alto Santo pra poder fazer frente a essa proibição. E isso gerou a formação de um grupo de trabalho em 1986 que terminou fazendo um longo estudo presidido pelo Doutor Domingos Bernardes, e que opinou pela autorização para o uso religioso do santo daime e posteriormente ficou provisoriamente regulamentado, mas não totalmente legal.

Os seguintes trechos a seguir, narrados também por Alex Polari, tratam do movimento histórico de expansão do Santo Daime no Brasil. Demonstra como o contexto sociocultural no país preparou um campo fértil à expansão do Santo Daime para os grandes centros urbanos de distintas regiões brasileiras; chegando ao Nordeste no início da década de 1990, época também da expansão para o exterior, vejamos a narrativa:

> comecei o trabalho e recebi da mão do Padrinho Sebastião lá no Rio do Ouro onde ele estava nessa época antes de ir pro Céu do Mapiá a autorização pra poder trazer esse sacramento pro Sudeste do país. [...] Então a década de 80 nós tivemos um momento também de grande crescimento e de uma demanda espiritual muito grande por parte de muita gente, foi crescendo o movimento em outras cidades, em outras capitais importantes, começou ali no Rio de Janeiro, em Mauá, Brasília, Florianópolis e foi se desenvolvendo ali principalmente, inicialmente no Sudeste. Teve um movimento de expansão muito grande no final dos anos 80, a vinda de muita gente conhecida e famosa, artistas, foi um movimento, até o Daime ficou bastante badalado na época. E nós em 1983 começamos nossos trabalhos em Mauá, em 1984 nós

> construímos a nossa igreja, adquirimos uma terra, começamos um trabalho comunitário, várias famílias se juntaram pra viver essa dimensão também comunitária da doutrina, que era uma coisa importante no ensinamento do Padrinho Sebastião. E a partir da década de 90, no início dos anos 90 também houve um crescimento tanto em relação a outras regiões do país como também o início de uma expansão pra fora do país, pro exterior. Muitos estrangeiros já desde os anos 70, dos anos 80 já passavam em trânsito ali pelo Acre, por Rio Branco, muitos mochileiros que iam pra Machu Pichu, tinha um intercambio muito grande, e terminou que muitos foram ficando por ali, e conhecendo aquele venerável patriarca de longas barbas brancas com a bebida sagrada e tudo, e foram indo e voltando trazendo família, convidando para iniciar alguma coisa conhecer, apresentar a doutrina, os hinos, então no início da década de 90 foi que o Padrinho Alfredo começou essas viagens que levaram também a doutrina pra outros países, um movimento que hoje já está espalhado praticamente em todo mundo.

Nas entrevistas buscamos num trabalho de memória, lembranças da primeira participação do Santo Daime na 2ª edição do Encontro da Nova Consciência em 1993, Alex Polari de Alverga, foi o "mensageiro da luz e do som da floresta" neste novo campo onde essa religião brasileira, com raízes profundas, emergiu e se desenvolveu:

> E foi por essa época, também nos anos 90, 93, eu acho que no ano anterior tinha havido o primeiro encontro da Nova Consciência em Campina Grande, e eu na época tava publicando meu segundo livro sobre o Daime[63] e o meu editor também tava vindo nesse Encontro e eu terminei que no ano seguinte eu fui convidado em 93 pra vir participar do encontro da Nova Consciência aqui em Campina Grande. Então eu vim ao encontro já chamado como uma representação, já havia uma difusão em relação ao Daime, uma expectativa, foi através do Rômulo e da íris. Conheci Rômulo trabalhando na comunicação, a íris na organização do Encontro. Fiz uma palestra no teatro e começou o interesse, e as pessoas já estavam interessadas em conhecer, então nós organizamos um trabalho, não como um evento do congresso, do encontro, mas como uma coisa paralela de boca em boca apenas para aquelas pessoas que estavam efetivamente interessadas e também dentro da palestra muitas pessoas ficaram tocadas e tudo, me procuraram, e agente fez algum filtro também não podia nem fazer uma coisa muito grande. E conseguimos um local em queimadas, se não me engano, me esqueci agora o nome da pessoa que ajudou e até acompanhou um pouco da história nessa época, e fomos lá nós, pra esse sítio em Queimadas, eu tinha já na eventualidade desse interesse, que já estava manifesto sobre o Daime, trazido um daime[64] e fizemos um trabalho.[...] Estava a Madrinha Sônia, e a minha filha Joana. Agente veio em pequena comitiva pra justamente apresentar, apresentamos alguns hinos no encontro, e também realizar o trabalho. Tivemos também a participação do Pastor Nehemias[65], foi muito emocionante assim, porque ele era uma pessoa de proa do encontro e uma pessoa muito aberta, uma pessoa

[63] " O Guia da Floresta" (1992).

[64] O daime ou o sacramento enteógeno, usado ou tomado nessa primeira cerimônia em Campina Grande, Paraíba, segundo Alex Polari, foi produzido em Mauá, estado do Rio de Janeiro onde está localizada a igreja Céu da Montanha, dirigida pelo depoente.

[65] Avante trataremos sobre a sua participação no Encontro.

> de muito coração, se envolveu muito, uma experiência pra ele muito significativa, segundo ele até conta num livro que ele escreveu a participação dele nesse trabalho.

Para Rômulo Azevedo a experiência desse encontro, compartilhada acima por Alex Polari, foi seu primeiro trabalho com o Santo Daime, o entrevistado apresenta em sua narrativa aguçada memória desta cerimônia inaugural, evento mitológico para essa pesquisa. O contato inicial, a semente ou mesmo o *chamado* que despertou o interesse deste seguidor, assim como de outros daimistas paraibanos entrevistados nessa pesquisa, estão lançadas nas páginas dos livros de Alex Polari, como citamos acima, "Biografias". A este respeito, o narrador, Rômulo Azevedo descreve[66]:

> o livro, quando eu li eu confesso a você, a vontade que eu tive foi no dia seguinte ir pra Rio Branco, pra conhecer aquela história. Porque tinham uns elementos ali que me atraíram, não sei como, uma coisa assim me chamando pra aquilo ali, fiquei curioso em saber qual eram aqueles hinos, eu vi a letra ele contando, via a letra achava diferente do que eu já conhecia e tal. Ele dizia também que a musicalidade não era música popular era diferenciada e realmente é, quem conhece os hinos sabe o que eu estou dizendo. Bom mas ficou naquilo mesmo. Até que em 93 o Alex tava lançando o segundo livro "O Guia da Floresta" e um amigo nosso chamado Nelson Liano era editor da editora Record do selo Nova Era e tinha editado esse livro do Alex. Ele era amigo de Íris e ofereceu de trazê-lo, aí ela convidou. Vieram Alex a esposa dele Sônia e a filha Joana e mais o Nelson que tava acompanhando eles. Eles fizeram uma palestra no teatro municipal falando o que era o Daime, cantaram uns hinos, primeiro hino que eu ouvi foi "Flor de Jagube" me lembro nitidamente a Joana quando cantou esse hino. E depois Alex disse: olha Íris eu trouxe um daime, se alguém quiser conhecer agente poderia improvisar um trabalho. Aí a faca e o queijo, em Campina o cara tava com Daime e etc., na segunda-feira de carnaval , aí agente disse: é vamos fazer. Aí aqui em Campina, aonde? Não tinha lugar, não prestava no teatro que tinha gente, tinha que ser num lugar recatado. Tinha uma amiga nossa que tinha uma casa aqui em Queimadas, uma cidade aqui muito próxima, ela ofereceu essa residência dela pra esse primeiro trabalho inicial e nós convocamos improvisadamente ali no rol do teatro municipal as pessoas que queriam ir. Acho que deu 56 pessoas, um monte de gente, a casa apertadinha. O Alex me chamou pra sentar na mesa lá do lado dele, serviu o daime, pastor Nehemias, saudoso pastor Nehemias estava presente também, aí começou o trabalho, era um trabalho de mesa, um trabalho de cura. E foi impressionante porque eu vi assim aquela multidão sofrendo violentamente, coisa dura de se ver, entendesse como é? Povo gritando, gemendo, chorando. E eu sentindo uma alegria, satisfação, felicidade, eu lembro que eu pegava o caderno e cantava o hino e olhava pras as letras e as estrofes, e as letras ficavam bailando, subia no caderno passava por cima de mim, e eu ficava rindo com aquilo, era o Daime me pegando com jeito. Bom assim que terminou esse trabalho, muita gente passou umas situações bastante difíceis e tal e eu fiquei encantado com aquilo ali.

[66] Entrevista concedida no dia 17 de janeiro de 2013, em Campina Grande, Paraíba.

Em entrevista concedida para essa pesquisa, Roberto Luís de Figueiredo Castro[67] relembra sua primeira experiência com o Santo Daime e descreve sobre o ritual inaugural deste culto na Paraíba:

> Eu tomei Daime em 93 na vinda do Padrinho Alex no Encontro da Nova Consciência, não se era o segundo ou o terceiro, acho que foi o terceiro. Aí houve uma seleção de um pessoal lá com ele, e eu não participei dessa seleção, mas eu tenho um amigo que era muito ligado a ele que estava, ia participar do trabalho, que era um carioca gente fina Nelson Liano, aí ele me convidou pra esse trabalho. Eu acabei participando do trabalho, e fui o motorista do padrinho na realidade, que eu tinha um carro, o padrinho não tinha com quem ir, precisava de vários carros e o meu foi utilizado pra levar o Padrinho Alex com Madrinha Sônia e a filha dele a Joana. E fomos fazer esse trabalho numa cidade chamada Queimadas, a uns 10 km daqui de Campina. [...] Eu me lembro das figuras que participaram, o padrinho fez dois trabalhos, um em Queimadas, outro em Natal, um numa semana e um na outra semana. Desse pessoal que participou, três foi que ficaram ... Desses trabalhos participaram uma faixa de 40, 50 pessoas, aqui e em Natal. Então desses três que ficaram começaram a desenvolver a história aqui, o Céu da Campina. Esse trabalho de queimadas foi um trabalho muito forte porque foi a primeira vez que eu tomei Daime, a primeira vez que o Padrinho Rômulo tomou Daime também , [...] foi a primeira vez que muita gente ali tava tomando Daime e de fardado mesmo só tinha o Nelson Liano, o Padrinho Alex, a Madrinha Sônia e a filha dele. Então era uns quatro fardados tomando conta, aproximadamente, de umas 40 pessoas, então imagine aí como deve ter sido esse trabalho. Aí o Daime vai se revelando e a gente vai vendo qual é a da gente dentro da história e vai se encaixando, de acordo com o desenvolvimento espiritual e o nosso entendimento. Aí também é uma questão chamada de entrega, muita gente passou ótimas passagens, inclusive o falecido Pastor Nehemias, que é uma figura conhecidíssima, ele também tomou Daime pela primeira vez, e foi uma experiência bem forte também pra ele. E nós ficamos bem próximos nesse trabalho. Foi um trabalho lindo, muito bonito. De bom entendimento, muita cura e muito resgate espiritual, da nossa ancestralidade, do nosso encontro com o eu interior, com o eu divino. Então foi assim um despertar de uma lembrança longínqua que tava perdida ali na memória, e naquele momento chegou o mensageiro pra aplicar de acordo com nosso merecimento que estávamos lá na época. Num sei nem se eu estava com muito merecimento, (risos) mas acabei merecendo, graças a Deus e estamos aqui até hoje.

Como sinalizado nas falas acima, esteve presente neste trabalho de apresentação do Santo Daime no Encontro da Nova Consciência, em 1993, Nehemias Marien (*In memorian*), conhecido por Pastor Nehemias da igreja Presbiteriana, o qual fundou sua própria igreja reunindo aí característica ecumênicas, fato de suma importância. Entre inúmeras presenças, a sua é lembrada pelos três depoentes aqui citados, dada a sua importância no Encontro da

[67] Em 18 de janeiro de 2013 em Lagoa Seca, Paraíba.

Nova Consciência assim como no ativismo do diálogo inter-religioso e, também, pela sua contribuição no depoimento sobre experiência com o Santo Daime, registrada no livro, "Jesus – A luz da Nova Era" de sua autoria. Apresentamos o texto chamado "O sacramento do Santo Daime – o Cristo da Floresta":

> O Céu do Mapiá, Shangri-la da fé daimista, converteu a Amazônia na maior catedral espíritual do país. Padrinho Sebastião, o avatar da floresta, assim como ocorreu com Maria Santíssima ao intuir-se grávida do Espírito, também ele deu o seu sim à Luz Divina que o engravidou com Daime. A minha crística iniciação nesse xamanismo teve parto natural.Sempre fui ligado aos movimentos de purificação espiritual e aberto às experiências ecumênicas. Participávamos do II Encontro para uma Nova consciência, emocionante espetáculo interfé que mobiliza toda Campina Grande, na Paraíba. Aceitei de imediato o convite do jornalista Nelson Liano para participar do lançamento da primeira semente do Santo Daime plantada naquele estado. Várias pessoas se animaram com igual entusiasmo ao saberem que um pastor estaria presente. À noite partimos em caravana com o destino a Queimados, uma aconchegante cidade do agreste paraibano. Eram cerca de 22 horas quando teve início a celebração sacramental presidida pelo avatar Alex Polari de Alverga, o guerrilheiro da fé daimista no Brasil. À mesa sacramental havia seis lugares. Designaram-me um honroso lugar à direita do celebrante e junto a um psiquiatra da União do Vegetal, movimento paralelo que também descobriu a alquimia espiritual dos xamãs amazônicos, ao tomarem a Ayahuasca, a bebida da purificação e do autoconhecimento, que conduz à mística teofania espiritual. Os demais comungantes se assentaram em volta da grande sala. Alex, com sua voz suave e balsâmica, ao detalhar a liturgia sacramental, preveniu-nos quanto à existência de toaletes suficientes, no casa de alguma emergência, apesar de, no dia anterior, ter-nos advertido para só ingerir comidas leves, em meio jejum; também disse que se alguém se sentisse mal, podia deitar-se numa das poltronas e solfanetes espalhados pela sala, pois dois monitores estariam por ali, atentos ao menor sinal de alarme. Finalizou afirmando que só deixaríamos aquele ambiente quando todos tivéssemos voltado ao estado normal da consciência. Com todos meio assustados com tantos detalhes, além de fascinados pela oportunidade, o clima espiritual carregou-se de energia e vibração cujo clímax se alcançou quando todos, por duas vezes, participamos do Sacramento do Daime. Concentrado no culto,cantei, com o mais vivo entusiasmo, todas as canções de louvor, mas sempre muito atento às mínimas ocorrências envolvendo os circunstantes. Ví nocauteada a resistência de muitos que se entregavam relaxados nos colchonetes e poltronas espalhados pela sala. Vi outros se transfigurarem, em êxtase, os olhos vítreos esbugalhados. Um jovem tomou-me a mão, como um náufrago perdido no mar e, literalmente, urrava como um leão. Muitos vomitavam, enquanto outros corriam ao banheiro. Um outro virou uma estátua vibrante, o tempo todo em obediência aos seus chakras, segundo disse. Então, após o segundo cálice,comecei a sentir as mãos frouxas e uma ligeira cãibra nas pernas, dando-me a impressão de desmaio, embora em momento algum me sentisse tenso. Procurei cantar com mais entusiasmo, mas logo percebi ser melhor procurar o sofá, no qual meu corpo caiu pesado. Foi nesse instante que, relaxado, rendi-me ao Daime, sem alucinações, mas com a consciência da purificação espiritual centrada em Jesus. No meu depoimento final, dei Graças a Deus, considerado válida essa marcante experiência daimista no

> meu ministério pastoral. Creio que, também, pelo Santo Daime, pode-se contemplar a Luz Divina e alcançar a purificação do espírito e a cura interior. Como escreveu o apóstolo Paulo : " Examinai tudo e retende o que é bom, pois Cristo é tudo em nós ". (MARIEN, 1994, p. 119)

O texto-relato apresentado acima mostra o despontar dos diálogos entre diferentes tradições religiosas possibilitadas por esse encontro da Nova Consciência e traz a tona a voz de um personagem que levantou essa bandeira e está presente na memória dos que participaram desse movimento. Ao final do Encontro, segundo os relatos, alguns dos participantes seguiram para Natal, Rio Grande do Norte, liderados por Alex Polari de Alverga onde também se reuniram em trabalho, instituindo assim a chegada do Santo Daime no Nordeste.

Uma questão que pairava no campo, num sentido de não estar esclarecido, durante a pesquisa prévia era se esse trabalho realizado no Encontro da Nova Consciência de 1993, inaugural, como constatado, em território Paraibano, também seria considerado o primeiro trabalho no Nordeste, digo no ritual do Santo Daime, pois através das próprias entrevistas, observamos experiências anteriores com a bebida da floresta, a ayahuasca.

Essa questão se fez um ponto importante de investigação para esse estudo, posto que foi referência para a necessidade de novas entrevistas. Perguntamos, até mesmo a quem não estava presente, dentre os entrevistados, no trabalho realizado durante o Encontro da Nova Consciência de 1993 se essa teria sido a primeira realização do culto do Santo Daime no Nordeste. As repostas apontaram para Natal, Rio Grande do Norte, como sendo terreno de experiências anteriores ao encontro, assim como informação de Sheila Accioly[68], onde tinham notícias de realizações anteriores a 1993 por Marcelo Bolshaw Gomes, que nos cedeu entrevista[69], vejamos:

> Desde 1991, fiz vários trabalhos em muitos locais no RN – diversos com ajuda da irmã Liberdade de Souza. E formei um grupo. Em 92/94, eu estava no Acre, mas um grupo de fardados, Sheila Accioly, Maria Martinez, Humberto Araújo, Emanoel Amaral (que já havia sido secretário do padrinho Sebastião e hoje é conselheiro da UDV) realizaram trabalhos regulares de concentração. Houve realmente um trabalho do Alex Polari com esse grupo, em seguida ao primeiro trabalho do Céu da Campina no carnaval de 93. Eu não estava presente. Mas, o trabalho foi organizado por esse grupo.

Sobre o estabelecimento deste culto no Rio Grande do Norte Marcelo Bolshaw Gomes relata:

---

[68] Informação cedida em conversa informal, por não se tratar de entrevista, no período de pesquisa prévia.
[69] Coletada através de e-mail, dia 15 de maio de 2014.

> Quando cheguei da Amazônia, em 1994, o grupo (do chamado Pontos dos Santos Reis) tinha brigado e se dissolvido. Mas, já havia várias pessoas que se aproximaram como Almir Paiva, Edilson e Eliana (que moraram no Mapiá durante anos). Em 95, Moura Neto e Liberdade chegaram de Rio Branco e um novo centro, o Céu das Dunas, foi criado. Antes disso, eles já haviam participado do grupo anterior com visitantes. Depois ainda houve o ponto da Estrela do Mar, fundado dia 02/02/2002, com o irmão João Filipe e, finalmente, em 2004, o Céu da Arquinha, que atualmente ainda funciona. Ambos fundados na presença de Alex Polari.

De acordo com a compilação dos depoimentos coletados nessa pesquisa, o Santo Daime emerge na década de 1990, no campo religioso nordestino, período também do início da difusão internacional. Confirmamos experiências de realização deste culto, caracteristicamente enteógeno, unindo variadas tradições em seu cosmos, desde 1991 no Rio Grande do Norte. Chegando formal ou institucionalmente em 22 de fevereiro de 1993, por via do II Encontro da Nova Consciência realizado, desde 1992 até os dias de hoje no período carnavalesco em Campina Grande, Paraíba. Sendo inaugurada em 11 de Outubro de 1994 o Céu da Campina: a primeira igreja do Santo Daime no Nordeste. Desde então, estabelecendo esse culto como uma denominação religiosa no campo paraibano. E a partir daí, ou não, espalhou igrejas e pontos, como são chamados seus espaços rituais, por todos os Estados da região Nordeste.

4.2 Céu da Campina: inauguração da primeira igreja daimista do Nordeste e seus locais de funcionamento

Após apresentação do Santo Daime na Nova Consciência (1993) iniciou-se a identificação dos primeiros seguidores na Paraíba. Depois de um período de alguns meses realizando trabalhos itinerantemente, o grupo liderado por Rômulo Azevedo[70] se instala em local fixo, onde permanece por sete anos. Sendo aí aberto um ponto, local de cerimônia periódicas, em 15 de agosto de 1993 e inaugurada a primeira igreja do Santo Daime no Nordeste em 11 de Outubro de 1994. Vejamos a fala de Rômulo:

> É o primeiro lugar, primeiro trabalho, primeira vez, Queimadas, esse trabalho de apresentação do Daime. Depois casa de Gil Brás nos Cuités, na granja que ele tinha lá. Depois casa de Chico Simões no Catolé. Depois

[70] Antes de iniciar os trabalhos, após conhecer o Santo Daime no Encontro da Nova Consciência, participou de feitio no Céu da Montanha, igreja liderada por Alex Polari de Alverga localizada em Mauá - RJ. A bebida sacramental usada nesses primeiros trabalhos (5l - cinco litros), vieram daí.

> Granja do Seu Roberto Castro, da família Castro em Lagoa Seca. [...] Disse: Roberto o Daime chegou. Eita! então, vamos fazer o trabalho. Quando foi no dia 15 de agosto de 1993, nós fizemos o primeiro trabalho de concentração, lá nessa granja em Lagoa Seca, muito mais gente, umas 15 a 20 pessoas nesse primeiro trabalho. Aí a partir daí agente começou a fazer sempre as concentrações, 15 e 30, 15 e 30, nos preparando para a construção da igreja pra poder fazer trabalhos maiores. O começo é mais ou menos assim.[...] Depois em um terreno pertencente a Mércia Xavier, que era fardada da casa, construiu uma igreja pra que os trabalhos continuassem a ser feitos lá. Sim, nesse intervalo entre a granja da família Castro e o terreno da Mércia Xavier,a igreja funcionou durante um ano no sítio Canta Galo, pertencente a dois irmãos nossos o Júnior e a Ivone. Então agente passou um ano fazendo os trabalhos lá, depois quando a nova sede foi construída, nesse terreno da Mércia, nós passamos cinco anos lá. E finalmente o grupo se reuniu, viu que não dava certo, essas coisas de funcionar em terrenos, em locais emprestados, porque tinha dono, e nem sempre o dono estava concordando com a realização dos trabalhos. Então, pra evitar essas interrupções a gente resolveu comprar um terreno, o grupo se reuniu e nós compramos em 2005, o terreno onde até hoje é a sede do Céu da Campina. Lá construímos a igreja nova e está lá desde sempre.

A seguir imagens dos locais onde funcionou o Céu da Campina, ao longo de 20 anos:

Figura 30: Primeira sede do Céu da Campina (parte externa)
Fonte: Arquivo da autora (Janeiro/2014)

Figura 31: Interior da igreja[71]

Figura 32: Bailado na primeira igreja daimista do Nordeste[72]

[71] Imagem da década de 90, cedida do arquivo pessoal de Pollyana Matias. Na foto estão, da direita para a esquerda: Valdeci, Leozinha, Liberdade, Sônia Palhares, Alex Polari, Rômulo Azevedo e Paula.
[72] Imagem cedida do arquivo pessoal de Pollyana Matias. Da esquerda para a direita: Moacir Costa, Césio, Leozinha, Marluce Castro, Pollyana Matias e Bia (primeira mulher a se fardar no nordeste).

Figura 33 - Sede do sítio Canta Galo[73]

Figura 34: Segunda Sede do Céu da Campina[74]

[73] Onde o Céu da Campina realizou suas atividades por volta de um ano. Foto: Dávila Andrade
[74] Sítio de Mércia Xavier. Foto:Arquivo pessoal de Pollyana Matias.

Figura 35- Sede atual – imagem externa

Figura 36 – Interior do Céu da Campina: Mesa central, em forma de estrela como se usa no CEFLURIS.

4.3 Igrejas do Litoral Paraibano

Fomos ao encontro da história ou histórias de cada igreja paraibana através da memória dos seguidores aqui entrevistados, refletida nas lembranças de eventos e contextos que convergiram para o surgimento e desenvolvimento desses grupos.

Registramos a existência de quatro igrejas do Santo Daime no Estado da Paraíba. Além do Céu da Campina, localizada no município de Lagoa Seca, próximo a Campina Grande, maior cidade do interior Paraibano, na parte litorânea próxima a capital do Estado,

João Pessoa, estão: Céu do Amanhecer, localizada em Alhandra, Céu de Coqueirinho e Flor da Nova Era em Lucena.

4.3.1 Céu do Amanhecer

Identificamos, segundo entrevista de José Francisco Bernardino (Tim) para essa pesquisa, relatos sobre a formação da igreja Céu do Amanhecer, os quais ligam o surgimento desse grupo a própria história de vida do depoente. Ao chegar em terras paraibanas, frequentou a igreja Céu da Campina (Lagoa Seca, Paraíba), Céu de São Lourenço da Mata (Recife, Pernambuco) e participou de desenvolvimento inicial do grupo Flor da Nova Era. Sua história, no entanto, já havia começado em São Paulo. Ele narra:

> [...] tive um contato mais próximo com seu Pedro Dário, um feitor de Daime muito bacana e viajei para o interior de São Paulo, Minas, e fomos a diversas cidades. Teve um feitio e ele tava distribuindo um pouco do Daime que tinha ficado pra ele, foi solicitado por algumas igrejas. E agente ia geralmente fazia um trabalho e deixava o Daime entregava e ia pra outra cidade. E desse Daime que foi produzido o seu Pedro, que já sabia que eu tava de mudança pra Paraíba, me deu três litros de três por um, e falou pra mim vai lá e põe um ponto de cura em João Pessoa, a cidade que você for. Ele não sabia onde era exatamente João Pessoa, sabia que não tinha, aí deu esse daime.

Já morando em João Pessoa depois de um tempo frequentando a Flor da Nova Era em frequentes visitas as outras igrejas citadas, surgiu a necessidade de montar um grupo em João Pessoa:

> Tinha essa necessidade eventualmente de tomar o daime aqui, porque ficava nas outras cidades e as vezes num dava pra ir, dia de semana, e tinha essa necessidade, várias pessoas do Daime e agente falou: precisamos tomar o daime, tem daime aí. Aí tava Mirita, Laninho que é primo de Mirita, Patrícia Lourenço, Rosemberg, outras pessoas que tinha também que não estou me lembrando agora, tinha mais gente.

Junto ao casal Mário e Cléris formaram um ponto chamado Brilho do Mar:

> Somou o Daime do seu Pedro com esse Daime que agente já tinha feito lá, abriu alguns trabalhos lá no Brilho do Mar, aí foi que nasceu ali mesmo, talvez esse compromisso de levar mesmo: dá pra fazer, vamos fazer, o Daime tá aí, deve ter sido mais ou menos nessa época, até então eu não tinha pensado em botar, criar um ponto.[...] Aí ficamos com eles um tempo, isso era 2002 mais ou menos, 2003, e nessa época Mário mudou-se pra atender ao Pai no Rio de Janeiro, [...] e nós ficamos com o Ponto, eu ,Mirita e Cléris, e mais algumas pessoas que vinham pro trabalho, eventualmente o pessoal

> de Lucena vinham fazer trabalho com a gente e ficou aí um tempo, pouco tempo, aí Mário foi pra lá pro Rio ficamos nós e entregamos a casa da Penha.

Após um curto período sem local definido para realizar os trabalhos, acontecendo itinerantemente, o grupo firmou o Cruzeiro nos Bancários. Em campo,] observamos referência de várias pessoas que viveram experiências com o sacramento da floresta nesse local:

> um dos frequentantes ofereceu a casa pra fazer os trabalhos, foi lá nos Bancários numa casa que tinha um terreno bem grandão do lado de uma matinha, então um lugar propício, aí nos Bancários agente ficou ali na casa do rapaz fazendo trabalho durante um ano ou dois, talvez um pouco mais, uns dois ou três anos total. E foi na época que esse rapaz um italiano chamado Felipo, ofereceu pra gente um terreno atrás da casa dele, que era dele pra gente construir lá, fazer uma igrejinha, e nós fizemos.

A essa altura da caminhada o grupo se auto definia como núcleo Amanhecer, digamos um estágio anterior da categoria de igreja. Mas aí já se iniciou uma fase onde se realizavam trabalhos do calendário oficial da doutrina, como os hinários de farda branca. Além de cerimônias de casamentos, batizados e fardamentos:

> Nos Bancários, 2005 por aí, 2006, alguma coisa assim. Inclusive o casamento de Gabriel e de Dani foi lá, na inauguração da igreja inclusive, Nossa Senhora da Conceição. [...] nós passamos um ano com a igreja construída e o rapaz teve que se mudar e precisou vender as terras dele e agente saiu de lá também. E fomos pra o Conde, alugamos uma granja, ficamos lá fizemos uma igrejinha e lá já essa energia de mudança de ponto pra igreja, já começou nessa igreja do Conde, que aí tomou outro tipo de formato. Mesmo que a igreja dos Bancários foi tão pouco tempo, que essa energia de núcleo pra igreja só veio ser percebida mais nessa igreja do Conde.[...] E depois de dois anos também lá no Conde, agente adquiriu uma parte de uma terra [...] e é lá que nós estamos fazendo os trabalhos também, a maior parte do calendário a gente consegue fazer, e faz farda branca, cura, concentrações e também as missas na primeira segunda-feira também são feitas. [...] É um lugar chamado Mata D'Água que fica no município de Alhandra, 30 km aqui de João Pessoa facinho, pertinho, fácil de ir, um lugar super bonito, super arborizado e que tem uma área de proteção ambiental do lado, maravilhosa, um presente mesmo de Deus. E um pessoal também bacana, todo mundo já progredindo no estudo, no Daime, gente com bastante tempo já.

Figura 37: Cerimônia de casamento no Céu do Amanhecer[75]

Figura 38: Hinário em comemoração a Virgem da Conceição, Céu do Amanhecer- Alhandra-PB

A localização atual do Céu do Amanhecer em Alhandra, Paraíba, é mais uma relevante característica para esse estudo, no sentido de identificação de diálogo com outras tradições religiosas. No período de reconhecimento do campo, observamos que o grupo também realiza cerimônias com a Jurema[76], planta de poder dos índios e caboclos das matas nordestinas. No território de Alhandra surgiu a tradição da Jurema sagrada, onde habitam os

[75] Noivos: Francisco e Sthefane.

[76] Segundo Grünewald (2009) o termo jurema, designa várias espécies de plantas dos gêneros Mimosa, Acácia e Pithecelobium. Além disso, o mesmo termo é usado em referência a diferentes beberagens que se atualizam enquanto sagradas em vários contextos culturais brasileiros. Atribui-se uma utilização originária da jurema aos indígenas da região Nordeste deste país. Jurema é palavra de origem Tupi e designativa de "espinheiro".

Mestres encantados nas cidades da Jurema. É um local místico para essa religiosidade nordestina e para os adeptos do uso de plantas sagradas. O panteão encantado da Jurema, entidade espiritual das matas e a beberagem produzida da planta com mesmo nome (cientificamente classificada como *Mimosa tenuiflora* (Willd), da família *mimosaceae)* está também presente no universo religioso afro-brasileiro. Essa referência pode ser observada tanto em representações imagéticas e estéticas, como nos pontos, e mesmo nos hinos do Santo Daime. Vejamos o relato de Francisco Bernardino (Tim) sobre esse tema que soa como uma aliança das práticas sagradas entre os índios da floresta amazônica com os nativos das matas nordestinas:

> Bom há uns 8 anos nós conhecemos, tivemos contato, um encontro com a Jurema. Tivemos um primeiro contato com a jurema, que a gente vai chamar a Jurema da nova era, são grupos muitas vezes influenciados pelo Santo Daime, pela ayahuasca, pelo vegetal, pessoas que eventualmente tiveram algum encontro com essa bebida e que acabam se inclinando a ter contato com outros tipos de planta de poder. No nosso caso a gente encontrou nesse tempo também com essa jurema embebida nessa nova era, que vinha a bebida jurema misturada ou a ser misturada na hora com o pérgamum harmala, armalina, e aí se tornando uma bebida análoga a ayahuasca que mistura a dimetril triptamina da rainha com armina e armalina do cipó. Igualmente a jurema análoga fica, a dimetril tripitamina da casca da jurema e o pérgamum harmala, armina armalina, pra fazer essa mistura que se compõe e torna análoga. Um dos estudos que a gente teve, a concentração da na jurema é maior do que na rainha, cinco vezes mais forte em média variando de jurema pra jurema, você tem a jurema branca, a jurema preta que na verdade é vermelha. E é isso aí nós tivemos esse contato com a jurema, ouvindo ainda os cânticos da Yatra que mora em Brasília, região de Brasília, e que foi uma das percussoras desse tipo de vertente espiritualista aqui no Brasil. Ela em contato com a bebida com índios e com algum outro lugar,em outros lugares que consagravam a jurema ela foi fazendo esse estudo, fez vários cânticos, os cantos da jurema, os encantados, também chamados aqui. E divulgou isso e a gente começou a conversar sobre esse assunto. Agora a um tempo a Yatra já não faz mais trabalho com jurema. Aí com esse contato nós tivemos também depois desse contato com essa jurema mais Nova Era, nós tivemos também contato com os Carri-Xocó, com essa aldeia do pátio do colégio em Alagoas na beira do São Francisco, eles vieram praça varias vezes, fizeram vários tores com agente aqui, nós fomos fazer toré com eles lá,e mantemos um contato. Recentemente inclusive eles foram fazer um Ouricurí[77], e ouve um contato com a gente na véspera do Ouricuri, no que tava pra começar o Ouricurí no dia seguinte o Iassuri me ligou disse que tava começando que tava com o pensamento ligado. [...] E

[77] Segundo o próprio narrador: Ouricuri é um ritual onde os índios de recolhem e vão fazer trabalhos religiosos deles e danças, muita dança, muitos cantos. Só que o Ouricuri é recolhido, é numa parte de alguma aldeia que é uma aldeia sagrada, onde o branco não tem permissão de entrar, lá é só índio. Aí eles fazem reuniões dessas no interior de Pernambuco, tem também no interior de Alagoas, eles tiram alguns lugares sagrados de algumas tribos que se reúnem ao redor chamam as outras dos estados vizinhos e fazem o Ouricuri juntos. Esse Ouricuri que eles avisarão que iam fazer tinha gente do Pernambuco todo, alguns da Paraíba, Alagoas, Sergipe, Ouricuri grande bem bacana.

> agente tem essa ligação com eles, pelo menos uma vez por ano eles vem até o amanhecer fazer um Toré, que é uma dança, com a jurema deles. E as vezes bebem a jurema da gente também esse foi o contato mais forte e aquele que agente segue e que agente estuda. Então nós fazemos um trabalho de Jurema que mistura grande parte, não necessariamente no mesmo trabalho essa influência indígena, fortemente indígena através do encantos que eles ensinaram pra gente pra gente cantar e das danças que agente faz também. Como também uma influencia um pouco mais cabocla, negra, de Umbanda e de Candomblé, que a gente faz a gira de jurema, sempre com uma queda, uma levada bem indígena, se aproximando o máximo possível desse afluente, dessa vertente indígena. Essa é a forma da gente levar esses trabalhos.

Segundo Guimarães:

> A planta considerada sagrada em alhandra é a *Mimosa tenuiflora* (Willd), jurema-preta, que pertence a família das *mimosaceae*. De suas raízes ou cascas é produzida a bebida consumida durante as sessões. No catimbó, os pés de jurema utilizados na fabricação desta bebida eram 'calçados' e consagrados a um mestre 'encantado", constituindo assim, as chamadas 'cidades da jurema'. Estes espaços sagrados, apesar da reinterpretação que perpassa todo o culto, continuam a ocupar uma posição central no universo mitológico dos atuais juremeiros da Umbanda. (GUIMARÃES, 2004, p. 108)

O culto da Jurema, uma entidade feminina indígena com características arquetípicas guerreiras e curativas, representada pela árvore nativa das matas nordestinas e pela bebida obtida da decocção de partes dessa espécie vegetal, em torno da qual, surgiram, no Nordeste brasileiro, cultos que tem como elemento central o uso ritual da bebida Jurema, contando com entidades próprias e indeterminado número de variações. Dificilmente não se encontra a presença da jurema, mesmo a bebida, nos centros afro-brasileiros do Nordeste, já sendo assim uma característica regional. Para Assunção (2004, p. 183), esse referencial aponta para a possibilidade de construção de uma identidade sertaneja e nordestina, marcando não apenas o culto da jurema, mas principalmente, dando uma forma especifica a umbanda praticada na região nordeste. A jurema, seja nos cultos com as entidades típicas da Jurema, já é uma marca da religiosidade afro no nordestina, estando presente tanto no interior como no litoral. O autor ainda atribui as reconfigurações da jurema ao processo de urbanização dos cultos populares, onde a umbanda assimila e reelabora, ao mesmo tempo que ela também é reelaborada, e construindo um fazer religioso que procura legitimar e tornar hegemônica a prática umbandista. Em "A Sombra da Jurema", livro que trata sobre o culto da Jurema em Alhandra, , Sandro Guimarães (2004) entende o culto da Jurema

> como um complexo semiótico, fundamentado no culto aos mestres, caboclos e reis, cuja origem remonta aos povos indígenas nordestinos. As imagens e símbolos presentes neste complexo remetem a um lugar sagrado, descrito pelos juremeiros como um 'Reino Encantado', os 'Encantos' ou as 'Cidades da Jurema'(GUIMARÃES, 2004, p. 101).

Tribos do Norte e Nordeste, ayahuasqueiros e juremeiros se encontram em Alhandra. Contando com as experiências só possíveis de vivenciar quando se está em campo, participamos de um toré com os Cariri-Xocó onde podemos observar a transfiguração de daimistas em juremeiros. Esse toré teve um diferencial, digamos que foi personalizado para os daimistas presentes. Como o pajé Paruanã conhece, e já tomou o daime com o grupo, guiou os participante, uma boa parte daimistas ou que já haviam participado de trabalhos do Santo Daime. Num sentido a buscar a conexão com a Jurema, uma bebida análoga ao daime, mais que desperta outras dimensões e elementos da natureza. Registramos ainda que não são todos os daimistas do Céu do Amanhecer que participam dos trabalhos com Jurema. Observamos e coletamos um vasto material visual, do qual podemos conferir exemplares a seguir. Enfatizamos que a publicação das imagens foi autorizada pelo pajé que disse alegremente que "o povo do daime é um povo irmão, todos índios".

Figura 39: Toré com os índios Cariri-Xocó no Céu do Amanhecer

Figura 40: Toré ao redor do Cruzeiro.

4.3.2 - Céu de Coqueirinho

Apresentando uma história do surgimento e formação da Igreja Céu de Coqueirinho, através da narrativa de Ronaldo Porfírio da Silva, registrada em entrevista cedida para essa pesquisa. Num intuito de contribuir com a construção e conservação da memória do povo daimista na Paraíba. Ronaldo Silva descreve:

> Quando eu cheguei já fazia um ano que o pessoal tava se reunindo, não tinha nada construído, na verdade era a força de vontade de três irmãos, que foi o Martinho, o George e o João Paulo. Eles tinham conhecido um ano antes no encontro da nova consciência o Santo Daime num trabalho que eles fizeram em Campina Grande, e aí durante esse mais um ano que eles frequentaram lá tinha essa dificuldade de transporte, de tá sempre presente 15 e 30 na distancia entre João Pessoa e Campina Grande. [...] Então o pessoal se reuniu e decidiu, sentiu essa vontade de ter um centro em João Pessoa onde o pessoal pudesse se reunir também e comungar o Santo Daime. Então o pessoal chegou, esses três irmãos tiveram a iniciativa primeiro, chegaram pra o dirigente de Campina Grande, o pessoal que na época tava administrando em Campina grande e deram a ideia, rapaz a gente queria um Daime pra levar pra João Pessoa, porque a gente que tomar o Daime lá. A princípio todo mundo ... jovens assim que tinham pouco tempo tomado Daime e de repente estavam chegando e dizendo que queriam abrir um centro e pros mais antigos, isso assim, com o preconceito que tem, nós sabemos da dificuldade de conseguir o sacramento, fiscalização. Então assim a princípio foi rejeitado porque o pessoal realmente temia em de repente entregar na mão de três desconhecidos, digamos assim, o sacramento pra o pessoal vir aqui num intuito sério de tomar o Santo daime. Mas enfim, o pessoal insistiu, insistiu, conseguiram um terrenozinho como eu disse lá em Coqueirinho, é por isso que o nome do centro ficou Coqueirinho. O Martinho tinha um terreno lá e decidiram tomar esse Daime lá, e **no dia 15 de março de 2004** começou os trabalhos lá. Fizeram o primeiro trabalho, eu

> lembro que o pessoal contou que chegaram lá, era uma floresta que tinha sido derrubada pra fazer loteamento, só que ninguém veio morar e a floresta tomou de conta novamente, então o pessoal decidiu que aquele seria o melhor lugar, até porque tinha tudo haver com a floresta.[...] Mas eles insistiram e persistiram, e agora completou 10 anos dessa insistência, dessa persistência. E com um ano depois eu cheguei, depois chegou outros irmãos. E a revelação que eu tive lá foi de continuidade e que eu deveria ajudar e encontrar meu lugar nessa linha espiritual, fazendo esse trabalho por lá, aqui em João Pessoa. E aí a gente não parou mais, foi conquistando cada vez mais o respeito das pessoas, no meio de muito preconceito, de muitas pessoas falando, "chacotando", como de praxe Santo Daime. Mas devido a insistência desses irmãos e com a chegada de novos irmãos também a gente conseguiu tá aí segurando esse centrozinho, esse ponto, que a gente trata com muito carinho, um ponto de luz. Que assim como eu disse, não foi a gente que escolheu nem nada, a gente recebeu essa missão que não é fácil é muito difícil, mas o Santo Daime é que vai mostrando o caminho e abrindo pra gente por onde é que a gente tem que andar e caminhar. Erramos, tropeçamos, cometemos erros, falhas, mas faz parte da caminhada, e aí então estamos nessa luta aí, fazem 10 anos que agente tá com esse centrozinho aberto, e com as graças do Mestre e do Padrinho Sebastião acho que a gente pretende continuar. (Grifo nosso)

Através da memória de seus narradores entramos em contato com a história do surgimento, formação e desenvolvimento das igrejas daimistas da Paraíba. Cada igreja tem um patrono ou patronesse. E pode optar por determinadas tendências de acordo com as características do grupo.

Figura 41- Comemoração de aniversário de 8 anos da igreja Céu de Coqueirinho, em Praia Bela - PB

Sobre os locais de funcionamento do Céu de Coqueirinho Ronaldo Silva relata:

> [...] a gente passou se eu não me engano acho que 6 ou foi 7 anos no Martinho. [...] aí pediu o terreno dele de volta, era um terreno doado por ele mas enfim, a gente teve que devolver o terreno a ele. E a gente foi pra outro ponto mas na mesma localidade, zona sul, a gente foi pra Praia Bela, o nome continuou coqueirinho porque já fazia 7 anos que a gente vinha na praia de Coqueirinho, é tanto que ficou o nome. E aí fomos pra Praia Bela, conhecemos o seu Vicente que é um português que mora aqui no Brasil a 20 anos e ele tinha um sítio em Praia Bela, já com uma casinha construída, e sem pensar duas vezes a gente foi pro seu Vicente, passamos mais 2 anos no seu Vicente e agora fazem seis meses que a gente tá em noutro sítio. Estamos nessa luta de conseguir o sítio próprio que a gente não possui ainda, no momento a gente tá pagando aluguel nesse sítio que a gente tem, estamos construindo um pequeno salão pra gente poder fazer os trabalhos oficiais, e sempre realizando 15 e 30. A gente passou por três sítios já, primeiro foi o Martinho, depois fomos pro seu Vicente e agora estamos no Belmino, que é um rapaz que mora e Recife aqui ao lado e através de seu Vicente nos apresentou, e agora estamos por lá fazendo nossos trabalhos, com nome Céu de Coqueirinho ainda que ficou. E é isso a terceira casa que nós passamos, sempre quando a gente passa a gente constrói alguma coisa, (risos),o pessoal já reclama: vocês vão construir no centro dos outros? Eu digo: é melhor construir do que destruir, pelo menos por onde a gente passa a gente tá deixando alguma bem feitoria. E aí por enquanto a gente tá fazendo nossos trabalhos lá e na luta de conseguimos um terreno próprio, pra gente poder pelo menos nesse sentido do terreno, a gente dá uma descansada, resolver essa questão.

A busca pelo contato com a natureza, no culto do Santo Daime é um ideal. Essa procura inclui localizar a montagem de seu espaço ritual, igrejas ou pontos próximo ou dentro de matas e floresta, e nos casos mais adaptáveis a realidade urbana, em chácaras ou sítios. Essa característica, como podemos ver nesse retrato regional, dispõe os grupos daimistas a verdadeiras peregrinações com seus objetos rituais em busca desse lugar ideal junto a natureza e com identidade de pertença coletiva. Elementos naturais como o clima, também caracterizam cada igreja, já que componentes da paisagem natural e forças da natureza são evocados nos hinos e tem influencia na viagem enteógena proporcionada durante a experiência religiosa com o Daime. O Céu de Coqueirinho é um exemplo das chamadas forças da natureza, desde seu surgimento e mesmo com algumas mudanças de local sempre funcionou próximo ao Mar. Para registro da observação em campo, lembramos o segundo espaço onde funcionou, onde os adeptos podiam “bailar mirando o alto mar”.

4.3.3 Céu da Flor da Nova Era

O surgimento da igreja Céu da Flor da Nova Era assim como a história, a formação e o desenvolvimento estão ligados ao trabalho que esse grupo daimista desenvolveu junto a ONG Apoitchá[78]. Segundo declara Andréia:

> a Apôitchá ela não era só feita por daimistas, ela nasceu com outras pessoas que não eram daimistas, que eram simpatizantes e tal. Ela não era daimista, mas ela nasceu numa reunião feita debaixo dum cajueiro num terreiro da igreja. E a preocupação era essa: de como é que nós podemos dar a nossa contribuição para essa comunidade, sair só di plano das ideias, do ideal, dos nossos princípios, colocar na prática esses princípios, não é. E então foi assim que a Apôitchá também nasceu. Muito atrelada ali ao Céu da Flor da Nova Era.

O Céu da Flor da Nova Era destoa positivamente no campo paraibano por realizar trabalho já reconhecido junto a comunidade onde esteve localizada a igreja por 13 anos. Daimistas, com a colaboração de pessoas de outros segmentos religiosos ou não, profissionais da saúde e da arte-educação, prestam assistência sociocultural e ambiental a camadas mais carentes da população local através da Ong Apotchá[79].

Figura 42 - Trabalho no Céu da Flor da Nova Era em Lucena – PB

[78] Ver livro: Da semente aos frutos – Apotchá: história e memória de uma organização aprendente de Lílian Galvão. Disponível em http://www.apoitcha.org.br
[79] Ver página http://apoitcha.org.br/

Figura 43 - Trabalho de concentração no Céu da Flor da Nova Era em Lucena – PB

Em seu depoimento, Andréia Carrer Carvalho discorre sobre o local de funcionamento do Céu da Flor da Nova Era, na cidade de Lucena, Paraíba e sobre a fase atual do grupo:

> Sempre foi lá, até o dia 02 de novembro de 2013. Nós fizemos os nossos trabalhos durante todo esse tempo lá desde 2001 até que em 02 de novembro de 2013 a gente chegou a conclusão de que: como parte do nosso grupo, uma parte grande do nosso grupo tinha ido fundar uma nova comunidade e Alto Paraíso, que era um desejo de certa forma ir pra um lugar onde a terra fosse melhor pra plantar, mas também por compromissos familiares, enfim, não foi o grupo inteiro. E também por uma opção também, de seguir aqui naquela linha. Então uma parte do grupo foi pra Alto Paraíso, outros foram pra São Paulo. E eu e Abraão então permanecemos aqui, com alguns outros fardados, irmãos da igreja que resolvemos mesmo que encolhido, mesmo que pequenininho, como um núcleo não mais como uma igreja, mas como um núcleo do Santo Daime a gente resolveu continuar nossos trabalhos. Mas era muito difícil pra gente continuar lá, primeiro porque era uma igreja com 11 anos de existência, muita gente sabia que existia, e nós não tínhamos mais a condição de receber todo mundo que chegasse, qualquer um que chegasse. Que a gente tinha que nesse momento restringir os trabalhos a receber poucas pessoas. Então a gente tomou a iniciativa coletivamente também, foi tomada essa decisão, de a gente encerrar os trabalhos lá em Lucena. E começamos então provisoriamente numa casa emprestada de um casal irmão frequentador da nossa igreja, de fazer os nossos trabalhos então em Tabatinga. Assim estamos fazendo desde o final do ano passado. Recebendo poucas pessoas pra poder receber com qualidade, pra poder atender melhor, mas a gente continua fazendo nossos trabalhos. Essa, como é que eu posso dizer, essa divisão do povo que foi pra Alto Paraíso e do povo que ficou, no coração ela não existiu. Porque a gente não se separou porque brigou, mas existem afinidades diferentes, projetos de vida, e do próprio Centro diferentes. Então, portanto, a gente segue nessa linha, que também trás Umbandaime junto, que também tem a influencia tanto da Maria Alice, com Umbandaime na nossa igreja, que é uma das nossas madrinhas mesmo. Como também tema influência do Gê Marques. A Maria Alice abriu nossa

> primeira mesa branca, o Gê Marques abriu nossa primeira gira,e tem essa influencia, mas que também tem uma raiz muito profunda assim do Mestre Irineu que é quem nos sustenta mesmo. Nós não temos mais relação, formal, com o CEFLURES, mas nossos laços de amizade continuam, de harmonia, de amor, verdade e justiça.

Considerando as concepções demonstradas, como características locais e tendências, ou mesmo um recorte ou retrato local do culto daimista, já que narradas por seus próprios seguidores.

4.4 Elementos culturais presentes no Santo Daime

A tradição empreendida por Sebastião Mota de Melo, seguidor de Raimundo Irineu Serra, responsável pela expansão e difusão do Santo Daime se autodefine como Culto Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra- CEFLURIS. A realização desse estudo, posto a possibilidade da existência do culto do Santo Daime na Paraíba, e fora da região Norte do País, é possível graças a difusão levantada por Sebastião mota de Melo e seus seguidores. A tradição inaugurada por Raimundo Irineu Serra, já apresentava características de bricolagens de diversas tradições, como do catolicismo popular, práticas vegetalistas indígenas do uso das plantas de poder, incluindo o uso da ayahuasca, concepções e práticas das religiões afro-brasileiras e especialmente da cultura e estética afro maranhense, do espiritismo e concepções espiritualistas e místicas universais, além de práticas orientais, como os trabalhos de concentração guiados pelo silêncio em busca da conexão interior. Além da junção histórica de ritmos musicais da cultura popular brasileira com o a musicalidade indígena, pelo maracá, instrumento marcante neste culto.

Ao conjunto de crenças e práticas, inaugurados e desenvolvidos a partir da década de 30 por Irineu Serra, considera-se os anos anteriores de convivência com índios e caboclos amazônicos nos quais o processo de bricolagens, iniciado pelo fundador assume como característica central o uso sagrado da ayahuasca, compreendendo-a como uma planta professora e transmissora de ensinos na formação da doutrina. Conforme a pesquisa de campo, os depoimentos e observação participante, aponta que o processo de expansão reuniu símbolos que congregam, em suas crenças e práticas rituais com características de religiões universais. Com mensagens simples e de alcance a diversas linguagens, está presente no campo religioso brasileiro e de vários cantos do mundo. Sendo essa religião, considerada,

agente de exportação cultural, pela difusão da língua portuguesa e dos ritmos musicais brasileiros assimilados ao uso cerimonial da ayahuasca. O Santo Daime está em constante formação, posto ser uma religião viva, constituída por elementos de diversas tradições religiosas, não só brasileiras como latino-americanas. A forte presença do esoterismo europeu, imprime um caráter de ecletismo religioso pela sua cosmologia em construção, traço presente não só no Santo daime, mas nas demais religiões não indígenas que fazem uso da ayahuasca. Araújo (2002, p. 553) conceitua cosmologia em construção como um conjunto de práticas religiosas que tende a formar uma doutrina específica na qual existe uma grande velocidade na incorporação e retirada de elementos de práticas religiosas diversas. Segundo declaração de Rômulo Azevedo, o Santo Daime

> é uma doutrina eclética, que tem como base fundamento espiritual o cristianismo, agora com elementos indígenas, elementos africanos, estão presentes nos hinos, primeiros hinos do Mestre Irineu mostra claramente isso, e presença também daquelas entidades do panteão sagrado das religiões de matriz africana estão presentes, tem Yemanjá, Iansã, tem a Jurema. Então eu entendo como um ecletismo, modernidade religiosa.

Para o adepto Marconi Costa[80]:

> o Daime tem vários elementos, desde o indígena, do afro, do cristianismo, o catolicismo, é um grande conjunto de coisas aí que juntando tudo dá a Doutrina do Santo Daime. Com o chá ali orquestrando, você toma o chá e vai cantar e bailar, então culturalmente é muito legal porque é uma coisa totalmente musical, a Doutrina, a nossa Doutrina é musical, você toma você vai ter um contato com a música, vai aprender um instrumento, vai aprender a cantar, o português está sendo bastante difundido por aí a fora por conta disso, eles aprendem os hinos, querem aprender o português pra cantar em português, entender mesmo, então isso é bem interessante.

Segundo narrativa de Andréia Carrer o Santo Daime:

> tem muito dessa influência do catolicismo popular, das congadas, das romarias, enfim, mas também tem tanto assim essa influência, nós daimistas somos rezadores de terço.[...] Eu acho que o Santo Daime é isso sabe, como diz o hino do padrinho Alfredo: "no Santo Daime tudo se soma", porque se a gente conseguir compreender que no mundo são muitos caminhos que são portas para Deus, cada um tem o seu, cada um é meu Deus. Então a gente consegue aproveitar de tudo um pouco. E essa influencia forte do Xamanismo, da Umbanda, que do ponto de vista cultural traz essa beleza da diversidade.[...] Essa doutrina que é de uma Mãe, de um coração tão imenso que abraça a todos, abraça a todas as religiões. Então por conta disso a influencia cultural dentro do Santo Daime é enorme. Você vai no Mapiá: o que tem de gringo! Então, não tem como essa tradição espiritual não ser

[80] Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2013.

> contagiada por essas diferentes culturas. Porque tem de tudo: tem budista, tem harekristina, tem umbandista, tem de tudo! Então é essa riqueza cultural.

Para Pollyana Matias[81] nas crenças do Santo Daime:

> tem a coisa muito católica, não é católica mas que a gente segue aquele calendário. A Virgem da Conceição que é a base, foi quem nos entregou a doutrina, entregou pro Mestre Irineu. Então, as orações, aquela coisa assim da devoção, de rezar, de pedir pelos irmãos, de ter devoção, então isso aí, na doutrina é muito isso, sabe. É um resgate, eu acho, de uma religiosidade que ficou um pouco meio que esquecida, então a gente vem resgatando a devoção, resgatando assim, esse louvor pela Virgem.

Francisco Nóbrega considera as influências culturais do Santo Daime como características do campo das crenças brasileiras e latino-americanas:

> o daime é uma religião genuinamente brasileira, pelos elementos que ela encerra. Genuinamente brasileira, genuinamente latino-americana também. Pra falar do Daime a gente pode também falar da expansão dela ser uma revelação religiosa latino-americana. Então ela tem essa riqueza, eu diria que o Daime tem esses grandes valores culturais genuínos brasileiros e latino-americanos, porque encerra a bebida básica, o sacramento que é a ayahuasca, e uso milenar aqui na América Latina. Ela encerra também no seu sincretismo, fundamentalmente ela congrega os elementos do catolicismo popular muito forte. Quem estuda o Daime com mais profundeza a gente vê a presença do panteão afro-brasieliro também, dentro do corpo doutrinário do Daime, da revelação do Daime. [...] Podemos dizer que há certos elementos indígenas, elementos de ordem espiritual indígenas também presentes na natureza do Daime. Então são esses valores culturais gerais que eu percebo que o torna como um grande patrimônio da cultura brasileira. Como um grande patrimônio da humanidade, das revelações religiosas da humanidade. Porque eu falei antes que o Daime encerra tudo isso, esses elementos sincréticos, a revelação religiosa do Daime tem todos esses elementos, mas ele tem uma singularidade, ele tem uma singeleza, ele tem um modo de simplicidade de tratar dos assuntos universais, que norteiam as religiões universais: o amor a natureza, o amor ao próximo, a humildade, o modo de a gente saber se compor nos nossos lugares, cada um. E uma coisa essencial no Daime que eu acho de grande valor espiritual no Daime, porque ele é uma revelação Mariana. O Daime é uma revelação essencialmente da Virgem Soberana Mãe, dos mistérios da Virgem Soberana Mãe para a humanidade no final dos tempos. Então o Daime tem esses elementos, assim como a Virgem Mãe espiritualmente ela se revelou em diversos locais do mundo, ele se revelou também ao Mestre Raimundo Irineu Serra no coração da Floresta. Esse grande valor cultural também do Daime também encerrar esse amor a floresta, esse amor de onde ele veio, do coração da floresta amazônica esse grande símbolo do pulmão verde do mundo, ameaçado de todos os modos hoje com a devastação constante. Então pra encerrar, pra concluir, todos esses elementos que eu falei antes, da simplicidade dos ensinos cristãos e com esses elementos todos, dessas influências,e mais em

[81] Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2013.

> particular a sua diferenciação de tudo isso, pelo modo a singeleza e a simplicidade com que esses conhecimentos espirituais são revelados pro mundo através dos ensinamentos do Mestre Irineu Serra. Então o grande valor e patrimônio do Daime que eu vejo hoje, chama-se Mestre Raimundo Irineu Serra. E esse homem que revelou para a humanidade esses cânticos sagrados de tanta delicadeza, de tanta fineza, esses cânticos sagrados de tanta elevação espiritual. Revelou pra humanidade, não só pro brasileiro, nós brasileiros usufruímos desses ensinamentos e a prova é que hoje os outros quatro continentes do mundo já tão usufruindo desses ensinamentos. Esse é o grande valor do Daime também, esse grande homem Mestre Raimundo Irineu Serra que revelou esses ensinamentos pro mundo, e soube se arrodear de afilhados e soube também passar sua tradição para as gerações posteriores, as gerações do século XX e XXI a fora, entre as quais eu me incluo entre esses privilegiados.

Segundo as narrativas, e como observado em campo, o Santo Daime apresenta elementos do campo cultural e religioso brasileiro assim como latino-americano. Confirmamos aí a presença de entidades do panteão afro-brasileiro e indígena, xamânicas, europeias, orientais e do espiritismo, além do apelo ecológico, do amor a natureza e conservação da floresta amazônica. Pregado nos hinos e discursos doutrinários.

Do catolicismo popular herdou: As orações, o calendário festivo como as festas juninas, a devoção aos Santos e especialmente a "Nossa Senhora", considerando que a doutrina do Santo Daime uma revelação da Virgem da Conceição, ou uma aparição Mariana no ceio da floresta a Amazônica, ocorrida no início do século XX, segundo o Mito fundador da Religião, a Virgem pousada na lua entregou o Globo Mundial ao Mestre fundador Raimundo Irineu Serra, num símbolo de levar uma nova anunciação Cristã ao mundo, através da prática milenar do uso sagrado da ayahuasca, nesse momento místico da doutrina rebatizada de Santo Daime.

4.5 Plantas de poder, estados de consciência e miração

No Santo Daime a experiência do sentir religioso ultrapassa a simples razão, a vivência do sagrado, a força da Floresta, a força das plantas sagradas e a bebida sacramental produzida através do processo alquímico dessas plantas. As práticas podem ser descritas como experiências místicas, estado de êxtase, transe, comunhão com o divino. Recebem vários nomes em diferentes tradições e compreensões: estados alterados de consciência, força, borracheira, estados não ordinários de consciência, estados visionários, estados expandidos da consciência. A seguir, apresentamos depoimentos sobre esses lugares, estados dimensionais,

ou estados de consciência por meio do qual o Santo Daime transporta seus seguidores e, ainda, como esses compreendem as visões ou mirações advindas desse estado. Sobre esses estados de Consciência Ronaldo Porfírio da Silva[82] explica:

> A miração é um estado de consciência alterado. Cientificamente, o Santo Daime, a mistura do Jagube e da Rainha, vem a ser taxado como um alucinógeno, essas alucinações são justamente, fogem do nosso padrão de realidade. Tudo que a gente não consegue entender, tudo que a gente não consegue sentir, se torna uma coisa vamos dizer assim, inexplicável ao ser humano, que a gente tem nossa mente educada pra manter o padrão e quando a gente foge desse padrão as pessoas chamam de alucinação, foge ;da realidade. Então pra mim a miração é isso, é você fugir da realidade, da nossa realidade do nosso ser pegado na matéria, e a gente ter uma compreensão do que vai além disso. Pra gente poder ter uma compreensão melhor da nossa vida em terra, em matéria e ao mesmo tempo saber que existe uma força superior, uma força invisível. E que essa força está ali ao nosso lado, a todo momento, só que a gente, vamos dizer assim, não está nessa mesmo frequência, a gente fica longe. E o Santo Daime ele busca isso, traz isso pra gente e a gente consegue, vamos dizer, ter essas mirações, esses insights, essas revelações espirituais, pra o nosso crescimento espiritual. Claro pra quem busca de verdade.

A adoção dos termos "*fugir da realidade*" e "*padrão de realidade*" leva-nos a observar a compreensão do real para essa religião, incompreendida pela sociedade em geral, segundo o depoente. A percepção da realidade comum ou diária, pode ser chamado de estados ordinários ou comuns. Os estados alcançados na experiência espiritual por meio do uso da ayahuasca, escapa fluidamente as barreiras da razão e adentra o campo da fé e da física quântica. Sobre essa questão, já existem pesquisas que expandem a compreensão sobre os efeitos das plantas de poder, tidas como substâncias enteógenas, que possibilitam a ligação a Deus, sendo assim considerada como meio de comunicação com o divino. Daí a crença daimista em não esperar uma nova vinda de Cristo ou viver esperando para contemplar e desfrutar o mundo espiritual, pois esse contato, esse religare, já conecta a Deus e reacende a chama Crística nos corações dos seguidores através do mecanismo da experiência religiosa enteógena e da fé. Marconi Soares Costa relata sua compreensão dessas experiências:

> Estados alterados de consciência leva a você compreender que não é só essa realidade, a gente compreende outra realidade, a realidade espiritual. Através do Daime a gente vê que realmente o mundo espiritual existe, consegue ver entidades, até conversar com entidades espirituais, ter visões assim que não, não dá nem pra explicar, porque não tem como explicar com palavras. A linguagem é limitada pra gente, transmitir isso ai, o que a gente vê que são

[82] Entrevista realizada em 11 de abril de 2014.

> esses efeitos, mas são vários não é? A gente dizer aí efeitos físicos mesmo, pessoal fala que vomita, ás vezes dá vontade de ir no banheiro, mas a gente tem isso, vê isso como um processo de limpeza, limpeza espiritual. Você ta ali com alguma energia, alguma energia travada, alguma coisa, então o vômito ele serve, pega aquela energia que tá ruim dentro de você e joga pra fora. E depois daquele processo de vômito, por incrível que pareça você se sente incrivelmente bem, porque quando você enjoa, vomita, geralmente você se sente mal, mas no Daime é diferente, você vomita e depois você se sente bem como você nunca sentiu antes, leve. Também isso varia de determinada pessoa pra pessoa porque a visão, o entendimento das visões, e as visões como se apresenta para o individuo depende do grau de evolução espiritual de cada um, que cada um alcançou, que a gente acredita em reencarnação, que cada um galgou ao longo de suas encarnações, em seu processo evolutivo. Então se ele está mais evoluído, quando ele toma o Daime ele vê mais, ele tem um entendimento maior, ele vê o amor, outras pessoas que não estão tanto, assim, que tão um pouco mais atrás, elas não vão vê muita coisa, tem gente que toma e não vê nada, toma copada e não vê nada, entendeu? É assim. [...] Os efeitos aí, variam de pessoa pra pessoa, é independente, mas geralmente assim é acuidade mental, visual, você fica mais ... tudo aumenta, a sua percepção de um modo geral. Aí dependendo de cada um, do entendimento de cada um, do grau de informação de cada um, intelectual também influi, você vai ter uma interpretação daquelas visões e também vê mais ou vê menos, não é? A gente chama visões assim, porque quem usa visões, mirações é uma coisa que varia o termo, mas, é, não são alucinações certo, o pessoal taxa assim, alucinógeno, é, alucinação, mas você vê que não é alucinação porque é uma coisa real, você sabe que aquela visão naquela hora tem um sentido, tem uma sincronia e você tem um entendimento da história, então é uma coisa bem real.

As visões ou mirações tidas sob o efeito de plantas de poder, substancias psicoativas, e neste caso da ayahuasca em um contexto religioso melhor descrita como enteógena, de certo trás um forte teor cultural do visionário, do universo ou da mente de quem vê. Para alcançar este estado visionário, considerado o ápice do efeito da ayahuasca, ás vezes é preciso passar por processos purgatórios, as limpezas como dito no depoimento acima. Se o Daime é considerado um veículo de ligação a Deus, a realidade espiritual, o corpo é o aparelho por onde esse veículo pode atuar. No culto do Santo Daime o corpo além de aparelho para visões e limpezas físicas e energéticas, é um instrumento de trabalho alinhado a força da mente e do coração. A postura ritual que assumem os corpos nesse rito, podem sinalizar estados da alma e da consciência. Além de teor cultural e pessoal as visões podem trazer ou mostrar mensagens, confirmação de intuição, e transportar astralmente os viajantes a outras dimensões, descrição comum nas viagens xamânicas a que o uso da ayahuasca, mesmo em religiões não indígenas, está associado. Os efeitos, além de visões, agem também nas sensações, como foi dito na "expansão dos sentidos". A seguir Roberto Luís de Figueiredo Castro discorre a esse respeito:

> Na realidade, o corpo humano tem diversas funções. Entre as quais ele tem o despertar espiritual. O que as plantas de poder fazem é incrementar, acelerar esse processo biológico que já existe dentro do corpo. Então você se vê em outra realidade, mas na realidade se você se determinar a fazer um estudo de meditação, de yoga, você também chega no objetivo desejado, que é esse conhecimento espiritual do corpo, dos chakras, do desenvolvimento do cérebro, dos neurônios, de toda anatomia humana. Então o Daime ele acelera o nosso processo, é isso. - o Daime ele faz com que a gente realmente veja, porque uma coisa é você ver uma alucinação, e outra coisa é você ver uma realidade, quando você vê uma realidade você não tem dúvidas mais na sua mente, na sua cabeça. Quando você vê uma coisa que você achava que, de repente aparece para você, o invisível digamos assim se torna visível, então foi-lhe dada a chance de ser aberto os olhos. Então num vai ser ninguém que vai destituir ou demover, ou dizer que foi uma loucura. Ninguém tá dentro de ninguém, na realidade o Santo Daime é um estudo individual, não é um estudo coletivo. Ele pode ser coletivo no desenvolvimento de acelerar a espiritualidade de outros aparelhos, mas aparelhos que já estão em um certo grau de compreensão ele acelera mais ainda, esse entendimento. Então na medida que os olhos vão se abrindo, a verdade vai sendo revelada, aí você não tem mais dúvidas daquele caminho ali, você sabe que o caminho é aquele não tem erro. Eu não sou uma pessoa muito especial pra falar do Daime não, assim não sei, acho que tem pessoas ainda muito mais preparadas do que eu pra falar do Daime ainda encarnadas, e essas pessoas é quem podem responder bem melhor do que eu, mas o Daime é a água da vida, como diz o Padrinho Sebastião. Quem quiser, está lá no apocalipse, é a água que dá a vida, ela dá o entendimento, ela dá, a miração é isso, os estados alterados de consciência são esses. Na realidade, esses estados alterados de consciência, ao contrário, nós é que estamos com a consciência adormecida, mas nós nascemos pra viver nesse estado que eles chamam estado alterado de consciência. Só que agente vira sonâmbulo e zumbi e etc e tal, e esquece do nosso passado e esquece quem nós fomos. E isso aí é a causa de todo sofrimento.

O Santo Daime, o uso da bebida sacramental junto ao conjunto de práticas rituais mais o conhecimento milenar do uso da ayahuasca são técnicas para se alcançar estados elevados de consciência na prática religiosa aqui estudada. Nas mais diversas tradições religiosas e culturas podemos encontrar essas técnicas, em algumas são práticas endógenas, orações, meditações, jejuns, práticas corporais e respiratórias. Em outras, como é o caso aqui, se usa elementos exógenos, que estão fora, sejam plantas de poder, sejam alimentos estimulantes ou relaxantes, dependendo de qual estado se quer alcançar. E essa busca por “alterar” (no sentido de sair do estado rotineiro) da consciência não está só nas tradições com finalidades místicas ou religiosas. Na sociedade em geral também se encontram comumente usos indiscriminados e abusivos de substancias químicas, muitas dessas derivadas de plantas naturais com potentes alteradores de consciência, como é o caso do álcool e do cigarro. Que para autores estudiosos no tema esse uso de drogas na sociedade moderna também faz parte dessa busca, se não espiritual, de desprendimento dos estados comuns de consciência.

A seguir José Francisco Ribeiro da Silva Bernardino[83] esclarece a respeito do efeito das plantas de poder e relata sua experiência no estudo dessas plantas e mesmo dos efeitos de outras substancias naturais usadas diariamente para influenciar o corpo e a mente:

> Bom, te passar aquilo que é minha impressão, que ao longo do tempo também se transforma, porque a cada tempo que vai se passando eu vou tendo novas compreensões daquilo que eu ... as coisas que eu vou descobrindo com o próprio Daime, cada período que eu passo, mais daime, menos daime, ou coisas da minha própria vida particular vão se desdobrando e vão modificando a minha percepção também sobre essa minha relação com essa bebida do santo daime. E nós temos duas instâncias: aquilo que é biofísico, químico, que é a bebida do Santo Daime, a parte espiritual e religiosa, intelectual, filosófica daquilo que ele também traz através da sua religião. Então essas duas influências são poderosíssimas, elas influenciam mutuamente o tempo todo, fisicamente e energeticamente através da bebida e aquilo que ela traz e consciencialmente na compreensão das coisas como o Daime propõe, como se ele tirasse uma cortina que muitas vezes tem na frente da nossa visão em relação a determinado aspecto, que a gente não consegue ver. E através dessa limpeza do Santo Daime agente, Opa! há aquilo na realidade significa aquilo outro que eu não tinha percebido ainda! A carga vibracional daquela situação, vamos chamar assim. Então expande essa compreensão os alteradores de consciência tem, justamente o nome, altera a consciência, alterar a consciência isso não é necessariamente uma coisa negativa. Voltando a alimentação, o açúcar altera a consciência, ponto! Deixe de comer açúcar e coma um pedaço de rapadura pra você ver o que vai acontecer, você tem uma síncope, uma chuva de açúcar na hora você tem, você muda o ânimo. E outros alimentos, o café por exemplo, se ele é banalizado você não sente os efeitos, mas se você toma raramente você sabe o efeito que ele te provoca, ele é forte. Então da mesmo forma o santo daime, quando ele entra no teu organismo ele provoca uma série de desdobramentos, em relação a parte que ele age profundamente que é o cérebro, ele dá uma jato, um jorro de serotonina, a dimetil triptamina ela faz você ter percepções diferentes. Quando agente fala alterada, na terapia mesmo a gente não tá usando mais esse tipo de termo, a gente vai usar de intensificada, intensificação de consciência. Por que a gente percebe, por exemplo, um faixo de luz em determinado espectro, o outro agente não vê, a luz ultravioleta tá o tempo todo aqui, como outras, mas agente não vê, o nosso espectro de percepção visual não permite, a nossa máquina não tá preparada. Quando o meu cérebro muda sua forma de percepção das coisas, ele estabelece sinapses diferentes eu vou conseguir perceber coisas que estavam aqui, mas que, eventualmente eu não percebia. Hoje por exemplo agente sabe, por exemplo, estudos já longos, que as plantas se comunicam, e que as folhas e as pétalas das flores elas tem movimento que agente no nosso campo visual não percebemos, nós não percebemos, mas elas estão aí comunicando. Pássaros, o jeito de cantar, o tom, a altura, o ritmo, tudo isso são comunicações, então são fluências vibracionais, a gente ás vezes não percebe. Então não é porque, no meu ponto de vista, e também já tem bastante estudo bioquímico sobre o daime não é uma novidade, ele realmente ... então provocando essa ampliação de sinapses dentro do cérebro, ele vai ampliar minha percepção de coisas que vão acontecendo ao

[83] Entrevista concedida em 13 de fevereiro de 2014.

> redor de mim. Nesse sentido também terapêutico ele me ajuda porque, como ele intensifica minha percepção, não é só fora, é fora e dentro, tanto que a religião vai falar o tempo todo para você olhar pra dentro de si. Porque a transformação do ser humano tá interna, não é fora, eu quero mudar alguma coisa eu mudo a mim mesmo, se não eu não mudo nada. Mudar fora é uma pretensão exagerada, dentro já uma realidade possível, realizável e vale a pena tentar. E o chá vai te propor isso, esses alteradores, o Santo Daime que é a religião que eu escolhi pra seguir, mas tem as outras plantas de poder que são utilizadas no mundo, no nosso caso aqui a jurema também, e tem Iboga, tem o San Piedro na América do Norte. O Pérgamo Harmala mesmo agente tem referências deles bíblicas, usadas naquela época por alguns povos, por alguns grupos de estudiosos. Para quê? Para alterar a consciência. Bebia a harmina e harmalina para poder soltar a dimetil triptamina, que a gente já produz, diga-se de passagem, só que em quantidade pequena, então você vai beber mais para que essa quantidade extrapole para que você consiga ter essas percepções visuais, auditivas e sensoriais.

A ação do Santo Daime está diretamente ligada aos estímulos simbólicos da religião, principalmente pela mensagem e vibração possibilitada pela musicalidade dos hinos. Até aqui, e como veremos adiante, as compreensões expostas nas narrativas apontam para a sensação de "tirar a cortina", "revelar", "tirar o véu da ilusão", tendo em vista ser a dimensão acessada sob o estado visionário, como a realidade plena do ser espiritual. Possibilitando o deciframento de símbolos e mensagens, o próprio desenrolar pessoal, e assim como um oráculo, daí serem chamadas de plantas professoras. Como dito no depoimento acima, esse estado possibilita "perceber a carga energética daquela situação". Ainda considera-se dentro de uma visão holística, que o termo "alterar a consciência não é uma coisa negativa" e demonstra, com exemplos simples, como se está suscetível diariamente através da ingestão de alimentos a termos a consciência alterada. Segundo a percepção dos praticantes, as influencias naturais e climáticas tem esse poder de influenciar a mudança no "estado de espírito". Basta um vento mais forte, uma maré agitada, um calor escaldante, ou mesmo a força dos ciclos da lua e já se nota a diferença de comportamento nos animais, nos vegetais, e nas pessoas.

Acredita-se que as plantas professoras carregariam em seus códigos genéticos o poder sagrado da natureza. O narrador fala em "intensificação da consciência", enriquecendo as visões apresentadas aqui e a capacidade de alcançá-las como partícula natural do ser humano, despertadas pela ayahuasca. A narrativa acima ainda apresenta esses estados de consciência e/ou a miração como possibilidade de ver o que pode estar ocorrendo o tempo todo, espontaneamente nos processos de comunicação da natureza. Há um despertamento, tendo em vista que os sentidos se mostram reduzidos ou limitados para captar a variedade de cores existentes, sensações, cheiros ou mesmo a recepção auditiva de mensagens astrais.

O depoimento a seguir apresenta o Daime como veículo de resgate ou religação do homem em seu estado natural, além de demais compreensões, vejamos a narrativa de Rômulo Azevedo:

> Estados alterados de consciência eu vou dizer o seguinte, eu acho que a pessoa nasce com a mente pura, aí é obrigado a estudar física, química, matemática, biologia, altera a consciência da pessoa. Então pra mim estados alterados de consciência são isso. É você botar conhecimentos que não são normais, que não são comuns. Aprender a ler é uma violência, uma coisa que, um código ali imposto e você vai formata, altera sua mente para. E é tão poderosa essa alteração que você não consegue se livrar, eu nunca vi uma pessoa que desaprendeu a ler a não ser que levasse uma paulada na cabeça e tivesse uma amnésia, mas tente desaprender. É difícil aprender a ler é, porque é uma agressão, mas depois que você aprende é tão marcante que você não consegue se livrar mais nunca daquilo. Então pra mim aprender a ler é alterar a consciência, entendo a consciência alterada dessa forma. Porque na minha opinião, o Daime não altera consciência ele expande a consciência. Ele amplia as possibilidades que você tem adormecidas de compreensão da vida, de compreensão da espiritualidade e isso tá dentro de cada um de nós. Mas é adormecido por conta exatamente dessa alteração de física, química, matemática, conhecimentos outro que nós temos, como se conduzir numa sociedade, entrar numa loja, compra, receber o troco, não ser roubado. Essas coisas todas alteram a mente da gente, a gente deixa de se preocupar com as coisas naturais que são importantes e verdadeiras pra se preocupar com isso. Então por conta dessa alteração adormece, o Daime vem e expande esse conhecimento, não altera, no meu entendimento, isso é uma opinião estritamente pessoal. Eu acho que quem altera são esses estudos convencionais que nós temos. Mas a sociedade é diferente. Pra mim não altera a consciência. [...] [Os efeitos do Daime são] meramente espirituais, eu acho. Olha o daime é um mistério tão grande que tem pessoas que tomam um copo de caldo de cana e não sentem absolutamente nada, a bebida na se abre pra ela, de forma misteriosa não sei porque. E tem outros que tomam um filetezinho só pra experimentar, e tem uma revelação extraordinária. Mergulha profundo na existência dele, nas encarnações passadas. Quer dizer, não depende de quantidade da calibragem, "esse daime aí é um mel, é um quatro por um", não, não, não, não tem essa história. Se tiver que pegar, pega, se tiver que não pegar, não pega. É uma bebida, que não tem o efeito que você, por exemplo, o efeito que ele passa pra mim eu não posso passar pra você. Que quando você tomar vai ser a sua experiência, individual, pessoal. Então não adianta dizer, olha vou dizer como é, primeiro acontece isso, depois isso. Aí eu to mentindo pra você, ou seja, comigo foi desse jeito, aconteceu isso, eu vomitei, sei lá o que aconteceu, mas isso não vai servir pra você. Só sabe o que é Daime, quem toma Daime. Pra poder saber o que é Santo Daime, tem que beber o Daime. Por mais que seja perfeita a descrição teórica acadêmica, quando a pessoa tomar ele vai ver que é totalmente diferente daquilo que tinham dito a ele. [...] A miração é uma armadilha. A miração é um pouco cinema, cineminha. Então ás vezes a gente vai pro cinema, assiste uma história dramática, a gente chora, se emociona com aquilo, duas horas depois aparece uma letra escrito fim, apaga a luz, fica essa tela branca na frente da gente, acabou-se, era uma ilusão. Mas durante duas horas agente achou que era verdade, chorou, ficou com medo na hora que a mocinha ia caindo do precipício, na hora que o bandido ia dar um tiro no artista jogou adrenalina. Mas na hora que terminou que acendeu a luz, opa! era uma ilusão. Então a miração tem um pouco disso, a miração tanto é uma

> explicação sobre alguma dúvida que você tem, e essa tem que ser observada muito claramente, porque ela nem sempre é. A miração colorida, eu vejo muito isso, montanhas de pedras brilhantes, uns índios como se fossem de neon, uma flores lindas que vão se abrindo, aí sai uns insetos dourados, aquilo ali, depois, opa! isso é o cinema cuidado. Você tá perdendo o prumo da história. Tanto que tem uma história muito curiosa do Mestre Irineu sobre isso, o cidadão tomava daime lá com ele, aí um dia chegou e disse, ele tava sentado numa varanda, o Mestre tinha dado uma copada pra ele, aí disse: Mestre Irineu, não estou mirando. Porque? Aí o Mestre Irineu chegou perto dele e disse: o senhor está vendo aquele coqueiro ali? Estou. Pois o senhor está mirando. O que é que o Mestre Irineu quis dizer pra ele? Preste atenção, a miração acontece a todo momento. O daime tem uma propriedade muito mágica, que você tem uma dúvida, um problema existencial seja ele qual for pra resolver, quando você toma a bebida, se você estiver num ambiente qualquer aqueles elemento que compõem aquele ambiente vão te dar resposta pra tua dúvida. Agora como é isso? Eu não sei, quer dizer, talvez o daime desperte na nossa mente algumas faculdades cerebrais que estão adormecidas que tem essa capacidade de fazer uma leitura fora do tradicional penso logo existo da ciência acadêmica, da prova, da contra prova, da tese, da antítese, essas coisas todas. Ele tem uma propriedade altamente avançada, mais avançada do que o computador mais moderno que faz isso, esses elementos aqui vão te dar uma resposta para tua ... para teu apoio. De sorte que depende muito da atenção de quem tomou a bebida, e cuidado com o cineminha, porque se ficar preso naquelas florezinhas, são lindas, você vê serpentes e cristal, tá entendo? É uma coisa linda, mas quando termina aquilo, não fica nada entendeu? Fica o cineminha. Uma lembrança dum índio que passou de neon que brilhava, uma cobra linda, uma flor que se abria em mil pétalas, saia uns besouros dourados de dentro, cineminha apenas. Agora a miração que vai te dar seguimento, adiantamento, continuação na tua trajetória essa tem que ser prestada atenção. E só vai conseguir se se livrar do cinema, botar a cara no cinema! A miração, eu digo: é uma faca de dois gumes, armadilha.

A compreensão apresentada acima, a respeito de estados de consciência e miração, liga a concepções orientais de experiência na prática da meditação, quando se busca justamente a compreensão que está além do véu de *māyā*, termo sânscrito que pode ser entendido como "ilusão cósmica". Literalmente, *māyā* é a medida que todo sujeito forma da realidade em que vive, é seu ponto de vista, mas ele considera como sendo "o real" e por isso mesmo é ilusão (GNERRE, 2011, p. 72). Esse processo de ruptura com a suposta "realidade ilusória" nos lembra também o próprio processo de iluminação vivido por Sidarta Gautama, o Buda, na índia no século VI antes de Cristo. Sidharta, em seu processo de meditação empreende uma grande batalha interna: Mara, Deus ou demônio que mantém os humanos enredados nas teias da ilusão e que se traveste nos ciclos de mortes e renascimentos teria aparecido para Sidharta. Destruidor, ele simboliza tudo que é apego ou vínculo. Vendo Sidharta no limiar de seu despertar e, portanto, de se libertar de seus poderes, Mara envia seus exércitos de demônios e belas moças para desviar a atenção do meditante. O demônio teria

medo que Sidharta, com seu exemplo, pudesse libertar a humanidade de seus poderes ilusórios. Mas nada adianta: o filho do Shakya continua imóvel, impassível, meditando. A cartada final de Mara é aparecer na própria figura de Sidharta, como seu próprio ego. Mas nem mesmo a destruição de sí mesmo tira Sidharta de seu caminho. Vencido, Mara se retira. Após vencer Mara, com a chegada da noite Sidharta entra em estágios profundos de meditação. E, finalmente, alcança a iluminação e a sabedoria: compreende que o desejo é o que conduz o mundo: o desejo egoísta se transmite de um nascimento a outro, de uma vida a outra, mantendo os seres atados a uma existência ilusória na forma de um ego limitado. (ZIMMER, 1998, p. 339).

Sidarta relatou sua experiência e deixou seus ensinos e técnicas que ultrapassaram gerações e continentes como podemos observar na prática ritual chamada de concentração instituída por Mestre Irineu[84], cujo objetivo é alcançar estados espirituais elevados e possibilitar viagens astrais, enquanto busca de autoconhecimento, iluminação pessoal e coletiva, quando o alcance vibracional da concentração é direcionada à prática da caridade, semelhante ao conceito de compaixão do Budismo. Não esquecendo porém de esclarecer que existem um panteão espiritual e material comum ao universo da ayahuasca, visões comuns referentes ao universo natural e astral das plantas de poder. “Índios”, “cobras”, “flores”, “pedras brilhantes” em cores, revestidas de luzes fosforescentes ou de “neon”, como observamos no depoimento acima, são descritas em visões de velhos índios ayahuasqueiros, tanto que o cipó se parece com uma cobra, um animal comum a região amazônica, a qual para algumas tradições, representa forças poderosas da natureza. Assim como os outros símbolos apresentados nesta fala, estes também estão expressados nos hinos, sendo assim parte integrante da espiritualidade no Santo Daime. É impossível explicar com palavras o padrão ou tipos dessas visões ou mirações possibilitadas pelo Daime ou ayahuasca. Contamos com arte visionária[85] de artistas ayahuasqueiros. (Figura 44)

[84] Lembrando que um dos livros de cabeceira do fundador do Santo Daime era sobre a vida de Buda.

[85] A arte visionária pode ser entendida como um fazer artístico onde a produção está condicionada às experiências advindas de estados não ordinários de consciência (Mikosz, 2009). Esses estados atribuídos na produção da arte compreendida como visionária, nem sempre dependem da presença de plantas de poder, mas nos casos demonstrados nesse trabalho, são arte visionárias de artistas ayahuasqueiros, muitas representando em suas próprias palavras e de seus estudiosos típicas mirações.

Figura 44 - Tempo (1993). Óleo sobre tela, 80/100cm de Alexandre Segrégio.[86]

A seguir, Francisco Antônio Vieira da Nóbrega narra sua compreensão do tema tratado nessa sessão, estados de consciência e miração, de acordo com sua experiência de vida junto a religião que professa, no caso, o Santo Daime:

> Pois é, é tão difícil a gente responder. Os antropólogos hoje não usam mais o termo alucinógeno, os antropólogos já usam o termo mais adequado que é o enteógeno, aquilo que leva a Deus. Pra mim essa questão do que a gente sente no Daime, do que a gente vê, que revelações a gente tem no Daime, é algo tão delicado, tão tênue, porque eu imagino, cada um tem uma experiência talvez particular com essa situação, com o Daime provavelmente. Quem sabe muitas revelações podem ser reais mesmo da pessoa dentro do sacramento, mas eu não garanto que todas são manifestações reais, nesse envolvimento com o Daime e quem sabe se não tem alguma projeção da ilusão mesmo nossa no tratamento disso. Mas o que seria esse estado alterado, assim na minha manifestação, eu particularmente num tive assim o privilégio, com raras exceções, de eu chegar ter uma confabulação no palácio da Virgem soberana Mãe, com a Virgem Mãe ao lado assim conversando. Eu acho que eu já fui bem pertinho do palácio, [risos] em algum momento eu já fui próximo do palácio da Virgem Mãe e do Mestre Imperador. Mas dentro dessa compreensão do enteógeno, do Daime, eu acho que a revelação maior que ele me traz, a minha cura maior o que eu compreendo como revelação, em mim, nos outros eu acho um pouco difícil de falar, mas em mim em primeiro lugar é essa religação com o poder superior. Eu acho fundamental isso aí, o modo como eu me religo, o modo como eu participo desse ritual, dentro daquela ordem, o batalhão masculino dum lado, o batalhão feminino do outro lado, o santo cruzeiro no centro da

[86] Disponível em:http://www.alexandresegregio.art.br/

> cena. Então, o que eu acho como revelação ou como êxtase, ou como seja o que for, nisso daí, é o modo como eu me integro a isso e isso me eleva a Deus, e isso me traz harmonia, e isso me traz cosmos, organização, isso eu acho valoroso no Daime.

A narrativa acima enfatiza a experiência particular, como a projeção do universo interior e das informações culturais de quem vê, impresso nas mirações e na tarefa de decifrar os códigos acessados. O depoente compartilha da compreensão da significação ou do sentido dado aos estados alcançados com o veículo enteógeno no contexto religioso/ritual do culto. Como proposto pelos novos padrões de interpretação recebidos e passados por Raimundo Irineu Serra, para orientar as viagens possibilitadas por essa bebida poderosa usada milenarmente pelos povos amazônicos e historicamente, pelos Incas. O Santo Daime possui um conjunto de informação e de seres agregados que, ao longo do tempo, foram reunidos na doutrina. Também enfatiza o bem estar do corpo e da mente, a saúde em geral envolvendo os relacionamentos e a sociabilidade como atributo do seu uso. O que nos leva a comentar sobre os usos terapêuticos da ayahuasca já estudados e aplicados no âmbito científico e empírico. Tanto que na doutrina do Santo Daime, assim como nos usos indígenas e nos novos usos urbanos sagrados da ayahuasca os participantes consideram a utilização dessa bebida como uma experiência que envolve a cura , física e sutil.

A imagem a seguir retrata cenas dessa e da fala a seguinte, sobre o acesso a dimensões espirituais, como nas expressões "Palácio da Virgem Mãe", "Casa Santa do nosso Pai Universal":

Figura 45 - Templo Sacrosanto, de Pablo Amaringo.[87]

[87] Disponível em: http://fineartamerica.com/featured/templo-sacrosanto-pablo-amaringo.html

Pollyana Matias de Figueiredo Castro apresenta sua descrição e interpretação para as experiências de miração e estados de consciência:

> Esse estado visionário, que a gente tem quando toma a bebida. Pois é, eu ainda ontem estava estudando o hinário do Padrinho Sebastião, aí escutando um versozinho que diz: "Sai para o invisível, anda no astral, entra na casa santa do nosso Pai Universal". Então é isso, a gente ter essa oportunidade de poder ainda em vida, vivo, encarnado, poder entrar no Reino de Deus. Conhecer, ver o que é mundo espiritual, ver o que existe, além disso aqui, que a gente está apenas vendo só o que tá na matéria, com estes dois olhos aqui. Mas existe o terceiro que é aqui [tocando a entre os olhos], o olho mental, tem muita coisa pra gente conhecer além de só isso aqui. Então o Daime faz isso, ele leva a gente pro astral, pra conhecer o mundo espiritual, o que existe além disso aqui, e é muita coisa que a gente precisa estudar. Então esse estado visionário que a gente entra quando toma a bebida, é tudo. Muito importante pra nós, pro nosso conhecimento, pro nosso crescimento. Na minha opinião, acho que todo mundo tinha que tomar um Daime nem que fosse uma vez na vida, [risos] mesmo que nunca mais tomasse sabe, mas pelo menos uma vez na vida tinha que ter essa graça de conhecer o que é o mundo espiritual. [...] Pois é, a miração é exatamente isso aí, esse estado visionário que o Daime nos abre, pra poder a gente vê o que está visível e o que está invisível. Está tudo contido dentro de um só instante. Mas o que está invisível a gente não consegue ver, quando abre a miração aí você consegue ver, com totalmente consciência de tudo, em momento nenhum você perde a consciência, de onde você está, quem você é, nem nada. Então você fica consciente o tempo todo, mas vendo o mundo espiritual ao mesmo tempo, compreendendo o que acontece com a gente, e sem a bebida, sem essa bebida sagrada a gente não ia ter esse acesso, como um portal que se abre, um portal pra que você penetre e conheça.

Neste depoimento observamos a referência ao poder enteógeno da bebida, de introspecção e ligação com o divino, passando pelo autoconhecimento enquanto premissa para contemplação o divino.

A experiência visionária ou miração, no Santo Daime, como vimos nos diferentes relatos apresentados, está relacionada ao alcance de outros estados dimensionais de consciência, não comuns, no dia-a-dia. Esses estados são o próprio *religare*. Em diferentes tradições religiosas, o seguidor pode alcançar esses estados com diferentes técnicas. Na religião que aqui estudamos, essas técnicas vão além da ingestão da bebida ritual. Está associado a todo um complexo doutrinário e filosófico e mesmo social de representação religiosa do sacramento; envolvendo crenças e práticas herdadas de diferentes tradições culturais como a dança, o canto, as representações imagéticas de símbolos sagrados, as dietas, os cheiros e fumaças purificadores da defumação, as cores da decoração e a beleza das flores.

Além do exercício de meditação nos rituais de concentração, prática de orações e preces de diferentes linhas espirituais ou espiritualistas.

4.6 Santo Daime, uma doutrina musical: hinos e ritos

No Santo Daime o canto é uma parte fundamental do ritual e, por isso, ele é tido como uma doutrina musical. A música, na maioria do tempo, preenche e dá significado ao ritual, alternada em alguns casos, com orações, falas ou preleções e silêncios. Para a doutrina, como já tratamos no texto acima, os hinos são "recebidos" do astral ou plano espiritual por intuição, revelação ou inspiração, e mesmo atividade mediúnica. Encontramos autores que chamam esse fenômeno de psicoaudiência ou registraram o uso de termos como "clariaudiência" e "psicomusicografia", em analogia aos termos psicografia e clarividência adotados pelo espiritismo kardecista. Esses hinos não passam pelo processo de composição, o que não impede que possam ser feitas pequena adaptações ou correções nas letras e melodias do hino (LABATE e PACHECO, 2009, p. 37). Está, especialmente nos hinos, além de outras representações simbólicas e/ou imagéticas, representada a identidade nacional da cultura brasileira, expressa nos ritmos, nos lugares, naturais ou não, a que fazem menção, como a floresta amazônica e as cidades, além de signos como a bandeira do país, a pátria, paisagens naturais e tempos históricos registrados nas narrativas cantadas. Sobre o tema, Alex Polari de Alverga considera:

> Os hinos são a base por onde os ensinos da doutrina fluem. São através dos hinos, que são de alguma maneira canalizações de mensagens de aprendizados que existem na sua trajetória espiritual. Ao mesmo tempo que você recebe, através dos hinos que já existem no trabalho, você recebe o conhecimento e o ensinamento que você precisa pra destrinchar a sua passagem dentro do trabalho. E quem tem esse canal pra receber os hinos de alguma maneira se prontifica a receber aquilo como um presente que você recebe pra você, pra responder uma questão que você precisa, e também na medida em que ele é instruído dentro dos trabalhos, no seu hinário, é apresentado em outras ocasiões perante a irmandade é que ele também é, vamos dizer assim, é para todos. Então é uma coisa muito significativa dentro da nossa doutrina uma coisa assim muito especial, é uma doutrina viva que tá se formando, apesar de ter seus fundamentos de uma maneira muito segura e clara, mas que ao mesmo tempo seus participantes estão contribuindo dentro do próprio aperfeiçoamento da mensagem do Daime. Sempre está vindo através de um, através de outro, um ensino, uma doutrina, uma coisa que passa a fazer parte também do acervo geral da Doutrina. [...] Que hoje em dia já estou com 154 hinos que é minha história dentro do Daime, então já não é qualquer hino, assim ás vezes chega, você tem aquela frequência ali, onde as vezes no trabalho começa a catucar ali uma coisa.

> Atualmente eu ... só quando é uma coisa assim [...] muito segura, que precisa, que além de tudo o hino tem um sentido de responsabilidade muito grande, na medida que você recebe aquilo, você tem que usar aquilo, se compromissar com aquela mensagem, com aquela coisa que o hino pede e diz. E ao mesmo tempo você tá sendo um arauto pra pedir que os outros também cumpram aquilo que você está fazendo. Então é uma coisa muito séria, num é só receber, [...] tem que zelar, e tem que fazer que a sua vida coincida com ele de alguma maneira, e que toda essa sabedoria que vem através dos hinos de uma forma ás vezes também muito simples, numa linguagem muito simples, todas essas visões, essas compreensões que o trabalho nos traz, agente de alguma maneira tem a obrigação de trazer isso para o plano da matéria, para o plano da irmandade, para o plano da realidade e tentar transformar isso, esse ensinamento numa obra prática, numa coisa que se consubstancie na matéria. E aí é o nosso papel dentro da doutrina como irmãos, você arregaçar as mangas pra ir cumprir os ensinos que ás vezes é dado pelos seus hinos e os dos outros que você também tem que ajudar a tornar aqui realidade, botar força, botar fé com diz o papa.

Nos hinos, estão registrados desde acontecimentos sociais históricos e relatos de passagens pessoais e interpretações ou revelações tidas em mirações. Importantes não só para a doutrina, como de cismas no ceio da religião e processos migratórios empreendidos pela demanda religiosa, que podem mudar ou interferir nas relações socioculturais de determinado lugar. Através dessas mensagens cantadas, podem ser anunciadas boas novas, tem-se a resolução de possíveis intrigas, dissolução de tabus, renovação nas diretrizes espirituais e rituais.

Enfim, a liturgia da doutrina está nos hinos, como podemos observar nas palavras de Rômulo Azevedo:

> Os hinos são as instruções da doutrina para os seus seguidores. Então diferentemente das religiões mais tradicionais, onde você tem testos sagrados, os hinos seriam equivalentes a esses textos sagrados. Os hinos funcionam na doutrina do Santo Daime como funciona a bíblia, por exemplo, na igreja católica, na igreja evangélica. As instruções que os seguidores recebem vem através desses cantos sagrados.

Interessante notar, em meio a tantos temas tratados na diversidade de hinos, que alguns apresentam antigas sagas bíblicas, renovado os sentidos históricos do povo cristão. Na compreensão de Marconi Costa:

> os hinos são um caminho, é o guia, a jornada, a gente quando toma o Daime que entra na Força, que a gente chama a Força, que sente o efeito, aquela coisa, então o hino é o guia pra você não ficar perdido, vagando o pensamento, é um centro. As letras, estão ali ensinando, falando tudo que é sagrado, que é bom pra fazer e o certo, a sabedoria universal esta contida nos hinos. Simples, mas a sabedoria universal.

A visão apresentada, assim como a anterior, chama a atenção para as mensagens, as instruções transmitidas nos hinos, enquanto códigos éticos e campo de sentido da viagem possibilitada pelo Daime.

Podemos dizer que o Santo Daime é uma tradição oral a qual no processo de expansão e de adesão de grande número de pessoas, passou a registrar na escrita seu conhecimento legado da tradição Oral. Essa transição aconteceu na tradição expansionista levantada por Sebastião Mota de Melo, o responsável por esse feito, assim como a instituição de ritos como casamento e batizado através da descrição escrita desses rituais, foi Lúcio Mortimer[88], é autor de vários livros que conservam a memória da formação do "povo da floresta" seus costumes, crenças e práticas. Na linha conhecida como Alto Santo, utiliza-se menos a prática da confecção de cadernos, ou valoriza-se a memorização dos hinos, reforçando assim o conhecimento através da transmissão e a conservação do patrimônio oral. Sobre a utilização dos hinos, José Francisco R. da Silva Bernardino descreve:

> Os hinos são um mecanismo utilizado pelo poder pra passar essa energia, primeiro através das melodias que é uma matemática sagrada na música, e depois também por conceitos, os conceitos sociais, psicossociais que os hinos vão abordando na sua temática religiosa. Então ele é, o nosso compêndio dogmático, é ele que vai trazer os dogmas, nós temos poucos textos no Daime que são seguidos. O padrinho tanto quanto o Mestre, eles gostavam de ler a bíblia,e tem muita coisa muita influencia dessa religião católica, cristãos, mas também com certa influencia católica. E aí através dos hinos é que vem essa teologia sendo passada. Combinada com essa mágica, com esse mistério, passado através dos elementos mágicos da Floresta.

Através dos hinos são firmadas alianças com outras tradições, por exemplo com a Umbanda e com a tradição do *San Piedro* (Peiote). Também são definidos os novos padrões de interpretações para os novos elementos e revigoradas antigas práticas. A seguir a narrativa de Ronaldo Silva sobre o tema:

> Os hinos são, eu posso dizer assim, que é a personificação do espírito vem através da música dos hinos. A nossa doutrina é quase cem por cento toda musical, tudo que a gente precisa saber, tudo que a gente precisa aprender, as mirações que os irmãos antigos receberam tá tudo nos hinos pra gente aprender. Até hoje tem irmão recebendo hino, tem ensinamento novos todo dia aparecendo. Nosso dirigente maior, o próprio Alfredo já vai no terceiro hinário já, já fechou dois já abriu outro. Então que dizer tem muito ensinamento. E os hinos são tudo na doutrina, tem um hinário de concentração que a gente fica - em certo momento, em silêncio total, pra

[88] um dos primeiros seguidores que "chegou de fora", ou das cidades.

> uma reflexão interior, mas na hora que começa a cantar os hinos, a gente sabe que é ali onde a gente se reconhece espiritualmente, e consegue até unir mais através da música, as pessoas. Eu acredito que os hinos são a parte primordial e essencial da doutrina.

Essa fala identifica, assim como explica alguns estudiosos (Labate e Pacheco, 2009), que a música funciona como um agente de integração; um aspecto democrático e particular dessa religião ayahuasqueira, onde todos devem participar ou cantar nos rituais, além de tocar instrumentos, a exemplo do maracá. Pode-se afirmar que tanto os hinos quanto as chamadas são herdeiros de uma tradição cabocla de consumo da ayahuasca em que a música tem importante função na estruturação da experiência religiosa e relação íntima com a produção de visões, de emoções de curas e de contato com seres invisíveis, além de uma dimensão de uma fruição estética (Labate e Pacheco, 2009, p. 72). Na concepção de Pollyana Matias:

> Os hinos na doutrina eu acho que é o mais importante, é o tudo mesmo, porque através dos hinos que a gente conduz dentro da força e é por eles que desce tudo que a gente precisa saber na doutrina é através dos hinos. acho que a grande dica pra quem entra nessa doutrina é se apegar nos hinos, estudar os hinários, independente de você ser cantora ou não ser cantora, de puxar ou não puxar, mas tem que saber todos os hinos, estar sintonizado o tempo todo com os hinários, porque é por eles que a gente recebe todas as instruções. Então eu acho que é o mais importante dessa doutrina, são os estudos de hinários.

Como já dissemos aqui, se, para os daimistas, a bebida enteógena é o veículo, o corpo o aparelho pra atuarem suas potências, os hinos são as chaves do portal dessas experiências religiosas. Os hinos orientam a viagem do viajante, dão corpo ao roteiro de viagem; cantando os hinos, pede-se saúde, luz, força, perdão, amor, paz, quebram-se demandas, afastam o mal e evocam o axé, a força vital criadora e geradora da vida e do bem estar. Em sua narrativa, Francisco Antônio V. da Nóbrega declara sobre o assunto:

> Os hinos são aquele instrumento principal que nós precisamos. Os hinos em si do Daime, em outras palavras, é a codificação da doutrina. Nós temos na doutrina, ela foi escrita ela foi organizada no seu corpo doutrinário, esse corpo doutrinário são os hinários. Então não havia e nem há Daime sem hino, então Daime e hino são as duas coisas que se revelam. Podemos dizer o Daime, o hino e o ritual, talvez assim grosseiramente a gente possa dizer. Então como eu falei antes, no ensinamento organizacional do Daime, no ensinamento ao cosmos, a organização que o Daime nos proporciona no ritual, essa possibilidade todas de atingir esses êxtases espirituais em diversos graus, essa comunhão com os irmãos, essa realização do ritual da dança sagrada, tudo isso só de desenvolve através do hinos. porque nos hinos estão todos os ensinamentos, os cânticos a revelação que vem desde Mestre Raimundo Irineu Serra. Então os hinos é essa possibilidade do religare, essa

> possibilidade que eu falei antes. O Daime nos eleva ao criador, O Daime nos coloca muito perto da revelação, do espírito santo ou inteiramente dentro do espírito santo nos releva as alturas, e tudo isso só acontece por cauda do hino. Então ainda que você venha pro nosso ritual e não cante, você precisa pelo menos ouvir os cânticos de quem esteja cantando. Porque todo desenrolar do trabalho se dá, tanto dos ensinamentos transmitidos naquela doutrina, quanto na harmonia do trabalho espiritual só é possível através dos hinos. Então os hinos são esses elos, o religare a Deus através da Virgem Soberana Mãe. Os hinos são esses elos do nosso religare a Mãe Terra, que também precisamos nos religar permanentemente. Então os hinos, como eu tava ouvindo uns irmãos hoje dizer: rapaz eu acordo pensando nesse ou naquele hino. Aquele hino vem na mente, então é a cura que aquela pessoa recebeu daquele hino e quer sempre reforçar aquele ensinamento. Então é isso, sem hino não tem Daime, sem Daime não tem hino, nesse nosso estudo.

Para o depoente, "não há daime sem hino e nem hino sem daime" e, notamos que essa característica musical revelatória, associada ao uso de plantas sagradas, é milenar. Não só no caso da ayahuasca, como já citamos acima, também é registrada o ensino passado ou acessado, via plantas de poder e seus deuses através de hinos, como o caso do Soma na Índia antiga. Neste caso inspirou o livro sagrado dos vedas, e da mesma maneira, através de hinos a tradição védica até hoje segue as instruções dos hinos de executar os rituais, também buscando nunca se afastar da forma como foram transmitidos. Andréia Carrer Carvalho declara para essa pesquisa que os hinos:

> São o trilho da corrente, eles são aquilo que junta a corrente. Então quando todos nós estamos firmados em pensamento, na comunhão de pensamento,nas palavras daquele hino, cantando, ouvindo, meditando, levando para o coração. Agente está em comunhão de pensamento com as palavras daquele hino, é como um mantra ele nos foca e portanto ele nos liga, ele nos une. E onde a corrente está firmada a energia passa, aonde ela está rompida a energia não pode circular. [...] Porque você entra na corrente, aí você recebe aquela energia que todo mundo ali tá emanando, na linguagem simples do povo da floresta, recebidos do astral, os hinos, na linguagem dos kardecistas psicografados, não importa. O que importa é que realmente são mensagens vindas mesmo do astral, são presentes pra gente que nos ajudam a compreender, que nos embalam nessa corrente. É maravilhoso ter essa possibilidade de fazer parte de uma doutrina cantada.

Identificamos na fala da entrevistada, um sentimento de unidade trazido pelos hinos. No Santo Daime, a viagem estática e corporal é produzida pelo coletivo daimista bailando e catando em uníssono – "um corpo sonoro-motor coletivo" (FERREIRA, 2007) – como uma grande banda militar espiritual. Aqui os instrumentos musicais são extensão do corpo humano – há uma profunda relação entre o tempo musical e o tempo corporal -, e o corpo passa a ser também um instrumento musical (LABATE e PACHECO, 2009, p.83).

Pedimos em entrevista concedida por Alex Polari de Alverga que descrevesse o ritual, os elementos simbólicos, como se entende a experiência religiosa no Santo Daime, e como esses elementos levam ao êxtase, a integração com o divino. Para essa questão ele narra:

> É o fundamento da doutrina é simples, tem vários rituais, agora a base mesmo, O Mestre Irineu começou com o trabalho de concentração e a coisa foi evoluindo, pelas orientações que ele recebia da Rainha da Floresta, da Virgem da Conceição, segundo ele. E então aquilo ali funciona, principalmente o salão quando é o baile, a mesa, a corrente, os hinos, a música, o maracá. Cada coisa ali faz parte que aquilo ali seja aquela realidade ali do salão se transfigure e se impregne de muitos outros sentidos, que aí a própria miração, a própria força, que tem a força tem a miração. Dentro da força do Daime, dentro da Luz aquilo ali alcança alturas que não dá pra falar, descrever em palavras. E a partir que agente abra o nosso espírito e nossa consciência ali pra o que acontece, então vem os ensinamentos, vem as curas, as passagens difíceis de aprendizado, que precisam ser ultrapassadas e tudo mais. O simbolismo existe ali dentro dos valores, das coisas que são compartilhadas dentro da irmandade. Tem a questão da energia da corrente das mulheres, dos homens, das virgens, dos jovens tem toda uma coisa ali. Ritual é ritual tem muita gente se enrola também muito com isso, ou fica muito preso a isso, ou não entende ou não consegui entrar. Ritual é ritual. É uma maneira de você fazer o trabalho dentro do que a tradição segura ali pra você, garante ali pra você um contexto, um seting seguro pra você trabalhar.E por aí vai cada trabalho tem sua ritualística, tem seus ´´preceitos", tem-se o feitio a outra coisa também muito importante dentro da doutrina. Uma verdadeira alquimia sagrada também ali que você tá trabalhando e dando um esforço de energia espiritual e física também, pra depois você poder dizer dai-me, receber de volta aquilo na forma, quando você participa do feitio, tomar o daime que você fez também ali você tá num processo muito forte de construção interior.

Os hinos tem uma relação direta com o ritual do Santo Daime segundo os depoimentos acima citados. Existem hinos para as mais variadas situações vivenciadas na espiritualidade e ritos de passagem. Há hinos específicos para rituais de concentração, de cura, de despacho ou para a hora de tomar o daime, hinos de defumação, casamento, batizado, nascimento, morte, hinos festivos, de aniversário ou mesmo para uma situação de vida particular de um adepto ou grupo e, ainda, as chamadas, da força ou de entidades do panteão daimista. A tradição de hinos, no Santo Daime, foi inaugurada pelo fundador Raimundo Irineu Serra, que recebeu o primeiro hino dessa religião chamado Lua Branca, o mesmo que abre o seu hinário "O Cruzeiro":

Deus te Salve oh! Lua Branca
Da luz tão prateada
Tu sois minha protetora

De Deus tu sois estimada

Oh! Mãe Divina do coração
Lá nas alturas onde estás
Minha Mãe, lá no céu
Dai-me o perdão

Das flores do meu país
Tu sois a mais delicada
De todo o meu coração
Tu sois de Deus estimada

Oh! Mãe Divina do coração ...

Tu sois a flor mais bela
Aonde Deus pôs a mão
Tu sois minha advogada
Oh! Virgem da Conceição

Oh! Mãe Divina do coração ...

Estrela do Universo
Que me parece um jardim
Assim como sois brilhante
Quero que brilhes a mim

Oh! Mãe Divina do coração ...

a) Hinos e Ritos

Os hinos e os rituais no Santo Daime, podemos dizer, que compõem um mesmo espaço neste universo, haja vista essa religião ser tomada como uma doutrina musical, logo que seus rituais ou trabalhos são quase totalmente preenchidos pelos hinos. A música tem importante função na estruturação da experiência religiosa, e relação íntima com a produção de visões, de emoções, de curas e de contato com seres invisíveis, além de uma dimensão de uma fruição estética (LABATE e PACHECO, 2009, p. 72)

No hinário "O Cruzeiro", de Mestre Irineu, está as primeiras instruções, bases da formação da "Doutrina do Cipó". O primeiro trabalho instituído por Mestre Irineu foi a concentração: onde são feitas orações herdadas do catolicismo e do esoterismo europeu, os adeptos "meditavam na força do Daime" e cantavam hinos; no começo, eram poucos e, por isso era repetidos várias vezes. O bailado só foi inserido pelo fundador posteriormente, assim como, outros marcos rituais, como o maracá[89]. Desde então, a execução dos hinos é elemento central no ritual e devem ser entoados da forma que foram revelados ou recebidos, conservando inclusive características das variações linguísticas caboclas passadas inicialmente de forma oral. Sobre o fenômeno de recepção de hinos vejamos o que afirmam Labate e Pacheco:

> O processo de criação dos hinos não envolve "composição" no sentido que normalmente é atribuído a esta palavra pela musicologia ocidental, ou seja, como expressão da habilidade criadora de um ou mais indivíduos. Diz-se que os hinos são recebidos, isto é, são mensagens/revelações que emanam de entidades espirituais do Astral e são captadas (*ou filtradas*) pelo indivíduo. O recebimento de hinos é encarado como um fenômeno estritamente mediúnico (embora, vale destacar, essa palavra não seja necessariamente empregada para descrever o fenômeno). (LABATE e PACHECO, 2009, p. 37)

Somente a partir do processo de expansão, (década de 80) com a chegada de seguidores das cidades e em atendimento ao grande crescimento no número de pessoas que precisavam ter acesso aos hinos, foram produzidos os primeiros cadernos de hinários. Lúcio Mortimer foi o responsável por essa importante tarefa, assumindo um papel de registrar a memória do "Padrinho e seu povo", escrevendo diversos livros narrando a formação da doutrina desde o Mestre, seus acontecimentos históricos e a vida cotidiana. Ele foi um dos primeiros a chegar das cidades, representa bem a geração de buscadores que encontraram e difundiram o Santo Daime. Escreveu os ritos de casamentos e batizados e foi peça chave na inserção de novos conhecimentos e sua transmissão.

Do posto de vista rítmico, os hinos podem ser de três tipos: "marcha" (em compasso quaternário), "valsa" (compasso ternário) e "mazurca" (compasso binário composto). A cada ritmo corresponde um tipo de bailado diferente. Alguns poucos hinos misturam dois ritmos e consequentemente dois bailados (LABATE e PACHECO, 2009, p.38). A relação entre hinos, rituais e a vida dos seguidores é tão clara que existem hinos a

[89] Maracá é usado também em outras religiões. É um instrumento de percussão, que dá o ritmo, pode ser produzido com diferentes materiais: metal, cabaças ou sementes.

serem cantados em determinadas situações e em rituais específicos, . A exemplo de ritos de passagem como: nascimento; batizado; fardamento, onde se formaliza perante a comunidade religiosa a adesão oficial enquanto seguidor da religião, através do uso da farda, daí o nome fardamento, que conta com a estrela no peito, símbolo que identifica os daimistas; casamento; morte - os daimistas chamam o morrer de "fazer a passagem" ou "viagem", categorias transmitidas nos hinos, viagem que realizam com as vestes rituais, ou seja, vestem o corpo com a farda. Entre outros tipos de trabalhos (figuras 10, 11, 12 e 13) são realizados: concentração, onde alternam música e silêncio - meditação; cura ou trabalho de estrela; missa (dedicado aos antepassados, desencarnados e doentes), mesa branca (desenvolvimento mediúnico) e hinários. Os trabalhos chamados hinários são geralmente bailados em dias festivos onde usam a farda branca (oficial): festivais juninos, festas natalinas, dia dos pais das mães, e em datas específicas ligadas a vida dos pioneiros, e mesmo comemorações locais. Também há dias específicos onde se bailam com a farda azul: semana santa e dia de finados. A seguir imagens dos rituais de batizados, casamento, trabalho bailado, trabalho de estrela e fardamento respectivamente:

Figura 46: Batizado[90] (o oficiante de rituais molha a cabeça da criança com água e encosta algodão embebido em Daime, e depois sal na boca da criança, na sequencia da leitura do rito. No final canta-se um hino do Padrinho Sebastião)

[90] Da esquerda para a direita: Sebastião e Lays Vasconcelos (pais da criança), Anna Silvia (madrinha) com Ana Júlia no colo, Dávila Andrade e Fábio Nascimento (padrinhos).

Figura 47: Cerimônia de casamento[91].

Figura 48: Hinário ou bailado– Trabalho Festivo (Céu da Campina)

[91] Larissa Lira (noiva), Patrícia Lourenço (madrinha) e Walfran (noivo).

Figura 49: Trabalho de cura no Céu da Campina (usando a farda azul).[92]

Figura 50: Cerimônia de fardamento[93]

Outra categoria de trabalho é o feitio; momento do preparo o Daime. O feitio pode durar vários dias, dependendo da quantidade da bebida que se quer produzir. Inicia-se o ritual[94], com a colheita das plantas sagradas, o cipó *baninteriopsis caapi,* o jagube *e* folha Rainha*, psychotria viridis.* Os homens colhem o jagube e as mulheres colhem as folhas, estas responsáveis no caso das folhas pela limpeza, e aqueles pela

[92] O formato ritual na foto pode ser observado em trabalhos de cura, concentração, mesa branca e missa (sem instrumentos).
[93] Fardamento de Listênio Nóbrega, "recebendo a estrela" de Rômulo Azevedo.
[94] A descrição segue o alcance da observação participante.

preparação do jagube, e bateção[95] que é uma atividade dos homens. Também é providenciada lenha para acender o fogo da fornalha; toda estrutura do espaço funciona a dar suporte a esse trabalho. Este é um momento onde a irmandade pode vivenciar a vida comunitária. Aqui, na Paraíba, das igrejas pesquisadas, apenas, o Céu da Campina promove feitios, em média dois por ano. Lá, pudemos observar a dinâmica do grupo nesses trabalhos: a preparação; envolvendo organização e limpeza dos espaços internos e externos do sítio, contando com a força de trabalho de homens e mulheres; a manutenção da estrutura durante os dias de feitio e o funcionamento da cozinha; que se transforma num espaço comunitário, sendo as mulheres, na maioria das vezes, responsáveis por essas tarefas.

Durante o feitio, são realizados trabalhos como os da boca fornalha e no caso do Céu da Campina, campo onde observamos as descrições, no feitio realizado durante o carnaval, é feito um trabalho na igreja para a recepção de visitantes do Encontro da Nova Consciência. No feitio tradicionalmente realizado no mês de outubro comemora-se o aniversário da igreja cantando e bailando o hinário do patrono da casa, Alex Polari de Alverga. Também são realizados trabalhos femininos, onde somente mulheres e crianças participam, podendo ter a participação de algum homem, apenas quando, é músico convidado. Neste momento são cantados hinários das matriarcas e hinos em exaltação ao sagrado feminino e a força das mulheres na doutrina.

Nos trabalhos de "Boca da fornalha", chamados assim pela proximidade onde está sendo produzido ou "apurado" o Daime, usando uma definição nativa, são cantados hinos que evocam a força do Daime, como: "Eu chamo a força do cipó/ Da folha a luz da miração/ Da água a pureza divina/Do fogo toda apuração/O Daime ferve no caldeirão/ Borbulha a força do seu poder/ A miração vem se aproximando/ Pra mostrar para quem quer ver/Poder de Deus que se manifesta/ Agora aqui vai se revelar/ O grande segredo da floresta/ Do sol, da lua, do vento e do mar [...]"; do hinário "O signo do teu estudo" de Francisco Corrente.

[95] Observamos o também uso de máquina (forrageira) na maceração do cipó quando necessário para a produção em grade escala. Tem-se notícia dessa nova prática, do auxílio da tecnologia em outras igrejas

Figura 51 - Colheita de folhas para feitio do Daime no Céu da Campina[96].

Figura 52- Cipó Jagube, para fazer o Daime.

[96] Colhedoras de folha: Anna Silvia, Angelina e Cleide.

Figura 53 - Bateção do cipó jagube durante feitio do daime no Céu da Campina.

Figura 54- Feitor[97] (Kallio Gibran). cozinhando o Daime

[97] Responsável por cozinhar o Daime.

Figura 55- Feitio de Santo Daime: momento em que a bebida fica pronta

A categoria "hinário", como podemos perceber, é também usada para definir um conjunto de hinos e quando se diz oficial significa que é de um Padrinho, Madrinha, dirigente de igreja ou comandantes. Tanto no CEFLURIS como no Alto Santo, em tese, todos podem receber hinos, pois não há classificação que indique que um membro receba hinos, podem receber hinos ou não. No CEFLURIS há uma liberdade maior, no Alto Santo essa recepção é mais normatizada, mas nos dois casos há uma ênfase maior como mensagens ou instruções a nível doutrinário, os hinários oficiais dos Padrinhos e Madrinhas. Em consequente do número de adeptos, o CEFLURIS tem uma maior, quantidade, mesmo "incalculável" de hinos e hinários[98]. No Alto Santo, além de o número de adeptos ser menor, por suas igrejas estarem localizadas em grande parte no Acre, por preferência e valores próprios, o número de hinos e hinários é menor. Na obra "Busca do Graal Brasileiro", Bolsanello (1995) esclarece:

[98] O que pode ser observado nos espaços de relacionamentos dos daimistas, inclusive nas redes sociais, que funcionam como meio de "publicação desses hinos". Sobre esse tema trataremos detidamente a frente na "Etnografia".

> O hinário é um conjunto de hinos recebidos do astral por um padrinho ou fardado, onde está registrado o conteúdo doutrinário do Santo Daime (...). O hino é recepcionado completamente pronto por um indivíduo: letra e música são ditados do astral. Há mesmo um respeito pelos erros gramaticais que possam apresentar eventualmente. Um hino pode manifestar-se sob forma de intuição ou como um texto que o receptor lê mentalmente ou ainda pode ser "ouvido". O hino pode ser oferecido a alguém, para quem leva uma mensagem. Um hino recebido durante um rito pode ser cantado ao fim deste, perante todas as pessoas, após a permissão do Padrinho.(...) O hino é o veículo de ligação com o astral, ele religa aquele que o canta com quem o enviou e com aquele que o recebeu.(BOLSANELLO, 1995, p.167)

Os hinários apresentam características biográficas do "dono ou dona" [99]: refletem passagens espirituais instrutivas em momentos que podem ser de alegria ou sofrimento, mensagens, ou mesmo um misto de sentidos e sentimentos culminados num êxtase. Essas mensagens revelam e marcam uma demanda "astral"[100] de ou para quem recebe da comunidade local ou mesmo da doutrina em geral. Os hinos trazem ensinos, são liturgias que fundamentam, como exemplificado acima, as alianças com as plantas sagradas, que neste contexto, são plantas litúrgicas.

O conhecimento contido nos hinos oferece rico material para pesquisa e compreensão dos fundamentos culturais nas tradições do povo aqui pesquisado. No entanto, para a História da Religião, não somente textos em forma oral ou escrita são consideras fontes para uma pesquisa. Segundo Hock (2000)

> a ampla gama da criação cultural – música, arte, toda a cultura material em cujo âmbito se move uma comunidade religiosa, até odores!- oferece um acervo rico, até transbordante de fontes histórico-religiosas, sejam elas visíveis ou invisíveis. [...] No entanto, pertencem a esse tipo de fontes histórico-religiosas não verbais não somente obras especialmente preciosas ou sofisticadas em termos artísticos e estéticos, mas também objetos "simples", por assim dizer, objetos religiosos de uso cotidiano: varinhas para oráculo, tambores de xamãs, cálices de santa ceia e etc. [...] Visíveis mas não materiais são atos ou movimentos (dança!) como fontes histórico-religiosas (HOCK, 2010, p. 47)

No Santo Daime, as influências culturais estão nos instrumentos musicais e ritmos, englobando neste ponto o canto e a dança, e um instrumento indispensável nos rituais: o maracá; instrumento central na composição da plasticidade característica na musicalidade

[99] Categoria nativa para se referir a quem recebeu o hino. Até nos "vivas" são pronunciados assim: "viva o(a) dono(a) do hino" ou "viva a(o) dona(o) do hinário".
[100] Demandas espirituais energéticas; mensagens espirituais.

deste culto. O ato de tocar o maracá, assim como descrito por Eliade em "*O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*" (2002), obra primordial para este estudo, onde afirma: o tambor desempenha papel de primeira ordem nas cerimônias xamânicas. Seu simbolismo é complexo, suas funções mágicas são múltiplas. É indispensável ao desenrolar da sessão. O maracá desempenha papel semelhante nas sessões do Santo Daime. O uso dos instrumentos, são evocados nos hinos: "E o som da guitarra é quem vai me acompanhando"[101]; "Aqui eu toco meu tambor e nas matas eu rufo caixa"[102]; Quem é velho volta novo/Preto-velho sanfoneiro"[103]; "Vou martelar meu maracá/ Até tu levantar do chão"[104]; assim como o canto é comparado ao canto dos pássaros, " Viva São Pedro e São Paulo/ Que eles já trouxeram a solução/ Canta passarada com alegria/ Canta com amor no coração"[105]. A musicalidade dos instrumentos e a relação com o ritual e a experiência religiosa é descrita a seguir:

> No Santo Daime a viagem estática e corporal é produzida pelo coletivo daimista bailando e catando em uníssono – " um corpo sonoro-motor coletivo" (Ferreira 2007) – como uma grande banda militar espiritual. Aqui os instrumentos musicais são extensão do corpo humano – há uma profunda relação entre o tempo musical e o tempo corporal -, e o corpo passa a ser também um instrumento musical. (LABATE e PACHECO, 2009, p.83)

Essas técnicas de trabalhos musicais, o uso de instrumentos, canto, e dança, executadas harmonicamente, são canal de conexão com o sagrado ou ligação com o divino está manifestada nos ritos inspirados pela Ayahuasca, face da espiritualidade inspirada pela bebida sagrada. O Daime, como é chamado em alusão ao pedido: "daime luz, daime paz, daime amor, daime força", também ele mesmo é tido como um Ser Divino[106], revelado nos hinários que formam a liturgia dessa Doutrina. Os hinos e os cânticos de outras tradições ayahuasqueiras, e o uso de instrumentos específicos desses ritos, fazem parte das técnicas do êxtase, são bússolas, que orientam, caminhos seguros a seguir. A intenção é que eles guiem os passos do viajante ao acessar outras dimensões ou estados alterados de percepção. Existem aí a relação entre os cantos, as visões e os ensinamentos.

---

[101] Verso do hino 30 - Todos são filhos de Deus, do hinário " O Justiceiro" de Sebastião Mota de Melo.
[102] Verso do hino 100 - Eu sou filho da terra, hinário "Lua Branca", de Mestre Raimundo Irineu Serra.
[103] Verso do hino 9 - Preto velho sanfoneiro, do hinário " Chaveirão" de Glauco Villas Boas (1955-2010)
[104] Verso do hino 14 - Maracá, hinário "Chaveirinho", de GlaucoVillas Boas.
[105] Verso do hino 8 - Passarada, hinário "Chaveirão", de Glauco Villas Boas.
[106] Tratamos essas questões de experiências com o sagrado, e representações do Daime no item 4.9.

O Santo Daime – CEFLURIS ou a linha do Padrinho Sebastião, vive agora um tempo *kairós* chamado "nova dimensão" (nome dado também ao novo hinário de Alfredo Gregório de Melo), pós "Nova Era" (hinário anterior). Podemos afirmar que nos hinos estão as *notícias da última hora do astral*, resgatando antigos ensinamentos, e dando acesso aos seguidores a outros degraus espirituais, podendo influenciar em novas práticas, e mesmo, transfigurar antigas crenças. Interessante notar que um dos mais novos de Nonata Gregório de Melo, filha de padrinho Sebastião e madrinha Rita; podem ser observadas mensagens, como expressas nos versos: "Quando eu chegava a sua casa eu já estava irradiado/com meus guias curadores aqui estou de volta/ Com bezerra de Menezes/ E o professor Antônio Jorge"; ratificando as orientações de seu irmão, o comandante mundial da doutrina Alfredo Gregório de Melo, registrado em material audiovisual que circula livremente na internet chamado "Sol, Lua, Estrela[107], nele, ele atenta para a crença ou resgate das crenças em seres de luz que realizam curas de doenças e cirurgias espirituais. A nosso ver reporta ao mito de iniciação de Sebastião Mota, que envolve esses fenômenos como já mostramos acima. Por via dos hinos observamos está presente no Santo Daime a concepção espírita Kardecista de Reencarnação e evolução, e Hindu de Karma e Dharma, assim como a crença no poder curativo, purificador e restaurador do corpo e da alma, por meio das plantas de poder, chamadas neste contexto, plantas professoras ou/e medicinas sagradas da Floresta.

O conjunto de crenças e práticas abrigados nas religiões ayahuasqueiras atuam como veículo de importação cultural brasileira. No processo de expansão para o exterior, carregam, seja na lingua nativa, nas práticas vegetalistas e, principalmente, na musicalidade, *tons brasilis* entoados nos hinos e na dança (especificamente no caso do Santo Daime) em ritmos que referenciam desde o Brasil rural e que hoje apresentam sofisticada musicalidade e, ainda, com a sonoridade vibrante de cada região onde está inserido. Esses aspectos estão ainda montados num cenário onde as referências à brasilidade não são sutis, o melhor exemplo pode ser mesmo a bandeira nacional, adorno tradicional juntamente com a bandeira do Santo Daime. (Figuras 19 e 20)

[107] Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=E7URsgVJKds.

Figura 56 – Detalhe do interior da igreja mostrando a bandeira do Brasil ao lado da bandeira do Santo Daime, e a típica decoração com bandeirinhas

O verde bandeira (verde das matas, da floresta), o azul (marinho) e o branco estão também nas fardas e o amarelo fica por conta das flores, e dos detalhes do amarelo ouro que, junto aos tons de prata, dão brilho especial nas estrelas, sejam as usadas como distintivos no peito, sejam na decoração que também é um traço bem característico das festas religiosas populares, como as bandeirinhas e balões no teto nos festivais juninos.

Figura 5 - Interior da igreja Céu da Campina: em primeiro plano o lema, Harmonia Amor, Verdade e Justiça; os estandartes com os São Pedro, São João e Santo Antônio e ao fundo Imagens de Sebastião Mota ao Lado de Rita Gregório, Mestre Irineu e no centro Jesus.

4.7 Cura: compreensões e testemunhos

A cura é um tema recorrente quando se fala da doutrina do Santo Daime, tendo em vista estar registrada em seus hinos a utilização ritual da ayahuasca, que deste os usos não institucionalmente religiosos, desde sempre sagrados tem ao seu uso evocado a cura de males físicos e da alma. Esse tema, nos depoimentos coletados, assumem variadas interpretações, devido as diferentes concepções doutrinárias influenciadas pela formação pessoal de cada depoente.

Vejamos os depoimentos sobre concepções e testemunhos de cura coletados em entrevistas para essa pesquisa. iniciemos com o relato de Rômulo Azevedo:

> Olha, minha concepção, pra mim tá explícito em um hino do Padrinho Sebastião, ele diz o seguinte: "Jesus Cristo cura quem merecer". E o Padrinho Alfredo também reforça num outro hino, naquele "hinário Nova Era", segundo hinário dele, ele diz: "que a cura é de quem merecer, se bem merecer". Então eu acho que em primeiro lugar, tá o merecimento daquela pessoa, tem a questão que o Padrinho Sebastião fala da sentença cármica, quer dizer, se for uma doença que é sentença cármica, não tem cura, porque o aparelho precisa passar por aquela experiência, nem remédio da medicina convencional vai curar, nem Santo Daime vai curar. O que o Santo Daime pode fazer num caso desse é dar um conforto, uma compreensão pra pessoa porque ela está passando por aquela doença. Vamos supor um câncer, uma coisa mais grave, você vai ter esse entendimento espiritual porque você está passando por aquilo, mas a cura material não, você precisa passar por aquilo. É cármico, tá na sua história, no seu destino então. De sorte que eu não gosto muito de dizer assim que é uma casa de cura, porque pode passar a ideia de medicina alternativa que não é. A ideia de que tá mandando as pessoas, não precisa ir pra médico, basta tomar daime, não, não, precisa ir pra médico, precisa tomar antibiótico, precisa tomar remédios naturais que existem. Agora os processos de cura espiritual, daime tem uma grande atuação e se a pessoa tiver merecimento na matéria também terá, não tenho a menor dúvida, a sua cura.[...] A gente tem presenciado questões assim, alcoolismo, é uma doença, então, já vi casos de pessoas que eram dependentes violentamente do álcool, que depois que conheceram o daime, com o andamento, eles foram se livrando desse mal. Então nesse ponto, posso dizer que já vi algumas curas nessa área, graças ao daime.

Nessa concepção, a aquisição e a cura de males ou doenças está ligado a um processo cármico de ação e reação. E o benefício da cura está estabelecido numa relação de merecimento e perseverança na doutrina, e a compreensão da história pessoal. A questão da superação da dependência do alcoolismo, citados acima, a existência de males materiais, e a necessidade do tratamento médico convencional é testemunhado em alguns dos depoimentos seguintes. Sobre o tema em questão, Marconi Soares Costa explica**:**

> Cura, ela vai desde uma cura mesmo física de doença, até uma cura mais ... em um campo maior assim tipo uma cura espiritual mesmo, entendeu? Uma cura, cura psicológica, emocional, o Daime cura tudo isso. Claro que não vai sair curando todo mundo assim, não é prometer a cura, depende também. [...] O Daime, como eu te falei, ele é um norte assim, então o dia-a-dia a gente procura ser correto, trabalhar, fazer a coisa certa, voltado pra família, não bebo, não fumo, não me drogo. Antes do Daime eu me drogava, bebia, fumava, eu tinha tendência pra esse tipo de coisa, entendeu? O álcool, logo cedo eu ... 12 anos eu já me embriaguei, quase viro alcoólatra, então o Daime me tirou de tudo isso. [...] O Daime realmente assim, vai te purificando, vai te conscientizando, não é uma coisa que você vira fanático, ah! não vou mais pra festa, não vou mais beber, não. É um processo natural assim que você vê que certas coisas não lhe fazem bem e outras coisas te fazem bem, e você vai mudando, naturalmente. E álcool e Daime são incompatíveis, tem uma dieta que a gente toma, três dias antes e três dias depois não pode tomar bebida alcoólica porque é meio que incompatível, se você tomar álcool e tomar o Daime você passa bastante mal, o organismo fica... não é legal.

A interpretação apresentada demonstra a fé no poder de cura da bebida sagrada através da harmonização do indivíduo e da compreensão dos processos pessoais. Ainda relata a recomendação existente no culto, determinada pelo fundador Raimundo Irineu Serra, de se abster de bebidas alcoólicas três dias antes e três dias depois dos trabalhos; como esclarecido no depoimento, por não ser compatível com o Daime, e completamos aqui, nem químicamente, nem socialmente. Nas pesquisas em campo, observamos que essa recomendação nem sempre é seguida, e em alguns casos é verdadeiramente ignorada, e os danos aos quais o indivíduo arca por essa "desobediência" ao preceito ético, que envolve inclusive a conservação da saúde, são observados a vistas claras na postura ritual e relacionamento no grupo. Ronaldo Porfírio da Silva narra sobre o tema:

> Como o Daime é uma coisa muito pessoal muito sua, eu posso dizer que o Daime me curou espiritualmente e materialmente, ainda me

> cura. Tenho muitas doenças pra serem curadas ainda. Mas dentre elas eu posso falar o alcoolismo, que eu abandonei hoje em dia eu não bebo mais. Posso falar do fumo do cigarro, sei que tem muitos irmãos que fumam até dentro doutrina e tal. Mas pra mim era uma coisa prejudicava muito, e dentro de uma sessão do Santo Daime eu recebi uma cura espiritual e depois desse dia recebi forças, pedi forças para o abandono desse vício que tava me prejudicando a minha matéria e consegui através do Santo Daime a cura material, a cura pessoal minha no sentido de visionar outras coisas, outras possibilidades em minha vida que o Daime me proporciona e vamos dizer assim, posso dizer que me mostra de uma forma íntima dentro do meu ser me apontando onde é que eu tenho que melhorar, onde é que eu não tenho. Então eu faço o Daime meu professor, eu me guio por ele e recebo essa cura e cura dos irmãos de luz. Não só a cura material, mas a cura espiritual também, desenvolvimento mediúnico, um entendimento do porquê de estarmos nesse mundo, de nos conhecermos a si próprios. De a gente reconhecer nossas falhas e nossos erros. Porque o Daime quando eu tomei a primeira vez, lá o centro também, a revelação maior foi eu me ver. Eu me ver e estou vendo aquela imagem sabendo que sou eu, eu sou assim, e isso é uma coisa muito difícil, você ter que se reconhecer, os seus erros na sua frente, sem ter intermediários e você reconhecer. É por isso que, eu acho, que muita gente corre, porque quando vai ver você mesmo, você não quer saber quem é você mesmo, porque quando se vê, olha pra dentro de si mesmo o choque é grande. Pra mim foi assim, mas o Daime sempre me segurou, teve muitas passagens de eu não querer e o Daime sempre me segurar me mostrando que esse era o caminho. E eu acredito que pra mim só trouxe curas e bênçãos na minha vida, pra mim e da minha família.

Aqui, observamos o papel central do autoconhecimento como caminho na busca constante de saúde e bem estar. A entrevista relata a superação de vícios muito comuns em nossa sociedade, como o álcool e o cigarro, comuns tanto como seus efeitos, a curto e longo prazo. Para o depoente, o abandono de vícios, a cura desses males, figura como medida de desenvolvimento pessoal e espiritual. Ainda trás a questão da mediunidade nos processos de cura, tema presente na cosmologia e praticas dessa religião. Refletindo a cerca do tema em foco, Francisco Antônio de Vieira da Nóbrega considera:

> É um assunto tão profundo, não é? Mas a minha concepção de cura, veja só, eu acho que cada um dentro dessa caminhada do Daime, pelo fato de estar tantos anos no Daime, recebeu alguma cura, recebeu algum benefício que modificou a sua vida. Seja em qual grau for, tem uns que recebem uma grande cura, a pessoa, por exemplo, se livra de um vício que a atormentava, de uma possessão demoníaca que tava na sua cabeça, você se livra daquilo. Pode ser uma cura menor que a pessoa possa receber ali, mas todo mundo eu creio recebe alguma cura nessa caminhada. Então eu acho que o "ser curado" talvez reflita um bem estar, uma realização pessoal, existencial, espiritual, dentro daquele seguimento que você professa. Um dos modos de expressão

> de cura nessa doutrina é que nós lidamos com o cosmos, nós lidamos com a organização. Nós temos ali o "Santo Cruzeiro" no centro, ao redor tem as filas, então, tudo que se desenrola, todo ritual do Daime é pra levar a ordem, é pra conduzir a ordem. Por isso que nós nos fardamos iguais, por isso que nós em tese somos iguais no salão, não tem ninguém maior do que outro. Por isso que no salão convém tocarmos o maracá em harmonia, ninguém precisa tocar maracá mais alto do que o outro, por isso ou por aquilo, tocar em harmonia. Então eu acho que todos esses elementos podem nos conduzir a estados de reais de cura. Mas o que eu acho mais forte também como manifestação de cura dessa doutrina eu creio, seja a manifestação do sentimento religioso que nós temos. A manifestação do sentimento religioso que é nato no ser humano. Todo mundo, assim como precisa de beber água, a maioria tema necessidade de vida conjugal, as pessoas muitas tem a necessidade de ser pai, de ser mãe, por natureza nós temos um instinto pela religião, nato, como disse o Mestre Yung, que fala dessas coisas com tanta propriedade. Então na medida que vem um grupo de pessoas pra cá advindas de diversos atrapalhos de vida, de certos desacertos de vida, desarmonia com a família, desarmonia consigo, ameaça de drogas, ameaça de crises de depressão. E as igrejas do Daime tem essa particularidade, as igrejas urbanas do Daime, elas atraem muito esses problemas urbanos em geral. Então se essas pessoas vem aqui pra esse salão do nosso Daime, e se elas se encontram consigo, se ela se encontra, se ela tem um religare com Deus aqui através dos nossos cânticos, quer dizer, aqueles cânticos deu sentido a vida daquela pessoa. Aquela pessoa vê sentido em sentir a sua pertença a um grupo maior, a uma comunidade, a um círculo de pessoas que estão dançando em torno daquela estrela.Então eu acho que se essa pessoa venceu a depressão, venceu o alcoolismo, venceu um problema de ordem familiar, não se harmonizava com o pai, não se harmonizava com a mãe, acontecem casos assim não são poucos. Então eu acho que isso é manifestação, manifestação de cura aqui neste salão. E outra coisa também, principalmente pros homens, eu vejo uma coisa muito forte que como a doutrina é Mariana, com o Daime é uma revelação da Virgem Maria ao Mestre Raimundo Irineu Serra no coração da Floresta Amazônica do Brasil, da Amazônia ocidental. Então como a doutrina, a Virgem Maria tá ali, servindo de intermédio com o Mestre Irineu para nos dar esse replantio das santas doutrinas cristãs aqui no coração da América do Sul, isso ajuda muito a nós homens, uma doutrina mariana. Porque os cânticos falam muito na Virgem Maria, os cânticos falam muito no exercício do amor, os cânticos falam muito no exercício do acolhimento, os cânticos falam muito no exercício da piedade, os cânticos falam muito no amor a natureza, as forças do sol a lua, as estrelas. Os cânticos falam tudo que sejam de atributo da Virgem Mãe, da Virgem Soberana, os hinos encerram. Então é isso que eu vejo como valor do Daime eu acho que é pouco. É pouco do que eu disse. Porque no Daime por mais que gaste palavras tentando explicar, tentando entender isso e aquilo, o ideal é a gente tomar o Daime e cantar os hinos e ver que ensinos são esses.

Essa narrativa trás a concepção da cura ligada a harmonização a organização cosmológica, transfigurada no formato ritual assumido no Santo Daime. Descreve

detalhadamente esse cenário, palco para os encontros mais profundos com o Eu Superior e o Eu Inferior, as faces negativas e positivas, trabalhadas e harmonizadas por via da sabedoria ancestral de diferentes tradições sagradas reunidas por Raimundo Irineu Serra e reafirmadas, renovadas e expandidas por Sebastião Mota de Melo e seus seguidores. Ainda identifica o fenômeno da cura e do desfrutar da saúde nas relações, sejam na comunidade religiosa, na família e/ou em outros espaços sociais. Pollyana Matias de Figueiredo Castro, em seu relato, apresenta suas considerações:

> Curas no Santo Daime acontecem muitas, assim, de pessoas que, eu já testemunhei muitos assim relatos, pessoas, testemunhos, pessoas que contaram o que vivenciaram. Uma cura mesmo assim física a gente recebe porque quando a gente chega na floresta parece assim que lhe desarrumam, lhe desarrumam botam assim de cabeça pra baixo, assim balança, cai tudo no chão e começa a formar uma nova pessoa sabe. Tudo novinho, tudo bonitinho, tudo direitinho. Eu acho muito importante assim pra todos que entra nessa doutrina, ir lá, eu digo assim: é a Meca, é a fonte, é o néctar, é o mel. É onde está lá, é na floresta que a gente vai, é muito importante pra caminhada da gente chegar lá. Pra receber esta cura que é de você se reorganizar como pessoa sabe, totalmente, volta uma outra pessoa, você jamais será a mesma, essa é a primeira grande cura, eu acho, que acontece. Mas aí tem muitas pessoas assim, que se curam mesmo, trocam até de órgãos, aparelhos, "trocam tudinho", tira estômago, bota novo, troca tudo. Gente que se curou de câncer, gente que se curou. Mas assim, no caminhar da doutrina a gente vai se curando, porque a vida toda é longa, a história é longa, e a gente não se afina de uma vez por todas, a gente vai se afinando. Conforme, vai caminhando na doutrina conforme a dedicação de cada um, conforme seus esforços. Aí você vai recebendo também as curas, a saúde primeiramente e o encaminhamento mesmo assim pra vida.

Esse depoimento apresenta relato de curas e dá voz a visão presente entre os daimistas da concepção, com relação ao local sede da doutrina, a vila Céu do Mapiá, no estado do Amazonas, instalada em plena floresta amazônica, como um local sagrado de peregrinação. Também, em sua narrativa, encontramos memórias que ligam a momentos míticos da doutrina, como a chegada do Padrinho Sebastião e seu conhecido relato sobre a experiência de cura que o levou a seguir Mestre Irineu, no qual segundo ele, sob o efeito do Daime quando participava de trabalho com o Mestre fundador, viu seu corpo passar por um processo de cirurgia espiritual com limpezas energéticas. Fenômeno que o livrou de males físicos que há tempos o atormentava. Na biografia do senhor Sebastião, estão presentes os trabalhos mediúnicos de caridade que desenvolvia, faceta que o acompanhou por toda vida e influenciou nas configurações assumidas pelo

culto na tradição continuada por ele. Está presente também a referência e as crenças em mentores e/ou médicos espirituais, e assim como a concepção e a prática ritual da cura através de tratamentos envolvendo processos mediúnicos. Na tradição de Sebastião Mota há um trabalho específico de /ou para a cura, também chamado trabalho de estrela, devido ao formato da mesa central.

Seguimos com a narrativa de José Francisco R. da Silva Bernardino sobre o tema:

> [...] essa visão terapêutica me dá outras perspectivas de ver aquilo que é doença, como ela se manifesta, o que agente vai chamar também de cura, então tem a visão terapêutica dentro dessa história. Paralela e concomitantemente acontece também o encontro da cura no Daime que também é terapêutico, mas que também é espiritual, que aborda outro ponto dentro deste mesmo tema. Que as terapias complementares também vão abordar, nesse caso a harmonização da energia corpórea, nas suas mais variadas manifestações de harmonia e desarmonia. Então doença no meu ponto de vista é um desequilíbrio da matéria, em algum campo, seja o físico, o mental ou espiritual. Então alterou, alguma coisa não vai bem, por uma compreensão errada, por um hábito pouco avaliado e deletério de alguma forma pro espírito, pra índole ou pro corpo de alguma forma. Ou um acidente, esses acidentes podem ser físicos, mas podem ser emocionais, uma situação que você se colocou e que vai lhe provocar determinadas reações mais emotivas, menos emotivas. Não importa, mesmo que você não as ponha pra fora, isso provoca uma reação interna que vai ter efeito no teu corpo físico e no emocional, então tem todos esses aspectos. Nessas tradições autóctones, essas tradições naturais, você tem algumas etnias falando justamente dessa desarmonia que ele não dá esse nome, essa desarmonia em várias etnias brasileiras, por exemplo, eles vão dá o nome de "panema". É um desanimo, a pessoa fica com desanimo, perde o ímpeto, o que a gente, o branco, vai chamar de processo depressivo. O índio tem isso, chama de outra forma, elevai caçar tem azar, ele fica sem vontade, de ânimo mesmo no corpo, no sentido da palavra, anima, ele não tem, desanima. Então ele vai está falando dessa desarmonia do corpo. Que no caso deles, de algumas etnias, sobretudo dessas etnias mais amazônicas eles tem essa visão mais forte nesse sentido. O mágico como sendo um dos elementos principais, não só o físico, e aí esse físico tem os acidentes que eles vão aí, picada de inseto, é uma planta que comeu que eventualmente tinha alguma carga de veneno ou tinha algum contato com veneno. [...] Então esse foi um estudo que eu desenvolvi durante alguns anos, com alguns contatos que eu tive com algumas etnias, entre elas os Yawanawa do Norte, região do Acre, e aqui os Cariri-Xocó, um pouquinho com os Potiguaras, mas mais os cariri-chocó de Alagoas. E aí tem essa semelhança da forma de visão deles em relação aquilo que é uma doença. Eles ao chamam, não tem esse nome, não tem nada que na língua deles seja doença. Eles creem nessa desarmonia que pode provocada por um acidente físico ou um acidente emocional só que eles não chamam assim, uma tristeza e tal mas, sobretudo esse elemento mágico, esse elemento místico, os

> encantos da própria floresta, forças da natureza que estão pela floresta e também das pessoas que eventualmente os atingem provocando uma desarmonia energética, corpórea e eles vão manifestar isso através do panema. E aí geralmente as curas também envolvem a parte mística. Se recorre ao pajé ao curador da tribo e esse em sonho ou em revelação, só que eles não usam esse nome isso tudo é coisa de brasileiro, de branco eles usam outras determinações, outras denominações. O pajé em contato com esses elementos da natureza, em caminhadas que ele faz no meio da mata ou jornadas que ele faz, também não chamam assim, vai fazer uma caminhada na mata, e as tribos que são signatárias do uso do fumo fazem isso através do tabaco ou misturado com algumas ervas que na maior parte das vezes eles não contam o quê. No caso por exemplo dos cariri-chocó que são signatários do conhecimento da Jurema que é uma planta sagrada aqui do Nordeste, muito abundante, e que da casca da sua raiz se obtém uma bebida que também tem a dimetil tripitamina em concentração considerável, mais forte um pouquinho do tem na Rainha. Então eles são signatários desse conhecimento e utilizam o tabaco. Então, algumas etnias também lá do Norte utilizam o tabaco também, as vezes de forma semelhante outras com pequenas diferenças. Então através desse contato com essas plantas eles entram num ambiente que é o ambiente da floresta onde os encantos começam a se revelar, não necessariamente visualmente, mas, sensorialmente. E através desse contato com esses encantos da floresta é que esse pajé, esse curandeiro tribal recebe por intuição o tratamento desse enfermo, dessa pessoa que tá com panema, que tá desarmonizado. Geralmente através de beberagens, as vezes até alimentação mesmo, ou as vezes disciplina com sexo, alimentação e dormidas e tal, isso acontece em algumas etnias. Então há essa visão diferente, em relação comparativamente ao homem branco, aí nós temos uma parte que já se abre pra curas complementares e a grande maioria alopátas, então são visões completamente diferentes, uma vai ver pura e exclusivamente aquilo que é concreto e descarta aquilo que é abstrato, com alguma certa tolerância, algumas percepções emocionais ou psicológicas.

O depoente considera, a partir da particularidade de sua formação, o termo saúde como "harmonização da energia corpórea, nas suas mais variadas manifestações de harmonia e desarmonia" e a doença "um desequilíbrio da matéria, em algum campo, seja o físico, o mental ou espiritual". Visão que se funde com as concepções anteriores apresentadas aqui. Constatando assim que, na própria estrutura doutrinária da religião, essa compreensão holística e integral do ser está representada, mesmo que em discursos diferentes, em todas as entrevistas a respeito desse tema. Também enriquece esse diálogo trazendo o conceito de "panema", presente em culturas indígenas brasileiras, em analogia ao conceito de doença. Ainda relata práticas de pajelanças desses povos e a relação estabelecida entre esses usos de plantas de sagradas o contato com a natureza e a cura.

Vejamos agora a narrativa de Andréia Carrer Carvalho:

Eu entendo, e quem primeiro me mostrou isso antes de qualquer formação que eu tenha procurado na área de saúde das práticas integrativas, inclusive isso só veio depois. Até isso foi o Santo daime que abriu pra mim esse interesse pela práticas integrativas, porque foi o Santo Daime que me mostrou como o hino diz: "sou luz, expulso a doença e destrincho a causa dela". Que a doença existe até quando você não tá entendendo a sua causa. Na medida em que você decifrou, que você destrinchou, pode ser que até a matéria já tenha se prejudicado de tal forma que ela não consiga, vamos dizer, se recuperar mais. Mas o espírito se iluminou, porque compreendeu, porque entendeu. Entendeu o que foi que te levou a produzir aquilo, aquela doença. Então, na verdade esse processo de saúde e doença que o Santo Daime nos mostra tão claramente que é destrincha do teu jeito. Examina, procura que você vai achar. Aonde foi, quando foi, por isso que quando você toma o Santo Daime a gente diz: é uma viagem. É uma viagem, é pra viajar, mas a viagem é interna, é pra olhar lá pra dentro. Então lá dentro você vai descobrir as respostas, que é: aonde foi que começou, o que foi que eu fiz, o que foi que talvez o externo tenha tido tanto impacto em mim. Sim, mas aonde foi que eu abri a porta pra isso me fragilizar dessa maneira? Então pra mim, esse continua sendo o entendimento de cura que eu tenho, que é despertar o seu eu superior pra despertar a sua consciência. Na medida em que você se conhece e entende quem você é, a cura já aconteceu. Eu vou te dar um exemplo de uma mulher que falou pra mim com câncer, já em situação bem avançada, que ela disse assim pra mim, sabe Andréia ..., a gente fazendo uma consulta de floral, e ela me relatando a experiência dela. Ela dizendo assim, sabe ... eu perguntei pra ela: você sabe quando isso aconteceu? Se lembra quando você tinha saúde... e ela disse assim: foi no período da minha vida em que eu senti mais raiva, que esse câncer apareceu. Depois disso. Então hoje ela já ... a matéria tá bem debilitada tal, mas ela compreendeu e daí pra frente ela transformou, talvez não dê tempo da matéria ainda se recuperar, mas o espírito acordou. Porque ela entendeu que sentimentos negativos, que a raiva, que o ódio, que a falta de amor verdadeiro mesmo por si e pelos outros é o que te adoece. Então na medida em que o Santo Daime aumenta, expande, daime fé, daime amor. Na medida em que ele expande o amor dentro do teu coração, só pode acontecer cura. Só pode acontecer cura. É aprender a amar, essa é a minha grande busca porque é a grande tarefa. Por isso ela é difícil, porque ela é o grande desafio, ela é difícil mesmo, da gente aprender a amar, a amar de verdade, aí a gente cura. Tem um trecho do evangelho que fala: "não há coração endurecido que não amoleça diante do amor". Então por isso, eu vejo isso, no meu entendimento de cura é esse, é esse transformar, esse acordamento do ser para o amor, para se conhecer e entender que você é parte desse amor maior universal, parte do todo, que nós somos uno. E aí eu testemunhei curas milagrosas, maravilhosas [...] Que é isso, é a transformação. E a doença ela é amiga nesse sentido, porque ela é o momento mais oportuno pras grandes transformações. Pra como a gente aprendera lidar com o sofrimento. E com isso a gente se torna mais humilde, a gente se torna mais compassivo, a gente compreende mais a dor do outro, então é necessária porque ela nos humaniza mais. Mas é importante que a gente aprenda e não precise adoecer sempre pra aprender, que a gente

> possa celebrar a saúde. Então eu acredito, porque assim, essa experiência me ensinou na minha vida que eu posso ser saúde, eu posso viver com mais saúde na medida em que eu curo a minha mente, em que eu curo o meu coração, as minhas emoções, os meus sentimentos, os meus pensamentos. E é isso que a gente faz quando a gente tá lá cantando o tempo todo, a nossa doutrina desse evangelho cantado. É cantando palavras de cura, chamando essa força divina para vir atuar, ser luz e destrinchar a doença.

Particularmente essa entrevista, registrada para esse estudo, já começou com relatos de cura no Santo Daime, e deu o tom da conversa. Apresentada a concepção de doença e cura ligadas ao autoconhecimento, tomada de consciência, autocuidado e o amor próprio. Destaca a característica enteógena de despertar viagens interiores como agentes de cura, guiados pela espiritualidade. Ainda contribui com experiências vivenciadas na sua profissão e família. Interpreta a cura como um processo de transformação, de "acordamento do ser para o amor próprio e universal" e do esclarecimento da história pessoal. A compreensão de saúde passa diretamente pela emoção, sentimentos e pensamentos.

Analisando os relatos dos entrevistados observamos que no campo religioso pesquisado, o tema da *cura* figura como um dos eixos centrais que norteiam a história de vida de seus participantes. Situamos nesse grupo certos pontos, fixos e moventes de suas crenças, que implicam em suas concepções de cura: a crença na reencarnação, nas *plantas de poder* como veículo de contato com o divino, ou mesmo de serem expressões de seres divinos, com poder de curar e ensinar, daí também serem chamadas plantas professoras. A cura é um processo que envolve natureza, corpo, mente e espírito.

Os seguidores e mesmo a liturgia dessa religião, registrada nos hinos, se veem como uma *linha de cura*, tanto pessoal, a autocura do seguidor, seja de males físicos dos participantes, seja pela compreensão dos processos pessoais, das experiências visionárias nas chamadas *mirações* . Ocorrem a cura ou iluminação de consciências encarnadas ou seres não encarnados, através das mensagens transmitidas pelos hinos, pelo alcance vibracional do trabalho espiritual ou com os recursos da incorporação, e *sob a proteção* dos guias espirituais e vegetais.

4.8 Vida Comunitária: experiências de convivências e conflitos

Na tradição daimista de Sebastião Mota de Melo, a que os grupos pesquisados indicam pertença, a vida comunitária, é um ideal. No campo pesquisado, mesmo que

não se formem comunidades com moradias fixas, a convivência é intensa. Na estrutura física observamos equipamentos que indicam essa aproximação da vida comunitária, como as cozinhas e locais de descanso coletivos. Essa convivência, além dos momentos de fraternidade e união, acarretam conflitos, comuns nos grupos humanos. A existência desses conflitos, no grupo religioso pesquisado, podem levar a separações no grupo. Esses cismas podem implicar a mudança de local de funcionamento dos espaços rituais, o surgimento de novos grupos e possivelmente o afastamento de alguns membros. Pedimos nas entrevistas que os depoentes fizessem uma reflexão sobre a experiência e aprendizado na vivência comunitária com a irmandade, especialmente, os conflitos e os momentos de divisões do grupo. Vamos às reflexões.

Sobre esse tema da convivência e dos conflitos do grupo Francisco Antônio V. da Nóbrega afirma:

> Eu creio que isso faz parte mesmo das fraternidades, das comunidades, essa dinâmica de conflitos dos diferentes. Isso faz parte. Agora a minha experiência nesses anos aqui na nossa doutrina é que apesar disso, de haver essas diferenças, não é motivo também pra essas diferenças causar divisões. Eu tive algum conflito, um e outro conflito com o irmão aqui, e claro no primeiro momento a gente pode até pensar assim, num pensa cinco minutos e já diz assim: vou-me embora daqui, não piso mais os pés aqui e etc. Mas a experiência que eu passei aqui é que a gente pode dar tempo, um tempinho. É tão maravilhoso nós estarmos juntos, uma dádiva de Deus, o momento de nós estarmos juntos nesse trabalho espiritual, que qualquer uma diferença que a gente possa ter com um irmão ou com outro irmão, isso daí é algo que a gente deve humildemente ir trabalhando. Trabalhando conosco, cada um, trabalhando com o outro irmão também. Se a gente ás vezes não tem uma intimidade plena com aquele outro irmão, ocorre isso, ás vezes tem pessoas no grupo, na fraternidade que você acha diferente, você não gosta de certas coisas da pessoa. Mas não é motivo, é imaturidade você dá com os pés, ir-se embora, porque, por causa daquele irmão. Não deixa de ser, claro, mas ás vezes tem motivação pra isso, mas de um modo geral são as vezes conflitos que são naturais tanto no âmbito da família, como no âmbito da fraternidade. São conflitos que, creio eu, dentro da própria corrente no nosso estudo, do nosso próprio esforça também, da gente querer vencer aquilo. A gente perder um pouco a nossa vaidade, a gente precisa de deixar de olhar demais para o umbigo da gente. Qualquer coisa a gente: ai sou eu, porque comigo? Você olhou com uma cara feia pra mim! Você disse essas palavras comigo! Então acho que é um trabalho conosco, e também um trabalho para a gente conquistar no irmão nem que seja um nível de respeitabilidade, de um com outro, se não for plenamente íntimo. Então em resumo, eu creio assim, todas as fraternidades, todas as famílias, em todo canto tem esses conflitos da diferença com as outras pessoas. Mas eu acho que essa dialética entre uma coisa e outra é que a gente deve lutar, pra gente vencer e se curar do diferente, curar o nosso orgulho, e a gente procurar se harmonizar que é o essencial da nossa caminhada.

O depoente Francisco Nóbrega considera o conflito natural em grupos humanos, mas enfatiza os momentos de fraternidade e animo coletivo como agentes para superação das diferenças. Entende que o quesito convivência faz parte da chamada "educação espiritual" proposta na religião.

Sobre essa questão Rômulo Azevedo declara:

> O primeiro aprendizado é que o zoológico humano é muito complicado, o ser humano, cada cabeça é uma sentença. O grande desafio hoje eu entendo, quer dizer, o padrinho Sebastião dizia que uma das metas da doutrina do Santo Daime era a vida comunitária. Ele tinha aquele sonho, que ainda hoje é um ideal, muito difícil de ser atingido, que era reunir essas pessoas numa vida santa, uma vida comunitária, onde todo mundo trabalhavam, todos repartiam o que era produzido. E tendo como centro de aglutinação, de união dessas pessoas a doutrina e a bebida, o sacramento do santo daime. A primeira experiência foi feita no Rio do Ouro, deu certo mais ou menos, hoje no Céu do Mapiá, já a mais de vinte anos eles batalham pra concretizar esse ideal, mas é muito difícil. Então, eu aprendi logo a partir dessas experiências de outros, que era muito difícil se obter esse ideal da vida comunitária. Então a experiência me mostrou, é verdade, realmente os seres humanos são muito diferentes, é difícil você ter uma união cem por cento fechada, porque as pessoas cada uma tem uma ideia de como é. Mas graças a Deus, o respeito que eu tenho pelo meu grupo, e naturalmente como eu respeito meu grupo, eles também me respeitam, agente tem conseguido administrar esses conflitos quando eles surgem. E o próprio Daime tem feito, digamos assim, uma assepsia espiritual na casa. Eu confio muito na própria doutrina, no próprio sacramento e também na minha irmandade, que as decisões que foram tomadas todas elas foram colegiadas, não houve nenhuma decisão de imposição de cima pra baixo. Tudo foi feito ouvindo os demais, em plena concordância com os demais membros da casa. E eu costumo dizer e reafirmar que as pessoas que entraram naquela igreja, entraram por livre espontânea vontade e as pessoas que saíram daquela igreja também saíram por livre espontânea vontade. O centro é livre. É bom lembrar isso, a pessoa chega lá espontaneamente e quando sai também sai espontaneamente. Nunca houve nesses vinte anos, nenhum caso concreto de expulsão administrativa ou baseada em nossos estatutos, embora vários episódios já motivassem uma tomada de atitude drástica como essa. A gente sempre evitou, sempre deixou a coisa ir caminhando, caminhando, até ir se ajustando naturalmente. Então, é difícil você liderar pessoas, seja numa igreja, seja numa empresa, seja numa escola, seres humanos, é difícil da gente controlar, ter uma convivência mais amorosa e pacifica. Mas graças a Deus os anos vão ensinando a gente, e a gente vai aprendendo a conviver melhor, vai aprendendo a respeitar melhor as diferenças, e em alguns casos até suportar. Tem um hino do Santo Daime do nosso padrinho Valdete, que ele pede forças para suportar os irmãos. Esse é que é o grande desafio, suportar os irmãos.

Aqui o tema da covivencia é entendido como o grande desafio da doutrina. O narrador considera difícil de se obter o ideal de Sebastião Mota de Melo, da vida comunitária entre seguidores da doutrina, devido sua vivência no grupo e observação de experiências nesse sentido. Mas também identifica a superação de obstáculos na união experimentada na irmandade. E ainda narra etapas na sua história pessoal enquanto líder do grupo, suscitando aí questões de carisma.

Refletindo sobre a questão, Pollyana Matias de Figueiredo Castro explica:

> É o ideal comunitário que foi o sonho do Padrinho Sebastião, ele tinha essa vontade de juntar todo povo, e que o povo morasse junto pra não tá cada um fazendo uma comida em um canto, outra comida em outro, e perdendo seu tempo. Então ele achava melhor que todos ficassem perto e um batalhão só cozinhasse pra todo mundo e todo mundo trabalhasse pra todo mundo, então ele ensinou muito isso. E a gente nesse primeiro período a gente praticou um pouco isso aí, teve essa oportunidade que hoje assim é até um pouco mais difícil, mas naquele tempo com desejo, a vontade, a juventude, tudo que a gente tinha naquela época mais intenso, a gente até vivenciou bons momentos comunitários, sabe, de todos juntos, uma feira só, comida pra todo mundo, era um negócio bem legal. Então a gente vivenciou esse período, tinha ensaio todo domingo, tinha trabalhinho de crianças, tinha trabalho de homens, trabalho de mulheres, tinha assim muita coisa que agente viu na floresta e agente fazia aqui do mesmo jeitinho. [...] Eu acho assim que no momento, naquele momento quando acontecem essas coisas, a gente fica um pouco meio perdido, naquele instante, quando acontecem essas divisões, quando acontece essas coisas. A gente no momento fica meio perdido porque você tá ali naquela coisa, acha que aquilo ali é para sempre, mas nada é para sempre, tudo é a impermanência que comanda, do tempo, da vida, das coisas. Mas aí a gente vai compreendendo que são novos caminhos que vão se abrindo, ás vezes as coisas se dividem pra poder crescer, expandir,aumentar. É necessário isso. Entendeu? Aí a gente vai compreendendo com paciência que é assim mesmo, ás vezes você tá aqui dentro de um grupo, aí chega outro grupo aí diz assim : há eu também sei fazer. E vai lá e faz, e cada um faz da sua forma, como acha que pode, e Deus tá vendo todos, e ali é normal, perfeitamente normal, isso aí serve pra expansão da doutrina, pra o crescimento. E depois a gente vai se encontrando, vai se achando, vai entendendo que é tudo assim mesmo.

Aqui encontramos rica contribuição para a pesquisa a que nos dedicamos. A depoente faz um exercício de rememoração do período inicial de desenvolvimento do grupo da primeira igreja daimista do Nordeste, o Céu da Campina. Expõe suas impressões sobre o período e diz que “o ideal comunitário era o sonho do padrinho Sebastião” e, ainda apresenta sua reflexão a respeito dos momentos de conflito e divisões no grupo.

Ronaldo Porfírio da Silva, analisando o tema, declara:

> Olha, eu até estava conversando eu e um amigo meu, outro irmão, e a gente estava vendo que o Santo Daime, o Santo Daime urbano, como a gente colocou agora, ele passa por um momento assim que a gente vê que ás vezes o cara quer colocar a democracia e a política dentro do Santo Daime, e as vezes dá muito conflito por causa disso. Ás vezes a pessoa quer colocar em votação, ou ás vezes quer colocar em maioria, e a gente sabe que num trabalho espiritual aquele menorzinho que tá ali, ás vezes na hora da força se transforma no maior. E ás vezes entra em conflito justamente porque quando a gente se reúne entra muita política no meio, e aí tem esse conflito. Eu vejo esse conflito muito grande na irmandade. É claro que cada um tem suas opiniões, e aí quer se levar pra democracia, se colocar. E eu acredito que no tempo do Mestre e do Padrinho talvez não tivesse muito isso, até porque eles eram símbolos, então as coisas rodavam muito em torno deles e assim tendo-se um símbolo fica mais fácil de resolver as coisas. Hoje em dia tem essa dificuldade, então o pessoal traz muita política, democracia, para o lado do Santo Daime pra resolver essas questões. E aí criam-se conflitos porque tem um irmão ali que vai mais pelo lado espiritual o outro mais pelo lado democrático da coisa e na hora de tomar uma decisão, na hora de colocar uma vela em baixo da mesa, na hora até de trocar uma vela, se cria um atrito. Mas acredito que isso é válido, porque é assim que a gente vai caminhando e procurando a evolução, claro que a procura é sempre do melhor, do coletivo e para o próprio Santo Daime, pra nossa própria imagem e pra imagem do Santo Daime. E alegrias com relação a irmandade eu tenho muitas, tenho os irmãos que eu fiz até hoje que eu acredito que vão ser para a vida toda. Sinto também por muitos irmãos que a gente conhece durante essa caminhada que a gente pensa "esse irmão vai seguir firme" e de repente por um motivo ou outro aquele irmão deixa de ir, de participar das reuniões. E a partir dos momentos que deixa de participar das reuniões, automaticamente também passa um pouco a fugir do seu cotidiano. Então, certos irmãos que a gente começou junto como o George, o Martinho mesmo, que foram os irmãos pioneiros, vamos dizer assim, que trouxeram pra cá, hoje em dia eu não tenho mais contato com eles. Porque a partir do momento que as pessoas se afastam encontram vamos dizer assim, outra realidade, ou procuram outra verdade, então se afastam. Ás vezes isso pra mim é triste por causa dessa distancia que fica da irmandade. Mas também o Daime já me mostrou muitas vezes, que durante a nossa caminhada aqui na terra a gente vai conhecer vários irmãos que vão lhe acompanhar, e vai ter os que também vão seguir o seu caminho. E as alegrias e tristezas são essas de ter os irmãos que estão conosco e vão ficar, até a gente ficar velhinho, vamos dizer assim, e outros que também vão seguir sua caminhada espiritual. Você sente falta de encontrar aqueles irmãos do início que você começou e que você prezava tanto e ás vezes num piscar de olhos some, feito uma nuvem, uma chuva passageira. Mas é isso.

O narrador identifica que a ausência de símbolos carismáticos locais, ou seja, um padrinho e/ou madrinha de cada igreja específica, contribui para a geração de conflitos.

Observamos essa narração, num sentido de ser característica recorrente nas igrejas menores, que em boa parte não tem essa figura central, questões de disputas e mesmo resistência no reconhecimento dos dirigentes. Também Faz uma reflexão profunda sobre sua caminhada e rememora com alegria e um sentimento de saudade a convivência com pessoas que não são mais seguidoras dessa religião.

Roberto Luís de Figueiredo Castro discorre sobre o ideal comunitário proposto por Mestre Irineu e Sebastião Mota de Melo:

> Eu acho que a ideia central, básica do Padrinho Sebastião, no meu entendimento, o que vale é a ideia certo, o que vale é a ideia, a ideia permanece ela não morre nunca. A ideia fica ali até alguém captá-la e desenvolver que ela já existe. Então o que o Padrinho implantou foi um sistema comunitário, de estrutura de divisão de trabalho de acordo com que neste sistema comunitário não faltasse nada na casa de ninguém, que todas as famílias tenham tudo que for necessário diante da produção da comunidade. Então a comunidade produz e a comunidade distribui pras pessoas que estão envolvidas naquele projeto comunitário. A ideia básica do Padrinho, pra mim é o que tá valendo. Eu num sei hoje, num posso falar do Mapiá, porque eu não vivo lá no Mapiá, então, também não sei se a estrutura ainda é comunitária, eu acredito que seja. Porque o que vale é a ideia, e se a ideia é essa ela não morre. Ela pode sofrer alguns abalos, a base dela é essa. Ou seja, um dia nós vamos ter que ser comunidade mesmo, todos vão ter que entender que o sistema comunitário é melhor pra todos, ali todos trocam serviços, todos trocam trabalho, né verdade. Todos estão dispostos ali, um ajudar o outro. E a comunidade se ajuda de várias formas também, se ajuda também na doença, um vai ali dá uma força pro outro. Eu vi lá no Mapiá casos de uma pessoa lá ficar doente com malária e tava só numa casa lá. E a Madrinha Sônia mesmo, eu vi a Madrinha Sônia indo pra casa de uma pessoa doente lá de malária, cuidar dessa pessoa. Então tinha isso também, tinha que dispor uma pessoa, alguém tem que cuidar de alguém. Ás vezes a pessoa adoece ali e não tem quem cuide, principalmente ali dentro da floresta e tal. Eu acho que o sistema é esse, é todo mundo se ajudar. Acredito que a ideia é essa.

Observamos que a concepção aqui impressa está estreitamente ligada a experiência que o entrevistado teve nos primeiros tempos de sua adesão ao Santo Daime. Quando pode vivenciar a experiência comunitária no Céu do Mapiá.

Vejamos o que José Francisco R. da Silva Bernardino declara sobre o tema:

> Olha, viver em grupo que é o ideal do Padrinho Sebastião, também era o do Mestre que acabou fazendo Vila Ivonete ali que hoje é o bairro Raimundo Irineu Serra, um monte de gente daimista em volta, morando no mesmo lugar e convivendo. Esse ideário Padrinho Sebastião também espalhou, o ideário da vida comunitária. Quando a

> gente vive mais proximamente esse trabalho do daime mais essas experiências do convívio vão se intensificando, porque os trabalhos do Daime quando você vai computar todos os trabalhos que são propostos, mesmo, tido como oficiais, você tem uma missa no mês, duas concentrações e muitas vezes uma cura ou São Miguel, ou algum estudo. Então você tem encontros geralmente uma vez por semana, em alguns casos até mais, então você acaba tendo um envolvimento maior com a doutrina. E nesse envolvimento maior todo mundo junto, essa vida maior em torno da religião vai se intensificando, se fortalecendo, e todos os acontecimentos que estão envolvidos em relacionamento mais próximo vem á tona. Tanto aquilo que é mais agradável como aquilo que é mais delicado de ser tratado das personalidades em trabalho conjunto e continuo. Então é uma experiência muito legal, muito legal. Essa ideia do Padrinho Sebastião de tá ali utilizando, tá participando junto com essa outra pessoa, que eu vou chamar no Santo Daime de irmão. Eu tá nesse relacionamento mais próximo com essa outra pessoa e através dela eu conseguir ver características minhas que eu preciso por vezes identificar, ás vezes minimizar, ou mesmo angular, caso não seja deletério, comportamento deletério. E aí, é nesse relacionamento entre as pessoas, nessa relação dentro do Daime, é que essas relações, essas características, essas combinações de personalidades vão aflorando e a gente tem a condição de se conhecer um pouco melhor, limar e ter paciência, desenvolver características fundamentais pra vida em conjunto. Inserido numa sociedade com um monte de gente, uma disputa de espaço imensa, necessidades de compreensão e, nossa!, entender melhor o que é o sujeito e o lugar onde ele tá inserido. O Daime é um microcosmo disso muito intenso, intensificado através dessa bebida mágica ayahuasca, rebatizada pelo nome Santo Daime. Então no meu ponto de vista é uma oportunidade ímpar de você através dessa magia toda, com esse ideário religioso junto, tem um poder de transformação magnífico. Eu vejo como um agradecimento a Deus porque isso existe e agente pode participar. [...] Nesse tempo, várias formas de estrutura a gente foi vivendo dentro do Amanhecer. E vendo que assim, essas coisas são desse jeito mesmo, vai amadurecendo naturalmente como a necessidade vai pedindo, não é um negócio que a gente impõe, decide que vai acontecer dessa forma. Você se apresenta ali e gradativamente, com bom censo, com ajuda, essa soma das pessoas, isso vai surgindo e vai, ele tem um movimento próprio. Ele mesmo por si se explica e se realiza.

O narrador lembra que a experiência comunitária vem desde as origens do grupo, com Mestre Irineu e, posteriormente com Padrinho Sebastião. Cita a rotina intensa de atividades desenvolvidas num grupo daimista, entre rituais e outros trabalhos como oportunidade de ter a experiência da vida comunitária e seus aprendizados de convivência humana e autoconhecimento. Interessante notar, que mesmo as comunidades religiosas do Santo Daime onde os membros da igreja não moram em um terreno comum, a vivência coletiva é uma constante, tanto nas atividades de organização e limpeza do espaço e mesmo nos rituais. Estando aí presentes todas as questões que seguem a aprendizagem da vida coletiva ou em comunidade.

Finalmente, vejamos a declaração de Marconi Soares da Costa sobre a temática focada:

> É foi uma experiência muito boa, de trajetória, assim, começou lá em Roberto, tudo novo, 23 anos, empolgado, a gente entrou tudo, eu entrei de cabeça mesmo na história, e foi muito legal a vivência em comunidade. A gente juntou um grupo ali, um pequeno grupo, umas quinze pessoas, ficava lá no sítio a maior parte do tempo, trabalhava na cidade mas ia lá, então a gente ficou formando um vínculo de amizade ali bem legal, aí depois teve uma divisão lá em Roberto. Você sabe, o ser humano ... a gente, o atrito é normal, vivendo ali em comunidade então, também não dá certo você ter uma Igreja, um ponto de Daime assim dentro da sua casa, atrapalha a sua vida intima, mistura com a sua, não é interessante. A gente saiu, foi pra Mércia, foi pra Júnior. E hoje teve algumas divisões aí, o pessoal insatisfeito com alguma coisa ou outra, mas faz parte, é normal, não é? Só tenho coisa a aprender, positivo e negativo a gente, sempre aprendendo, sempre aprender com essas experiências de vida, separação, amizade. Mas graças a Deus a gente não ficou inimigo não, tudo amigo, apenas não frequenta mais a mesma Igreja, mas estamos aí.

No último depoimento deste tema apresentado para essa pesquisa, o entrevistado narra cronologicamente desde os primeiros anos de sua experiência de vida no grupo, no início da formação do Céu da Campina até chegar aos dias atuais fazendo uma reflexão sobre o tema proposto e deixa entender, assim como as demais pessoas que aqui registram suas memórias e esquecimentos, que a religião do Santo Daime, em diferentes ângulos, trabalha o despertar, o autoconhecimento e virtudes éticas a exemplo da coragem e humildade como categorias no desenvolvimento de seus seguidores.

Sobre o que é lembrado e o que é esquecido nas narrativas apresentadas, vejamos a afirmação da autora a seguir:

> Contudo, se por um lado é possível afirmar que a memória enriquece a perspectiva histórica, por outro, é necessário admitir que nem ela e nem a historiografia podem restituir o passado no presente e sustentar a credencial da imparcialidade, pois ambas são sempre e de alguma forma seletivas. Primeiro, porque uma separação entre os fatos e a interpretação é impraticável, e toda interpretação é histórica e altamente subjetiva; segundo e, por conseguinte, porque toda tradução é um desencontro com o original; por fim, porque toda memória caminha lado a lado com o esquecimento (CAPISTRANO, 2012; SELIGMANN-SILVA, 2003; POLLAK, 1992: 203).

Em todas as entrevistas, este, da experiência comunitária e conflitos, foi um tema que mais exigiu do desenrolar da pesquisa de campo, devido à delicadeza

necessária na sua abordagem e tratamento das informações, por ser um ponto de tensão que pode despertar lembranças não tão agradáveis aos entrevistados, assim como a reavaliação do vivido ao revisitar as lembranças. Dar voz as memórias, especialmente em relação a situações de conflito que possam ter gerado contrastes na história pessoal e/ou no grupo, é, uma dos recursos, aplicadas pelo método da História Oral, que aqui trabalhamos, para registro, análise e compreensão das histórias e memórias. Consideramos que as lembranças e os esquecimentos, assim, como as falas e silêncios são expressão viva das faces dessas histórias. No roteiro, apresentamos esta questão seguida do processo de aprendizagem ou experiência de vida que essas situações podem acarretar, o que enriqueceu e deu a tônica desejada nesse estudo, na possibilidade da lembrança poder vir acompanhada de nova roupagem imprimida pela sabedoria do tempo e das experiências de vida de quem viveu e vive essas histórias.

4.9 Experiência religiosa, sagrado e revelação: "Santo Daime, um Ser Divino"

A experiência religiosa, o contato com a divindade, as revelações místicas ou espirituais, assim como o processo de autoconhecimento, para os sujeitos do campo religioso aqui estudado, passam pela relação com o sacramento da doutrina religiosa que seguem. A bebida sacramental é um veículo de ligação com a natureza, com o Eu Superior, com Deus. Observamos ser ele mais que um intermediário, um meio, um veículo: o Daime, junto ao conjunto cultural e de representações sociais das mais diversas tradições sagradas, é um "Ser Divino", contendo em si o conhecimento Universal e a capacidade de revelar, através da expansão da consciência, despertar da consciência ecológica. Os depoimentos mostrados a seguir trazem respostas, sobre a experiência do sagrado e a relação do seguidor com o Daime, e mesmo sobre o que é o Daime. Vejamos as narrativas. Segundo declara Alex Polari de Alverga:

> "O Daime é o daime" [risos]. Existe realmente, a bebida é o instrumento, é o sacramento, é a bebida sacramental e tomar o Daime dentro do contexto da nossa religiosidade é o sacramento. Pra mim é minha maneira de me conectar com a realidade divina, com o sagrado, com o próprio plano espiritual. Desde que eu percebi essa possibilidade de acessar a Deus, ao divino dentro do si mesmo que na verdade é a mesma coisa, e compreender que esse trabalho é o nível da consciência, então pra mim se tornou minha praia a amaneira que eu tenho trabalhado durante esse tempo. Evoluído, conhecendo um pouquinho mais sobre os mistérios da criação da vida, e pretendo

> continuar trabalhando com ele nesta encarnação pra poder seguir a minha viagem, bem tranquilo [risos].

Aqui, está refletida a visão compartilhada entre os daimistas da concepção da bebida enteógena, o Daime, como sacramento da religião e seu uso como parte inseparável da expressão da liberdade religiosa desse grupo. A busca na divindade refletida na introspecção humana, pelo mergulho interior, e o estudo da natureza em suas potências de conhecimento universal, fazem parte dessa religiosidade.

Vejamos como Rômulo Azevedo compreende o Daime:

> Eu diria com o daime, não só com a bebida, mas fundamentalmente com a doutrina. Eu particularmente nunca tomei daime fora do ritual religioso. Primeiro que eu não vejo sentido, a pessoa tomar aquilo, não sei nem pra quê, então. Talvez eu esteja enganado, pode ser que eu tome um dia e tenha uma revelação que eu não teria dentro da igreja, mas até hoje eu sempre tomei no ritual. Então, eu tenho uma relação muito boa porque vejam bem, o que é que me mantém no Daime? Os resultados que eu vejo na minha vida pessoal. Então eu vejo os progressos hoje, os avanços, não só na questão da minha compreensão da minha trajetória espiritual, mas sobre tudo nas demandas materiais, no dia-a-dia, nos problemas da vida cotidiana que nós enfrentamos, o daime tem sido bastante revelador pra mim. Então, tenho uma relação muito boa com ele, graças a Deus.

Nesse depoimento, assim como no seguinte, o Daime, a bebida, não é vista separadamente dos códigos e práticas doutrinárias. Sendo partes de um mesmo ser a que são atribuídos desígnios espirituais e materiais. Para Marconi Soares Costa:

> O sagrado está em tudo, na minha vida acho que está na frente de tudo, depois que eu conheci o Daime a gente passa a ver o sagrado sobre outra ótica. Porque a gente vê que a realidade espiritual ela existe realmente, a vida espiritual ela realmente de fato existe, tão certa como essa realidade que a gente está aqui. Então a gente tem que ver o Sagrado de uma forma que a gente ... pra gente evoluir, pra se aperfeiçoar, entendeu? Pra poder galgar degraus maiores na vida espiritual porque eu acredito que não é só isso aqui, a gente aqui tá passando um estágio, um laboratório, um aprendizado, pra poder subir pra níveis superiores entendeu? Outros níveis. [...] Através do Daime, a gente entra em contato com o sagrado, o sagrado, não só o sagrado externo, mas o sagrado dentro da gente também, o sagrado interno, e eu acredito. Dentro da Doutrina também ensina, a gente tem também o Eu Superior, uma luz interna que é o nosso Eu Divino, então a gente tem que acessar, tem que procurar acessar esse Eu Divino através de trabalhos mesmo de auto aperfeiçoamento, corrigir os defeitos, ver os erros, entendeu? E o sagrado é isso aí, é conquistar, ter uma visão do ... sagrado, tem que trabalhar bastante. A doutrina, a nossa doutrina é trabalho, o nome já diz, nossa sessão é um Trabalho, vou fazer um

> Trabalho, porque realmente é um trabalho, ta ali cantando, trabalhando internamente e externamente entendeu? As forças, as energias espirituais internas e externas também que estão ali pra receber a cura, receber os ensinamentos, através do Daime, dos hinos [...].

Esse depoimento apresenta uma visão totalizante do universo e da experiência com o sagrado através do Daime. O entrevistado acredita que através do uso da bebida sagrada pode empreender expedições externas e mergulhos internos em busca de conhecer a si mesmo, da evolução espiritual. Esclarece como componente das crenças do culto a existência de um ”Eu Superior” e mesmo um “Eu Divino”. Também apresenta a definição do Santo daime como sendo a “a doutrina do trabalho” e a crença em “energias” e a doutrinação dos seres através do Daime e dos hinos. A possibilidade desse encontro com o “Eu superior”, a experiência com o sagrado, é uma característica dos cultos enteógenos. Sobre o Daime Ronaldo Porfírio da Silva afirma:

> O Santo Daime pra mim, quando ele se apresentou, na minha vida e que ele me mostrou, desde a primeira vez, a minha revelação foi muito forte e hoje em dia tudo que tá acontecendo na minha vida, eu já tive essa revelação da primeira vez que eu participei do trabalho lá de cura com os meninos. Eu posso te dizer com certeza que tudo lá foi me mostrado, até o que vai acontecer, só que eu não acreditei muito, fiquei muito, vamos dizer assim, eu fiquei teimando ainda. Mas hoje em dia, as coisas que acontecem na minha vida, nesse tempo, que eu estou tomando daime, tudo está se realizando, mesmo eu duvidando. Eu nem pedi pra acontecer, mas as coisas aconteceram, até ás vezes eu neguei, muitas vezes, dizer não, não quero, mas só que como eu disse, não fui eu que escolhi foi um chamado. Então o Santo Daime pra mim faz parte do meu cotidiano, do meu dia-a-dia dentro da minha família, da minha casa, do meu trabalho. Como eu disse: é um professor, pra mim é como um padre pra igreja católica, como um pastor pra igreja evangélica, é como um pai de santo num terreiro, então pra mim o daime é meu professor. Ele me guia, me orienta me mostra os meus mínimos defeitos, as coisas que no nosso dia-a-dia você não dá importância, acha que aquilo é uma besteira, e ás vezes quando eu tomo o Santo Daime, o Santo Daime: ó! aquela besteira que tu achou que era besteira, aquilo é uma coisa que é importante, então tu vai lá e tu tenta corrigir isso aí, porque essas besteirinhas aí que vão fazer toda diferença no final. Que vão te diferenciar de uma caminhada espiritual, de uma caminhada que você não tá nem aí pra um caminho religioso ou espiritual, ou como quer que seja chamado. Então pra mim o Santo Daime, não vou dizer que seja tudo, mas é noventa e nove por cento. Então mudou completamente a minha vida, eu tive uma transformação enorme depois que eu conheci o Santo Daime, passei por uma fase assim de três anos assim na minha vida desde que eu conheci o Daime que, vamos dizer assim, eu me transformei do avesso, o que era dentro veio pra fora, o que era fora voltou pra dentro de novo ou saiu de mim. Então, pra mim a

> importância que eu dou o Daime é a minha caminhada nessa vida, são as revelações que eu tenho espirituais, o meu entendimento, o meu saber, o meu comportamento. Então é fundamental hoje em dia pra mim o Santo Daime, hoje em dia sem o Santo Daime eu não sei nem aonde eu estaria, talvez eu não tivesse nem aqui hoje dando essa entrevista, se não fosse o próprio Santo Daime. Então na minha vida e na vida da minha família é muito importante. E eu mesmo tendo as pedras do caminho, os degraus a serem subidos, as dificuldades a serem vencidas, pretendo continuar nessa doutrina. Conhecer ainda mais o Santo Daime, que eu tomo há dez anos, mas parece que foi ontem a primeira vez que eu tomei Daime. A minha revelação como eu falei, ela foi tão forte que me demonstrou coisas pra minha vida toda, e até hoje quando eu tomo Daime, me vêm coisas que eu vi na minha primeira vez, que hoje em dia que eu tenho a compreensão. Então eu acredito que é pra minha vida toda. Enquanto eu tiver nessa terra caminhando aqui, eu não encontrei outro lugar onde eu posso dizer que encontrei a verdade, nem que seja a minha. Mas a que me deixa feliz, é o que me dá força no meu dia-a-dia. Ás vezes você pensa no trabalho, que você vai passar a noite todinha bailando, ás vezes você até reluta: rapaz hoje eu não vou não. Mas depois que você vai que você termina o trabalho, você diz: era pra eu ter vindo mesmo, ter concluído esse trabalho. Porque é dele que você vai obtendo mais força, mais respostas, mais força no seu dia-a-dia pra você continuar nessa vida tão corrida, e vamos dizer louca, que agente vive nos dias de hoje. E a distancia que o mundo está desse caminho espiritual, que o principal nessa nossa busca é essa, uma busca de uma realização espiritual de uma realização material, mesmo com todas as dificuldades. Eu acredito que o Santo Daime é isso, é pra mim um professor que me mostrou e que me mostra até hoje o caminho a seguir nessa vida, pra gente poder se equilibrar. Pra mim hoje minha vida é muito mais equilibrada, com o Santo Daime, então eu só tenho a agradecer ao Santo Daime, as pessoas que me apresentaram o Santo Daime. E só tenho a agradecer, o Santo Daime pra mim é só alegria [risos].

O depoimento acima exalta o poder de revelação do Santo Daime e demonstra o sentido de missão e de chamado, quanto à sua pertença ao culto. Reforça para Daime o caráter de planta professora e relata o processo de transformação a que vem passando na sua caminhada espiritual de experiência com o Daime. Na fala observamos como a religiosidade daimista é presente no dia-a-dia dos seguidores. A estrutura ritual, como a execução dos hinos e a ingestão da bebida, solicita aos adeptos períodos de dedicação ao culto, com ensaios musicais e dietas a serem realizados para o melhor aproveitamento da experiência com o sacramento.

A este respeito, Andréia Carrer Carvalho apresenta sua declaração:

> Na anamnese que eu faço com as pessoas, quando elas me perguntam isso eu digo assim: eu posso até te dizer o que é pra mim, vou dizer, mas só entende o que é mesmo quem toma daime. Quem toma o santo

daime sabe dizer o que é essa experiência pra cada um, que é única, que é singular pra cada um. Mas pra mim especialmente o Santo Daime trouxe realmente esse religare, esse reencontro com o meu Eu Superior, com o divino. Num momento em que eu estava muito desconectada, muito perdida. Quando eu tomei o santo daime pela primeira vez eu tinha desenvolvido uma síndrome do pânico, por um acidente e depois um assalto que eu sofri, quando eu tomei o santo daime eu vi que tava tudo bem, tudo certo. Que aquilo que aconteceu foi importante e necessário para o meu acordamento. Para eu entender quem eu sou, quem eu já fui, o que eu vim fazer aqui, o que eu vou fazer ainda, pra eu poder me conhecer. Então assim, foi fundamental, eu posso dizer que realmente, aquilo que os antigos dentro da doutrina falam: a mulher que tomou o daime pela primeira vez nunca mais voltou, a que voltou foi outra, foi outra. Foi esse meu renascimento mesmo, pra conseguir olhar pra dentro de mim, de ver, teve momentos assim que eu vi tanta coisa que tava lá debaixo do tapete, que só eu e o Santo Daime podia saber naquele momento ali. E que ... como que meu Deus, isso veio a tona nesse momento? Uma coisa que tava tão bem escondida que eu nem mais lembrava, das minhas sombras das minha mazelas, enfim. E o quanto foi importante, apesar de difícil na hora, de doloroso, de eu ter chorado muito, de eu ter passado [emoção] pelas passagens que eu fiz, que eu passei. Mas o quanto foi importante e doloroso naquela época ver tudo isso naquela época, pra ter essa oportunidade de reescrever a minha história de transformar aquilo, de ser uma outra mulher, eu digo assim, de aprender. O Santo Daime me ensinou a ser mulher de verdade, irmã de verdade, filha de verdade, mãe de verdade, companheira de verdade, coisa que eu não sabia. Estava muito aquém do ser humano que Deus me possibilitou ser, do que eu estava sendo. E o daime então me possibilitou esse mergulho, e quando ele me possibilitou esse mergulho lá pra dentro de mim que eu vi, e que eu tive a chance de então, como o padrinho Sebastião dizia: eu não quero saber o que você foi. Já viu? Ótimo! Agora eu quero saber o que você é. Aí eu saí pedindo perdão pra todo mundo que eu machuquei, que fiz mal sabe, tentando ... se eu não podia corrigir ou consertar, tentando então pra frente fazer melhor, sabe. E assim eu fiz com várias pessoas, tento continuar fazendo. Porque na verdade, o encontro com o Santo Daime ... se você me pergunta o que é a experiência com o Santo Daime? Pra mim eu acho que ela foi e continua sendo, e eu acho que será para sempre pra mim: a grande escola pra que eu possa aprender, continuar aprendendo na busca que eu me dispus a fazer, depois que eu tomei o Santo Daime pela primeira vez, que é de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a mim mesmo. Que o homem já falava lá atrás a tanto tempo, só veio pra isso replantar as santas doutrinas. Então se cada dia eu puder honrar esse poder, e puder fazer com que através das minhas atitudes, dos meus atos, do meu testemunho aqui na terra de ser uma verdadeira mãe, verdadeira irmã, verdadeira companheira, verdadeira filha, eu assim estou honrando essa doutrina, esse caminho que eu escolhi que até hoje eu sou muito grata por essa oportunidade. Que eu sei que é só um reencontro com este ser divino que é o daime, é só um reencontro nosso. Mas eu agradeço profundamente, nessa encarnação ele me resgatou. Ele trouxe a possibilidade: olha acorda! Você não é essa aí não, essa daí foi aquela que se perdeu de si mesma, acorda e veja quem você é! E aí me entregou tudo que eu tenho hoje:

> eu devo a minha vida, eu devo a alegria que eu tenho de viver, a saúde da minha família, eu devo ao Santo Daime.

Como dito acima, a experiência com o Santo Daime, é de cunho pessoal, e o conhecimento é intransferível através do discurso, o nível de compreensão do processo de autoconhecimento possibilitado por esse veículo, está conectada as informações e degraus de conhecimento espiritual, galgados pelo seguidor. A interpretação da expansão de consciência e tomada de sentido de transformação, passa pela categoria da fé, recurso inseparável dessa espiritualidade. O elemento exógano, externo, no caso o Daime, auxilia esse adiantamento do autoconhecimento também no campo empírico, da expansão dos sentidos, mente e visão. Como já exemplificado acima, mostraremos uma imagem que representa esses estados de unidade e conformidade com o presente, expressados na fala da entrevistada.

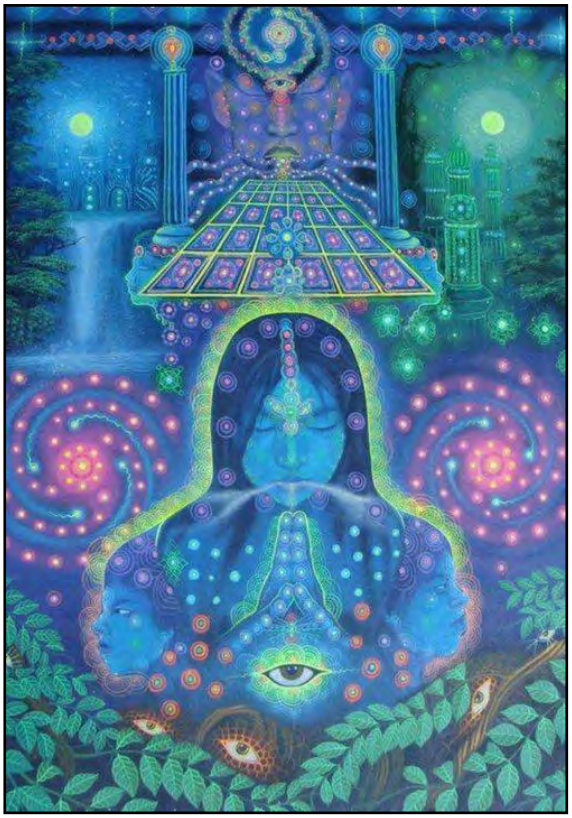


Figura 55 – de Pablo Amarinho

A Ayahuasca, em seus mais variados usos, é entendida em diferentes tradições e entre estudiosos como um veículo enteógeno – que liga ao Deus interior, por meio de fortes substancias psicoativas e, caracteristicamente tem seu uso evocado para fins de cura. Antes de ser usada num contexto religioso urbano, já assumia o caráter de planta

professora e curadora ou que esclarece o sujeito para que se promova a autocura, seja por meio do transe, estados alterados, ou não ordinários de consciência, e mesmo por processos purgativos (chamados entre os adeptos de limpeza). São incontáveis os nomes dados por diferentes tradições a essa bebida: *yajé*, Huni, vegetal, daime, hoasca, ayahuasca, e entre elas *el purgo*, pelos seus poderes purgativos (ou de expulsar males).

No contexto ritual daimista, como uma continuidade dos cosmos indígena e xamânicos, a ayahuasca, ou daime, junto a outras plantas sagradas, são chamadas medicinas da floresta. No Santo Daime o próprio sacramento é um remédio, que atua na expansão da consciência associado a outros recursos de cura presentes também em outras tradições apresentando uma abordagem do uso do corpo como *aparelho* para se alcançar estados não ordinários de consciência, o daime, é associado a uma *doutrina* ou complexo religioso expresso nos hinos vivenciado desde seus rituais e estendidos as outras esferas da vida social, como observamos, aqui na história de vida de seus participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Sou jardineiro e sou campineiro
Tenho tudo que Mamãe me dá
No jardim eu tenho as flores
E nas Campina eu andava atrás

Sou campineiro e sou verdadeiro
E é preciso eu viajar
Que o poder de Deus é grande
E eu desejo alcançar"
(Trecho do hino 82 "Campineiro",
do Hinário "O Cruzeiro", Mestre Irineu)

Tendo em vista a proposta desse estudo de investigar a emergência e processo de formação do Santo Daime na Paraíba e seu quadro de seguidores, a pesquisa desenvolvida envolveu a observação participante nas atividades e trabalhos e/ou rituais e a coleta de dados incluindo imagens, fotos e vídeos. Como fonte principal da busca de compreensão das categorias ou sistema religioso a que essa pesquisa se dedica, foram realizadas 10 entrevistas. Para esse ínterim lançamos mão da teoria e técnicas da História Oral, declarando assim que mesmo a pesquisa estando relacionado à experiência junto a uma denominação religiosa, o teor biográfico, ou mesmo nuances da história de vida das pessoas, imprimem aqui um registro de suas memórias que ficam conservadas nas suas falas e narrativas transcritas segundo as recomendações de tratamento com o material de História Oral e consentimento dos depoentes.

Além de investigar a respeito da formação dos grupos o alcance da pesquisa de campo permitiu, como foi proposto, fazer um levantamento etnográfico das experiências vividas junto ao segmento religioso aqui estudado e sobre suas crenças e práticas, indo além do que projetamos a primeira mão. Mesmo estando aí implicadas compreensões da formação pessoal dos entrevistados, consideramos, tendo vista o alcance do trabalho antropológico, ser um levantamento que de certo modo reflete o universo do povo daimista na Paraíba, por contar com narrativas de alcance de memória, além de individual, ter em si a memória coletiva do grupo. Objetivo intensificado tendo em vista as funções desempenhadas pelos sujeitos, acessada pela "escolha" e perfil dos entrevistados.

Foram compartilhadas vivências em uma religião, tendo em vista a particularidade da experiência enteógena, e sua cultura simbólica e social, onde as plantas sagradas num contexto religioso são a fonte do *religare*, "alcançado pela força, luz e som" do Daime.

Acessamos, nas narrativas, os elementos e matrizes culturais que formam essa religião, o sentido e a importâncias dos hinos e formatos rituais desenvolvidos pelo fundador Raimundo Irineu Serra e expandidos em sentido geográfico e simbólico por Sebastião Mota de Melo e seus seguidores. Vida comunitária, convivência, relações humanas, conflitos e divisões nos grupos foram registrados. Testemunhos e contribuições sobre cura, autoconhecimento e Estados de Consciência: sejam expandidos, alterados, não-ordinários, intensificados, visionários, como chamados aqui em relação a experiência com a ayahuasca e tradição de conhecimento milenar do uso dessa bebida sagrada e os padrões de interpretação inaugurados e desenvolvidos na tradição do Santo Daime, ficam aqui registrados nas falas de seus seguidores. Os segmentos religiosos anteriores a adesão a "Doutrina da Floresta" foram investigados assim como os diálogos inter-religiosos e mesmo, como categoria primordial desse estudo, os costumes digamos dos "nativos da terra paraibana"- que esse culto tem entrado em contato como tratamos detidamente sobre a "Jurema". Nas entrevistas podemos observar também aspectos da história desse povo e sua liberdade de crença, envolvendo a regulamentação do uso da ayahuasca, elemento central nessa religião, envolvendo assim o que rege, permite e assegura essa prática religiosa segundo a legislação brasileira que prevê a liberdade de culto. A descriminação religiosa também foi um assunto dialogado nas entrevistas, tendo em vista as representações sociais e sensacionalistas dessa religião.

Estar em campo, na categoria de observadora participante e daimista abriu portas e permitiu-nos alçar voos mais altos na relação com a pesquisa e os narradores dessas histórias. Desse modo, observamos, além do emprego das técnicas recomendadas à pesquisa antropológica, a ligação da biografia pessoal e história de vida de quem empreendia a coleta, ou mesmo a colheita das lembranças brotadas da árvore frondosa da Memória desse povo, aqui representado pelos narradores e informantes que informalmente, ou seja, sem estarem sendo gravadas entrevistas, contribuíram para a construção desse estudo. Acreditamos, que a pesquisa contribui na construção da memória do povo daimista, sua emergência e/ou surgimento no Nordeste, detidamente a formação da primeira igreja, com inauguração em 11 de outubro de 1994 e abertura

anterior do ponto em 15 de agosto de 1993, em atividade então a mais de 20 anos. Registradas as primeiras experiências, segundo o alcance dessa pesquisa, enfatizamos dessa religião no Nordeste, desde 1991 no Rio Grade do Norte, levando em consideração o registro do uso da ayahuasca desde a década de 80, segundo o alcance das entrevistas. O estabelecimento desse segmento no campo religioso da Paraíba conta com mais três igrejas na parte litorânea do Estado: Céu do Amanhecer com 10 anos de funcionamento; Céu de Coqueirinho, 9 anos e Céu da Flor da Nova com 13 anos.

Em certos momentos do texto, substituímos a expressão "coleta" por "colheita", para descrever a pesquisa de campo, em especial as entrevistas, motivo de profunda surpresa as quais consideramos a riqueza desse trabalho que vem inaugurar os estudos dedicados ao Santo Daime no Nordeste e, realizado, a partir do local oficialmente considerado a porta de entrada dessa religião, assim como tantos outros segmentos religiosos no Nordeste: o Encontro da Nova Consciência. Registramos que essa pesquisa também rende um levantamento etnográfico de relato do surgimento e história desse Encontro que, assim como o tema central aqui tratado, não existe, segundo nossas pesquisas, referências acadêmicas, que tomam como objeto de estudo, as falas históricas dos participantes dessas história.

Na elaboração do projeto, não se tinha a dimensão da riqueza que poderiam ter guardadas nas memórias e corações dos entrevistados, feito sementes plantadas que brotaram ao serem regadas e cuidadas pelos jardineiros, e, especificamente pela "jardineira campineira" colhedora. Eis aí um cesto de frutas e flores. Nesse sentido, a pesquisa em muito extrapolou as expectativas da pesquisadora e, esperamos que, também, a dos possíveis leitores.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Sheila. ANDRADE, Dávila Maria da Cruz. Branco por Fora, Vermelhos por Dentro. In: **Religião, a Herança das Crenças e as Diversidades de Crer**. 1º Simpósio Regional da Associação Brasileira de História das Religiões. UFCG, Campina Grande, 2013.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro:Editora FGV, 2005.

ALVERGA, Alex Polari. Seriam os Deuses Alcaloides? Texto apresentado na **Conferência Anual da Associação Transpessoal Internacional**. Manaus, 1996. Disponível em http://www.santodaime.org/arquivos/alex1.htm

Alves Junior, A.M. **A Incorporação da Umbanda pelo Santo Daime**. Núcleo de Estudo Interdisciplinares sobre Psicoativos – NEIP, 2009. Disponível em: <http://www.google.com.br/?gws_rd=cr#fp=c4680031f78cde2&q=a+incorpora%C3%A7%C3%A3o+da+umbanda+pelo+santo+daime+NEIP>

AMARAL, Leila. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSUNÇÃO, Luiz. Os Mestres da Jurema: Culto da Jurema em Terreiros de Umbanda no Interior do Nordeste. In: PRANDI, Reginaldo (org.) **Encantaria Brasileira: O livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 181-215.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velho**. São Paulo: Queiroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. (Cap. II, pp.17-58)

CEFLURIS. **Santo Daime. Normas de Ritual**. 1997

COSTA, Janaína Capistrano da. **O Olhar de um Ex-guerrilheiro sobre a Religião: Alex Polari de Alverga e a História Ayahuasqueira**. 2002.Disponível em: www.neip.info Acesso em: 24 mai. 2014.

DANTAS, Beatriz Góes. Repensando a pureza nagô. **Religião e Sociedade**, n. 8, jul. 1982, p. 15-20.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea**. O Sagrado e o Profano**. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Extase**. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERREIRA, Mário, GNERRE, Maria Lucia e POSSEBON, Fabrício. **Antologia Védica. Edição Bilingue: Sânscrito e português.** João Pessoa: Ed. UFPB, 2011.

FERRETI, Mundicarmo. A Mina maranhense, seu desenvolvimento e suas relações com as outras tradições afro-brasileiras. In: MAUÉS, R H. VILACORTA; Gisela M (orgs.). **Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008, p.181-202.

FERRETI, Sérgio F. O culto e as divindades no Tambor de Mina no Maranhão. In: MAUÉS, R H. VILACORTA, Gisele (orgs.). **Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2008, p. 203-222.

GNERRE, Maria Lucia Abaurre. **Religiões Orientais: Uma introdução**. João Pessoa, Ed. UFPB, 2011

GONÇALVES, Antônio Giovanni Boaes. OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. **Kossi Ewe Kossi Orixá: Percepção sobre a natureza entre adeptos das religiões afro-brasileira em João Pessoa e Recife**. 2008. 30 f. (Projeto de pesquisa submetido ao CNPQ) – UFPB, João Pessoa, 2008.

GOULART, Sandra Lúcia. **O uso Ritual das Plantas de Poder**. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

_____. O contexto de surgimento do culto do Santo Daime: formação da comunidade e do calendário ritual. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimyr Sena (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.

_____. **Contrastes e Continuidades em uma tradição Amazônica: as religiões da ayahuasca**. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2004.

GREGANICH, Jéssica. O Axé de Juramidam: a aliança entre o Santo Daime e a Umbanda. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 12, n. 19 p. 77-106, jan./jun. 2011. Disponível em: www.neip.info Acesso em: 15 de setembro de 2013.

GRÜNEWALD, Rodrigo A. Jurema e novas religiosidades metropolitanas. **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP)**, 2009. Disponível em: www.neip.info. Acesso em: 19 de maio de 2014.

GUIMARÃES, Sandro. A Sombra da Jurema: A tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 8, vol. 15 (1): 2004, p. 99-122.

GUERRA, Lemuel Dourado. *Mercado religioso no Brasil: Competição, demanda e dinâmica da esfera da religião.* João Pessoa: Idéia, 2003.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimyr Sena (orgs.). **O Uso Ritual da Ayahuasca.** 2 ed. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

LABATE, Beatriz Caiuby**. A Reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

_____. **Religiões Ayahuasqueias: Um balanço bibliográfico**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

LABATE, Beatriz Caiuby. PACHECO, Gustavo. **Música Brasileira de Ayahuasca**. Campinas- SP: Mercado das Letras, 2009.

LA ROQUE, Fernando de. Santo Daime: Rito da Ordem. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimyr Sena (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.

MARQUES, Antônio Alves Júnior. **Tambores para a Rainha da Floresta: A inserção da Umbanda no Santo Daime**. São Paulo: PUC, 2007. Disponínel em: < http://www.google.com.br/?gws_rd=cr#fp=c4680031f78cde2&q=tambores+para+a+rainha+da+floresta+NEIP>, acesso em 13 de Junho de 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe B. RIBEIRO, Susana L. Salgado**. Guia Prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MENEZES. Nilza. **Arreda homem que aí vem mulher**. Ed. Fortune: São Paulo, 2009.

MONTEIRO DA SILVA, Clodomir. O Uso Ritual da Ayahuasca e o reencontro entre duas tradições: a miração e a incorporação no Santo Daime. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimyr Sena (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2002.

MOREIRA, Paulo. MACRAE, Edward. **Eu venho de longe**: Mestre Irineu e seus companheiros. Salvador: EDUFBA, 2011.

MOTTA, Roberto. Religiões éticas e religiões sacrificiais: seu crescimento simultâneo no Brasil atual. In MIELE, Neide. **Religiões: múltiplos territórios**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2007. p 245-57.

MIKOSZ, José Eliézer. **A Arte Visionária e a Ayahuasca:Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC).** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina – Doutorado em Ciências Humanas. Florianópolis, 2009. Disponível em www.neip.info Acesso em: 10 de junho de 2013.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira. **Nova Era à brasileira: A New Age popular do vale do amanhecer. Interações: cultura e comunidade**. 2009 Disponível em [http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/revistateste/article/viewFile/99/87] Acesso em 01 Dezembro de 2010.

OLIVEIRA, José Erivan. **Santo Daime – O Professor dos Professores: a transmissão do conhecimento através dos hinos**. Tese de doutorado. Fortaleza, 2008. Disponível em: www.neip.info . Acesso em: 07 de Março de 2013.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEREZ, Léa Freitas. **Resenha. Horizontes Antropológicos.** Ano 7, n. 15. Pag. 273 - 279. Porto Alegre, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n15/v7n15a11.pdf Acesso em: 09 de julho de 2014

PIERUCCI, A. Flávio et al. **Secularização em Marx Weber: da comtemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido**. São Paulo, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200003&script=sci_arttext&tlng=en>, Acesso em 05 Dezembro de 2010.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 03, p. 3-15,1989.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SIQUEIRA, Deis. Novas Religiosidades, Estilo de Vida e Sincretismo Brasileiro. In: LIMA, Ricardo Barbosa de; SIQUEIRA, Deis. **Sociologia das Adesões: Novas Religiosidades e a Busca Místico-Esotérica na Capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003b.

SCHMID, Maria Luisa Sandoval, MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência.** Instituto de Psicologia-USP: São Paulo, 1993.

VATTIMO, Gianni. **Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VELHO, Otávio.“ O que a religião pode fazer pelas Ciências Sociais? In: Teixeira, Faustino(org.) **A (s) ciência (s) da Religião no Brasil. Afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 233-250.

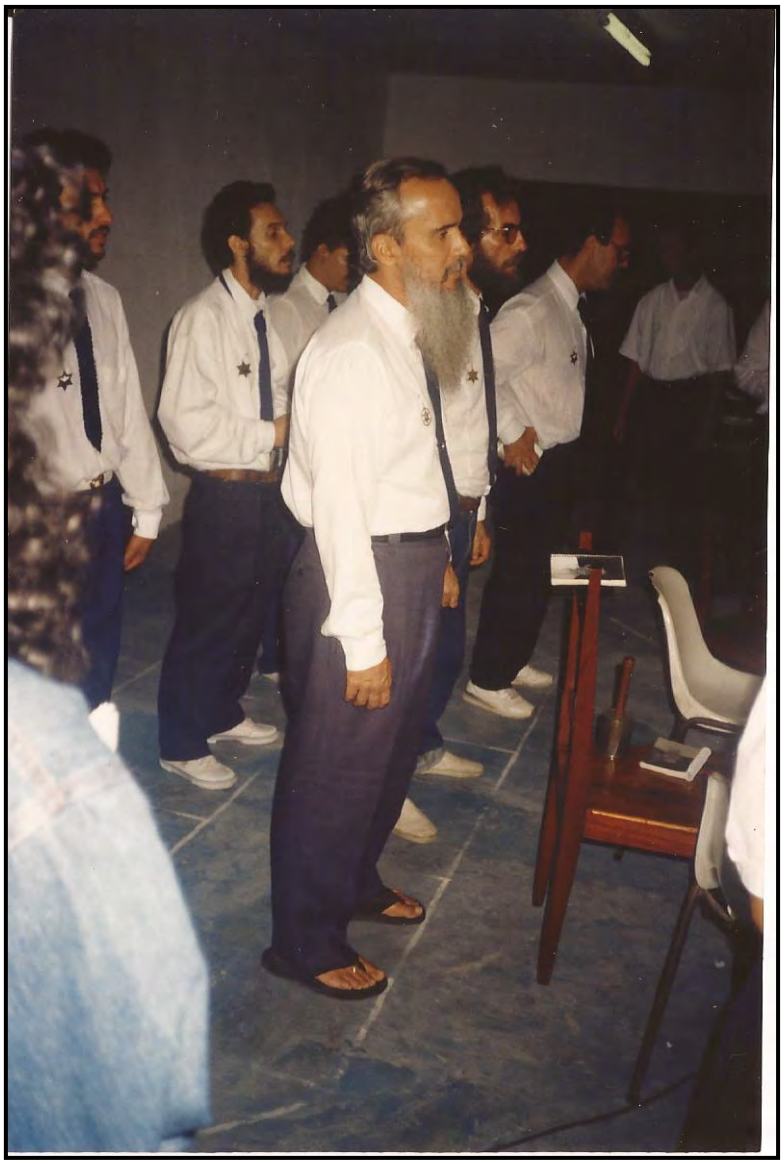
WEBER, Max. **Ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

_____. **Economia e Sociedade**. Brasília: UNB, 1991.

_____. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (parte I, pp.27-83).

ZIMMER, Heinrich. **Filosofias da Índia**. São Paulo: Palas Athenas, 1998

APÊNDICE A – Memória Visual (Álbum de fotos)



Primeiros anos do Santo Daime no Nordeste (na foto em primeiro plano Alex Polari e Rômulo Azevedo)

Fardamento de Chico Nóbrega, primeiro fardado do Céu da Campina, na igreja da Colônia Cinco Mil.

Roberto Castro em visita ao Céu do Mapiá - 1994(da esquerda para adireita ?Alfredo Gregório, Roberto Castro, Valdete Mota,Alex Polari, ?)

Festival Natalino - primeira sede do Céu da Campina

Figura 1Ala feminina no Céu da Campina, 1ª sede (na foto: Léozinha, Liberdade, Pollyana, Mércia, Marluce)

Equipe do Céu da Campina - no período que funcionou no Sítio Canta Galo (Na foto: Expedito Júnior, Marconi, Moacir, Bia, Pedrinho e Olívio)

Trabalho no Céu da Campina -Sítio de Mércia Xavier

Figura 2Trabalho na casinha, durante a construção da igreja atual (na foto: Tatiana, Ivone, ?, Rômulo.

Sede atual -Céu da Campina (na foto: Chico, Cleidinha, Mariana no como de Anna, Layz, Olívio, Mad. Júlia, Rômulo Azevedo, Mad. Dodô, Pedro, Júnior, Marconi, Fábio, Dávila, Sheila, Greyce, Jackeline, Maria e Patrícia)

EMFLORES- Encontro de Mulheres da Floresta 2011- Céu da Campina

Figura 3Comitiva da Paraíba e Piauí em Visita a Madrnha Nonata no Rio de Janeiro

Chico Nóbrega, Dávila Andrade, Valdete Mota

APÊNDICE B – Termos de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor,

Esta pesquisa é sobre O Santo Daime no campo da religiosidade popular paraibana e está sendo desenvolvida por Dávila Maria da Cruz A. Nascimento, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof. (a) Drª Maria Lúcia Abaurre Gnerre.

Os objetivos do estudo são analisar os processos de formação e desenvolvimento do Santo Daime como denominação do campo religioso paraibano. A finalidade deste trabalho é contribuir com a construção da memória do Santo Daime na Paraíba, a partir das narrativas dos fundadores e idealizadores da primeira igreja daimista no Nordeste: o Céu da Campina, como das demais igrejas presentes no estado, além de demais participantes dessa história. Com o intuito de mapiar sua história e memória, relatos de curas e como vem se formando o povo daimista paraibano, suas particularidades e tendências.

Solicitamos a sua colaboração para a entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo, e se for o caso, a autorização do uso de imagem, em eventos dessa área de estudos, em revista científica, e na própria dissertação desta pesquisadora. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde, de acordo com a resolução 196/96 da CONEP.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o senhor não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com a entrevista solicitada pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Nos seguintes endereços:

Endereço Setor Trabalho: PPGCR (Centro de Educação)- UFPB

Endereço Pessoal da pesquisadora: Rua Renato de Sousa Maciel, 574 Bessa. CEP: 58035-150. João Pessoa – PB.

Endereço Comitê de Ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS I. Cidade Universitária. Bloco Arnaldo Tavares, sala 812. CEP: 58051-900. Telefone: (83) 3216-7791.

Telefone da pesquisadora: (83) 9925-5142

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Testemunha

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Nos seguintes endereços:

Endereço Setor Trabalho: PPGCR (Centro de Educação)- UFPB

Endereço Pessoal da pesquisadora: Rua Renato de Sousa Maciel, 574 Bessa. CEP: 58035-150. João Pessoa – PB.

Endereço Comitê de Ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS I. Cidade Universitária. Bloco Arnaldo Tavares, sala 812. CEP: 58051-900. Telefone: (83) 3216-7791.

Telefone da pesquisadora: (83) 9633-8219

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Testemunha

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Nos seguintes endereços:

Endereço Setor Trabalho: PPGCR (Centro de Educação)- UFPB

Endereço Pessoal da pesquisadora: Rua Renato de Sousa Maciel, 574 Bessa. CEP: 58035-150. João Pessoa – PB.

Endereço Comitê de Ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS I. Cidade Universitária. Bloco Arnaldo Tavares, sala 812. CEP: 58051-900. Telefone: (83) 3216-7791.

Telefone da pesquisadora: (83) 9633-8219

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Marcone Soares Cortez

Assinatura do Participante da Pesquisa

Anna Sylvia Cavalcanti

Assinatura da Testemunha

Atenciosamente,

Davila Maria da Cruz Andrade

Assinatura do Pesquisador Responsável

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Nos seguintes endereços:

Endereço Setor Trabalho: PPGCR (Centro de Educação)- UFPB

Endereço Pessoal da pesquisadora: Rua Renato de Sousa Maciel, 574 Bessa. CEP: 58035-150. João Pessoa – PB.

Endereço Comitê de Ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS I. Cidade Universitária. Bloco Arnaldo Tavares, sala 812. CEP: 58051-900. Telefone: (83) 3216-7791.

Telefone da pesquisadora: (83) 9633-8219

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Pollyana Matias de Figueiredo Castro.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Larissa Sarmento Leira

Assinatura da Testemunha

Atenciosamente,

Daiila Maria da C. Andrade

Assinatura do Pesquisador Responsável

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Nos seguintes endereços:

Endereço Setor Trabalho: PPGCR (Centro de Educação)- UFPB

Endereço Pessoal da pesquisadora: Rua Renato de Sousa Maciel, 574 Bessa. CEP: 58035-150. João Pessoa – PB.

Endereço Comitê de Ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS I. Cidade Universitária. Bloco Arnaldo Tavares, sala 812. CEP: 58051-900. Telefone: (83) 3216-7791.

Telefone da pesquisadora: (83) 9633-8219

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Larissa Sarmento Lima.

Assinatura da Testemunha

Atenciosamente,

Daila Maria da Cruz A. Nascimento

Assinatura do Pesquisador Responsável

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Nos seguintes endereços:

Endereço Setor Trabalho: PPGCR (Centro de Educação)- UFPB

Endereço Pessoal da pesquisadora: Rua Renato de Sousa Maciel, 574 Bessa. CEP: 58035-150. João Pessoa – PB.

Endereço Comitê de Ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS I. Cidade Universitária. Bloco Arnaldo Tavares, sala 812. CEP: 58051-900. Telefone: (83) 3216-7791.

Telefone da pesquisadora: (83) 9633-8219

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Ronaldo da silva Poitirio

Assinatura do Participante da Pesquisa

Raylla S. Belmont

Assinatura da Testemunha

Atenciosamente,

Davila Maria da Cruz A. Nascimento.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Nos seguintes endereços:

Endereço Setor Trabalho: PPGCR (Centro de Educação)- UFPB

Endereço Pessoal da pesquisadora: Rua Renato de Sousa Maciel, 574 Bessa. CEP: 58035-150. João Pessoa – PB.

Endereço Comitê de Ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS I. Cidade Universitária. Bloco Arnaldo Tavares, sala 812. CEP: 58051-900. Telefone: (83) 3216-7791.

Telefone da pesquisadora: (83) 9633-8219

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

José Francisco R. S. Bernardo

Assinatura do Participante da Pesquisa

Maíra Dias

Assinatura da Testemunha

Atenciosamente,

Gavila Maria da Cruz Andrade Nascimento

Assinatura do Pesquisador Responsável

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Nos seguintes endereços:

Endereço Setor Trabalho: PPGCR (Centro de Educação)- UFPB

Endereço Pessoal da pesquisadora: Rua Renato de Sousa Maciel, 574 Bessa. CEP: 58035-150. João Pessoa – PB. Telefone da pesquisadora: (83) 9633-8219.

Endereço Comitê de Ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS I. Cidade Universitária. Bloco Arnaldo Tavares, sala 812. CEP: 58051-900. Telefone: (83) 3216-7791.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Testemunha

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Nos seguintes endereços:

Endereço Setor Trabalho: PPGCR (Centro de Educação)- UFPB

Endereço Pessoal da pesquisadora: Rua Renato de Sousa Maciel, 574 Bessa. CEP: 58035-150. João Pessoa – PB. Telefone da pesquisadora: (83) 9633-8219.

Endereço Comitê de Ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba- CAMPUS I. Cidade Universitária. Bloco Arnaldo Tavares, sala 812. CEP: 58051-900. Telefone: (83) 3216-7791.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Andréa Carrer Carvalho

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Testemunha

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO 1- Ata de fundação da primeira igreja daimista no Nordeste

Serviço Notarial e Registral
Probo Câmara Júnior
TITULAR
Regina França Isidro
SUBSTITUTA
Rua Vonancio Neiva 122
Fone: 321-3005
Campina Grande - PB
Regina França Isidro
Serviço Notarial e Registral
AUTENTICO
CAMPINA GRANDE
07-03-2006

Ata de posse da Diretoria
do Centro Eclético da Fluente Luz Universal
"Alex Polari de Alverga"
☆ CEFLUAPA ☆

As quinze horas do dia vinte e sete
de novembro de mil novecentos e
noventa e cinco, digo noventa e
quatro, aconteceu a Assembleia
para aprovar Estatuto e dar
posse à diretoria do Centro
Eclético da Fluente Luz Universal
"Alex Polari de Alverga" no sítio
Grota Funda perto de Lagoa Seca
Paraíba. Abriu os trabalhos o
presidente do Ceffluapa, o padrinho
Rômulo Ferreira de Azevedo Filho que
expôs sobre alterações feitas no
Estatuto que em seguida foi
aprovado por unanimidade pelos
membros do Centro. A segunda parte
do tempo da Assembléia foi dedicada
à eleição e posse da diretoria
pioneira do Ceffluapa que ficou
assim definida: presidente
Rômulo Ferreira de Azevedo Filho
eleito pelos filiados para
mandato de dois anos, com poderes
de dirigir os trabalhos espirituais
substituir diretores, presidente este
auxiliado pelo vice, o irmão
Roberto Luis Gil de Requerdo,
comandante do salão junto com
a irmã Petiana comandante

Regina França Isidro
Serviço Notarial e Registral
TITULAR
Regina França Isidro
SUBSTITUTA
Rua Venancio Neiva 122
Fone: 321-3005
Campina Grande - PB
AUTENTICAÇÃO
CAMPINA GRANDE 10.09.2006

da ala das mulheres.

Para primeiro e segundo secretários, tomaram posse os irmãos Francisco Antonio Vieira da Nobrega, autor desta ata, e Jorge de Oliveira Gomes aos quais foram reafirmadas as funções de seus cargos: cabe aos secretários convocar reuniões redigir atas, manter atualizadas as fichas dos membros do Ceplirapa entre outras determinações. Quanto aos cargos de tesoureiros assumiram os irmãos Maria do Socorro Nobrega de Pontes e Marconi Soares Costa. O conselho fiscal do Ceplirapa ficou assim constituido: Maria Luce Cavalcante de Beguerredo Castro, Maria de Fátima Fonseca Brancinaldo Pereira da Silva, José Macedo Neto. Sem nada mais a aprovar, deu, digo o presidente deu por encerrada a assembléia rogando ao Divino Pai Eterno a Jesus Cristo Redentor, a Virgem Soberana Mãe, ao nosso mestre Imperio Juriandan e aos santos da corte celestial, bom seguimento nos trabalhos espirituais no centro Etlético da Eterna Fraternidade Universal Alex Polari de Alverga o padrinho e patrono perpétuo do Ceplirapa

Serviço Notarial e Registral
Probo Cunha Júnior
TITULAR
Regina França Isidro
SUBSTITUTA
Rua Venancio Neiva 122
Fone: 321-3005
Campina Grande - PB

-03-

6

lidade filiada ao Centro
letico da Fluente Luz Universal
Raimundo Irineu Serra, centuri
com sede na vila céu do mapiá
Amazonas, Brasil

Salve esta data!

Sitio Grota Funda
agora chegou céu da campina, 27 de novembro de 1996

Abaixo assinados os participantes
desta assembléia.

Francisco Antonio Vieira de Nobrega
Alexandre Ruben da Macêdo Costa
José Magalhães Neto
Leonaide Gomes de Moura
Raimundo Batista de Oliveira
Maria José Nascimento Menezes de Souza
Josefina Maria da Silva Batista

Serviço Notarial e Registral
Probo Câmara Júnior
TITULAR
Regina França Isidro
SUBSTITUTA
Rua Venancio Neiva 122
Fone: 321-3005
Campina Grande - PB

Regina França Isidro
Serviço Notarial e Registral
AUTENTICAÇÃO
01.03.2006

Regina França Isidro
SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL
Registro de Títulos e Documentos
Campina Grande - Paraíba

CERTIDÃO

Certifico, que, de acordo com o Art.217 do Novo Código Civil Brasileiro e a pedido de pessoa interessada, que, revendo os arquivos do Registro Civil das Pessoas Jurídicas, a meu cargo, nele verifiquei constar na Pasta de arquivamento do Estatuto do: **CENTRO ECLÉTICO DA FLUENTE LUZ UNIVERSAL "ALEX POLARI DE ALVERGA" – CEFLUAPA**, registrado sob **N° 722**, Livro **A – 04**, datado de **13/09/1995**.

Certifico, ainda que, consta o registro **N° 45.403**, Livro **A – 06**, datado de **03/08/2005**, que trata de uma **ATA DE REFORMA DE ESTATUTO**, na qual consta da mesma ata, **ELEIÇÃO E POSSE DA DIRETORIA** ,documentos estes totalizando 04 (quatro) laudas, devidamente rubricadas e autenticadas pelo titular deste Serviço Registral, cujo inteiro teor segue em anexo.

O referido é verdade e ao arquivo do ***Serviço do Registro Civil das Pessoas Jurídicas*** se reporta. Para constar, mandei emitir esta CERTIDÃO, que subscrevo e dou fé.

Campina Grande (PB), 07 de Fevereiro de 2006.

Probo Câmara Júnior
- Registrador -

Rua Venâncio Neiva, 122 - Centro - Campina Grande - Paraíba - Fone: (083)-321.3005 - CEP: 58.100-060